

LUTAS NA ESCOLA

REFLEXÕES E POSSIBILIDADES METODOLÓGICAS

Flávio Py Mariante Neto
Daniel Giordani Vasques
(orgs.)



LUTAS NA ESCOLA

REFLEXÕES E POSSIBILIDADES METODOLÓGICAS

Flávio Py Mariante Neto
Daniel Giordani Vasques
(orgs.)

2024

LUTAS NA ESCOLA REFLEXÕES E POSSIBILIDADES METODOLÓGICAS

Flávio Py Mariante Neto
Daniel Giordani Vasques
(orgs.)

2024

Diagramação e revisão final: Grupo de Estudos Sociais em Educação Física,
Esporte e Lazer – GESOE – UFRGS – CNPq.

Imagem da capa:

sithara – <https://pixabay.com/pt/photos/retrato-boxe-crian%C3%A7a-boxer-5620461/>

A presente obra encontra-se sob os direitos da Creative Commons 4.0
Atribuição-Não Comercial-Sem Derivações – CC BY-NC-ND



M3331 Mariante Neto, Flávio Py (org.)
Vasques, Daniel Giordani (org.)

Lutas na escola: reflexões e possibilidades metodológicas / Flávio Py
Mariante Neto; Daniel Giordani Vasques (orgs.). – Porto Alegre, RS:
GESOE, 2024.
144 p.

ISBN 978-65-00-90788-9

1. Lutas. 2. Escola. 3. Educação Física.
I. Mariante Neto, Flávio Py. II. Vasques, Daniel Giordani. III. Título.

UFRGS

CDD: 796

CDU: 134.3 (81) 000.891

LUTAS NA ESCOLA REFLEXÕES E POSSIBILIDADES METODOLÓGICAS

Flávio Py Mariante Neto
Daniel Giordani Vasques
(orgs.)

2024

O padrão ortográfico e sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autoria. Da mesma forma, o conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade da respectiva autoria.

As versões virtual e impressa dessa obra foram desenvolvidas com autofinanciamento do GESOE.

Copyright © GESOE/UFRGS. 2024. Todos os direitos reservados.

EXPEDIENTE – GESOE

GRUPO DE ESTUDOS SOCIAIS EM EDUCAÇÃO FÍSICA, ESPORTE E LAZER

GRUPO DE ESTUDOS EM SOCIOLOGIA DO ESPORTE

~ Pesquisadores associados e Conselho Editorial ~

Prof. Dr. Daniel Giordani Vasques (UFRGS) – Líder
Prof. Dr. Flávio Py Mariante Neto (ULBRA) – Líder
Profa. Dra. Cibele Kern Biehl (UFRGS)
Prof. Dr. Cristiano Mezzaroba (UFS)
Prof. Dr. Cristiano Neves da Rosa (Prefeitura Municipal de Alvorada)
Prof. Dr. Ekain Zubizarreta Zuzuarregi (Universidad del País Vasco)
Prof. Dr. José Arlen Beltrão de Matos (UFRB)
Profa. Dra. Maitê Venuto de Freitas (Prefeitura Municipal de Porto Alegre)
Prof. Dr. Mauro Myskiw (UFRGS)
Prof. Dr. Victor Hugo Nedel Oliveira (UFRGS)

~ Vinculação institucional ~

Departamento de Educação Física, Fisioterapia e Dança | UFRGS
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança | UFRGS
Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano | UFRGS
Pró-Reitoria de Pesquisa | UFRGS

Departamento de Educação Física | ULBRA
Pró-Reitoria de Pesquisa | ULBRA

Acesso DGP: <https://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/776034> |
<https://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/757998>

SUMÁRIO

	<i>Página</i>
Prefácio Mauro Myskiw	8
Apresentação Flávio Py Mariante Neto, Daniel Giordani Vasques	12
Parte I - O que dizem os estudos sobre lutas	
Capítulo 1. Lutas e Educação Física escolar: tendências e regionalidades na produção acadêmica Flávio Py Mariante Neto, Nicole Marcelli Nunes Cardoso, Daniel Giordani Vasques	16
Capítulo 2. Uma revisão sistemática sobre o ensino das lutas na Educação Física escolar Carla da Silva Ferreira, Tiele Neto Cardoso, Nicole Marcelli Nunes Cardoso, Flávio Py Mariante Neto, Daniel Giordani Vasques	38
Parte II - Propostas e reflexões do chão da escola	
Capítulo 3. Reflexões de um professor-pesquisador sobre o ensino de lutas na Educação Física escolar Daniel Giordani Vasques, Flávio Py Mariante Neto, Maitê Venuto de Freitas	63
Capítulo 4. As lutas como conteúdo da Educação Física escolar: um olhar a partir dos sentidos e das apropriações dos/as alunos/as Maitê Venuto de Freitas, Daniel Giordani Vasques, Flávio Py Mariante Neto	81
Capítulo 5. A dimensão atitudinal no ensino de lutas na escola partir de uma reflexão sobre a ética Flávio Py Mariante Neto, Daniel Giordani Vasques	100

Capítulo 6. Estratégias de ensino das lutas na escola George Almeida Lima, Daniel Giordani Vasques, Flávio Py Mariante Neto	111
Parte III - Sugestões de atividades de lutas Amanda Gomes Souza, Daniel Giordani Vasques, Flávio Py Mariante Neto	124
Sobre os organizadores	140

Prefácio

Ao ler este livro fui me provocando sobre o lugar dele entre as publicações que têm suas preocupações voltadas para o ensino das Lutas na Educação Física escolar. Essa provocação e modo de leitura foi emergindo e se consolidando no transcorrer das páginas, na forma de deslocamentos, com idas e vindas constantes, entre universos acadêmicos e escolares. Minha primeira aprendizagem e destaque, nesse sentido, foi a de que se trata de uma obra em que os autores e as autoras se encontram imersos na interface entre as práticas de pesquisas e práticas pedagógicas sobre/com Lutas na Educação Física escolar.

Em que pese a composição da obra esteja formatada pela compilação de textos que, individualmente, trazem suas mensagens, e a possibilidade de identificar uma direção (um início marcado pelos debates acadêmicos e um final centrado em propostas de práticas pedagógicas para o ensino-aprendizagem das lutas), ao tomar o conteúdo como um todo e ao considerar a experiência de processo de leitura, essa separação (entre os capítulos e a dicotomia teoria-prática) não faz sentido, tamanho é o peso da posição dos autores e das autoras: esse lugar de interface que se retraduz em reflexividade. Isso se constitui no âmbito do GESOE, Grupo de Estudos em Sociologia do Esporte (ULBRA) e Grupo de Estudos Sociais em Educação Física, Esporte e Lazer (UFRGS), coordenados pelos autores-organizadores, agregando outras professoras e outros professores engajados na pesquisa e no ensino.

Não são poucos os argumentos trazidos que sustentam o reconhecimento e a relevância das práticas corporais de lutas como conteúdo estruturante de unidades temáticas na Educação Física escolar. Aprende-se muito sobre isso ao ler o livro. Mas o que logo o leitor e a leitora perceberão é capacidade do trabalho lhe colocar dentro dos debates atuais existentes a respeito das Lutas na Escola. Em diferentes capítulos são descritas e analisadas informações que mostram o 'o estado da questão', principalmente na realidade brasileira. Como são feitas as pesquisas? Quem são as autoras e os

autores? Quais as temáticas, os interesses e as questões abordados? Quais as direções e tendências dos debates atuais? Quais as formas de produção de e de publicação dos conhecimentos? Como essas produções se relacionam com as configurações escolares e as instituições esportivas? O que elas dizem sobre as professoras e os professores, as alunas e os alunos? Essas são algumas das interrogações que os capítulos colaboram na compreensão, por um lado, tratando das barreiras e desafios, e, por outro, das possibilidades de potencialidades de ensino de Lutas na Educação Física escolar.

Ao abordar as barreiras e desafios, a obra não deixa de tocar em questões necessárias para quem se aproxima dessa temática, como quem diz que há muito a ser pensado e resolvido para sua efetivação pedagógica. Entre outras, chamo a atenção para a presença de informações, análises, reflexões e posições sobre os limites da/na formação inicial e continuada dos professores e das professoras, a estigmatização e os preconceitos atrelados às práticas corporais de lutas, à insegurança de docentes que vislumbram a possibilidade de trabalhar com esse conteúdo em unidades didáticas, os medos e receios de discentes e dirigentes quando se deparam com essas propostas de docentes, as carências de infraestrutura e de materiais, as desigualdades regionais, assim como sobre a relação com as ‘modalidades’ de Lutas institucionalizadas e esportivizadas, que têm suas trajetórias e tradições de formação. Noutras palavras, aqueles e aquelas que tiverem a oportunidade de ler este material saberão, com bastante precisão, quais são os desafios de trabalhar com Lutas na Escola, com os quais precisarão, de alguma forma, dialogar.

Esses desafios, embora relevantes na constituição da obra, não ditam a principal mensagem do trabalho que, do modo como o compreendi, envolve apontar possibilidades metodológicas de trabalho na Educação Física escolar. Do ponto de vista de conteúdos e de práticas pedagógicas, quem acessar este trabalho notará com brevidade que além das ‘modalidades de Lutas’ e do fenômeno da ‘esportivização’ como estruturante do ensino-aprendizagem, este bastante centrado em táticas e técnicas – o que não significa diminuir isso e nem deixar de lado – há muito para ser pensado, problematizado

e construído, sobretudo quando se parte da perspectiva de cultura corporal ou das práticas corporais. Nessa abordagem, o presente livro ‘abre muitas janelas’ de oportunidades pedagógicas, passando por propostas baseadas em jogos de Lutas (tradicional-populares, condicionantes, distâncias, lógicas internas), por dimensões (conceituais, atitudinais, procedimentais) chegando em significados e emoções (sensibilidade social, valores éticos, rituais). Dessa forma, aqueles e aquelas que chegam na leitura do último capítulo e se deparam com um conjunto de propostas de práticas pedagógicas terão na sua frente muito mais do que um ‘conjunto de atividades’. Elas serão facilmente lidas como ‘janelas de oportunidades pedagógicas’ para a formação de alunos e de alunas, viáveis e adequadas para/em distintos contextos escolares, ‘no chão da escola’ como referem os autores e as autoras.

E, além de tudo o que foi mencionado, o trabalho guarda uma outra perspectiva transversal, mas que brilha aos olhos nos capítulos centrais. Me refiro a um olhar reflexivo e crítico, porém sem deixar de ser descritivo das experiências e propositivo. Quero dizer que, ao ler, fui entrando nos debates importantes e suas nuances, fui compreendendo os desafios e limitações com os quais se deparam docentes, discentes e dirigentes, fui abrindo janelas de possibilidades de trabalho pedagógico, mas, junto com isso, estive de mãos dadas com análises, reflexões e posições críticas acerca das imbricações, implicações e transversalidades das Lutas com/em fenômenos fundamentais para serem compreendidos numa formação escolar republicana. Dentre eles, sublinho o colonialismo e os pressupostos da pedagogia decolonial, a mercantilização e a espetacularização da/na vida cotidiana e as relações de poder que aparecem quando não se parte de para que servem as práticas corporais de Lutas e, diferente disso, se foca no que significam essas práticas no cotidiano de vida das educandas e dos educandos, assim como da cultura escolar.

Por fim, cabe valorizar a forma de registro linguístico e como ela torna a leitura fluida, sem abandonar os fundamentos e a densidade que a temática merece. Isso se dá, sem dúvidas, pela sua composição do trabalho por professoras-pesquisadoras e professores-

pesquisadores que, atuando na interface entre os universos acadêmico-escolar, escrevem para ‘abrir janelas’ de oportunidades pedagógicas. É uma escrita preocupada em (com)partilhar estudos, análises, experiências e reflexões. É um livro que, como iniciei mencionando neste prefácio, provoca, o que me permite afirmar que a experiência de sua leitura carrega um convite para nos engajarmos em prol de uma maior presença e consistência desta prática da cultura corporal na Educação Física.

Desejo, assim, uma boa leitura e um bom trabalho pedagógico para todas e todos que se engajam nas Lutas na Escola (aqui num duplo sentido)!

Mauro Myskiw

Professor Adjunto da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Docente da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança

Apresentação

Em 'Lutas na Escola: reflexões e possibilidades metodológicas', mergulhamos em uma obra que transcende as fronteiras entre a pesquisa acadêmica e a prática pedagógica, oferecendo uma visão abrangente e reflexiva sobre o ensino das lutas na Educação Física escolar. O texto foi escrito por professores-pesquisadores imersos na interface entre pesquisa e prática, conduzindo os leitores por um intrigante itinerário, destacando as possibilidades metodológicas de incorporar as lutas como conteúdo estruturante do ensino, ao mesmo tempo que nos confrontamos com os desafios e barreiras enfrentados por educadores e alunos.

Este livro é muito mais do que um conjunto de atividades; ele é uma rica fonte de oportunidades pedagógicas, abrindo janelas para o desenvolvimento de alunos e alunas em diversos contextos escolares. Além disso, ao adentrarem nas páginas deste trabalho, esperamos que os leitores sejam guiados por análises críticas que destacam a importância das lutas no contexto da cultura corporal, abordando questões como colonialismo, mercantilização, espetacularização da vida cotidiana e relações de poder. 'Lutas na Escola' é o nosso convite à reflexão e a uma prática pedagógica mais rica e significativa, e promete envolver todos nós em uma jornada de descoberta e transformação.

Apresentamos, assim, na primeira parte do livro, dois capítulos sobre o que vem sendo escrito sobre a temática das lutas na escola. No primeiro trabalho, intitulado: “Lutas e Educação Física escolar: tendências e regionalidades na produção acadêmica”. os autores apresentam um panorama sobre as publicações realizadas em um dossiê temático sobre lutas na escola. Deste modo, ao receber trabalhos de diversos estados do país, os autores fazem uma tessitura de elementos que compõem a prática pedagógica de diversos professores em suas atuações profissionais.

De forma análoga, o segundo capítulo “Uma revisão sistemática sobre o ensino das lutas na Educação Física escolar” traz uma visão abrangente sobre o que vem sendo escrito e publicado no

Brasil sobre a mesma temática. Através de um trabalho criterioso de revisão, os autores refletem sobre a dificuldade de inserção do conteúdo em ambientes formais de ensino. Ademais, a substancialidade do texto e a sua contribuição estão calcadas no reconhecimento da importância das lutas e com a necessidade acadêmica de ‘mostrar caminhos’ de intervenção pedagógica.

A Parte II deste livro oferece uma análise aprofundada de intervenções pedagógicas no ensino de lutas no contexto escolar. Os quatro textos acadêmicos aqui apresentados destacam abordagens diversas, mas convergentes, para a incorporação das lutas no currículo de Educação Física. O capítulo 3 descreve uma pesquisa-ação realizada em uma escola pública federal, onde o professor-pesquisador ministrou aulas de lutas para alunos do 8º e 9º anos, enfocando tanto os aspectos técnicos quanto os valores éticos e atitudinais inerentes à prática. O capítulo 4 destaca a adaptação do conteúdo de lutas para atender às necessidades e desejos dos alunos, promovendo a integridade física, o respeito e a inclusão de alunos com deficiência, bem como de gêneros antes menos participativos.

No capítulo 5, o enfoque recai sobre a relação entre o ensino de lutas e a ética, onde a pesquisa-ação conduzida com alunos do Ensino Fundamental evidencia a relevância das lutas na construção de uma educação pautada na ética e valores. Por fim, o capítulo 6 discute as perspectivas e desafios no ensino de lutas na escola, ressaltando a importância da formação docente e a criação de ambientes pedagógicos que valorizem o desenvolvimento do aluno em diversas dimensões. Em conjunto, esses textos proporcionam uma visão abrangente e aprofundada das práticas de ensino de lutas, explorando aspectos técnicos, éticos e pedagógicos, oferecendo contribuições valiosas para educadores e pesquisadores interessados nesse campo.

Após a parte teórica do livro, composta pelos trabalhos de revisão e trabalhos empíricos, apresentaremos uma proposta de atividades de lutas que podem ser trabalhadas na escola. Esta ideia foi advinda de um processo reflexivo sobre os capítulos que apontou em um caminho de preocupação com a intervenção do professor. Assim, elencamos quarenta atividades, escolhidas a partir da divisão por

distância, tão explorada nos trabalhos apresentados. Assim, queremos que, ao final do livro, o leitor tenha a possibilidade de refletir, compreender e intervir pedagogicamente a partir de análises e propostas que auxiliem na inserção desse conteúdo ao mesmo tempo tão complexo e tão desafiador.

"Lutas na escola: reflexões e possibilidades metodológicas" é um convite à reflexão e à ação. Este livro oferece orientações práticas para educadores, compartilhando estratégias para implementar o ensino das lutas em ambientes escolares. Além disso, ele convida os leitores a considerar o impacto positivo que uma educação com as lutas pode ter no desenvolvimento de uma sociedade mais justa e equitativa.

Neste livro, você encontrará um recurso valioso para promover uma educação crítica e consciente, inspirando a próxima geração a se tornar cidadãos comprometidos com o bem comum. Desejamos a você uma leitura enriquecedora e repleta de reflexões que o motive a fazer a diferença no mundo ao seu redor. Boa leitura e que as lições contidas nestas páginas inspirem a transformação que todos desejamos ver na educação e na sociedade.

Boa leitura!

Flávio Mariante e Daniel Vasques
Organizadores.

Parte I

O que dizem os estudos sobre lutas

Capítulo 1

Lutas e Educação Física escolar: tendências e regionalidades na produção acadêmica¹

Flávio Py Mariante Neto
Nicole Marcellini Nunes Cardoso
Daniel Giordani Vasques

Introdução

No contexto brasileiro, diversos documentos normativos e acadêmicos na área da educação têm destacado as lutas, artes marciais ou modalidades esportivas de combate² como componentes da Educação Física, a serem abordados de maneira pedagógica no ambiente escolar. Trabalhos como "Metodologia do Ensino da Educação Física" [Soares et al. 1992], os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) [Brasil 1997], as propostas apresentadas por Rufino [2012, 2014] e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) [Brasil 2017] exemplificam compilações que buscam reconhecer a relevância do enfoque pedagógico nas lutas dentro da escola. Além disso, tais obras, numa perspectiva de intervenção, abordam desafios no campo e propõem abordagens pedagógicas possíveis para o tema. Essas produções representam, em parte, o resultado do reconhecimento da importância das lutas na sociedade brasileira; simultaneamente, elas

¹ Uma versão aproximada desse capítulo foi publicada como artigo científico na revista *Ensino em Re-Vista* (UFU). Este texto está no prelo.

² Apesar de serem usados aqui como sinônimos, dado que o objeto de estudo é o seu trato no espaço escolar, tais conceitos pressupõem sentidos específicos na cultura brasileira. Lutas são disputas com vistas a subjugar o oponente usando técnicas e estratégias de desequilíbrio, contusão, imobilização ou exclusão de determinado espaço [Brasil 1997]; artes marciais não têm somente o intuito de guerrear, mas também possuem aspectos filosóficos, de autoconhecimento e de autocontrole [Moreno e Ferreira 2017]; esportes de combate pressupõem, por sua vez, a ideia de competição e de regras pré-estabelecidas de forma a padronizar as formas de disputa e controlar a violência.

se configuram como referências que viabilizam e legitimam a inclusão das lutas como conteúdo educacional. Entretanto, apesar desses esforços, parece persistir a dificuldade na implementação efetiva e regular das lutas no âmbito escolar.

Uma das razões apontadas para isso trata dos argumentos que associam o ensino de lutas com o aumento da agressividade e da violência entre os estudantes. Estudos, ao contrário, apontam que tal associação é um estigma [Almeida et al. 2021], uma distorção do ensino das lutas [Ueno e Sousa 2014], e que as práticas pedagógicas na escola devem distanciar as lutas da ideia de violência [Moura et al. 2019]. Não há dúvida que o elemento central do ensino das lutas é atingir, derrubar ou imobilizar o adversário, no entanto, isso só pode ser feito dentro de regras, relativamente rígidas, que preveem precisamente o controle da violência. Outro argumento empregado para sustentar a dificuldade de implementação das lutas na escola trata da dificuldade dos professores em atuar com esse conteúdo. Certos estudos mostram desconfortos docentes em trabalhar com lutas, sobretudo porque não tiveram componentes curriculares na sua formação inicial [Hegele et al. 2018], e ressaltam a importância da formação continuada para o trato desse conteúdo [Borges et al. 2021]. Alguns estudos destacam também a falta de infraestrutura nas escolas [Rufino e Darido 2015] e propõem que o formato das disciplinas de graduação deve ser alterado para privilegiar abordagens estruturadas em similaridades e nos princípios das lutas [Matos et al. 2015], e não em abordagens que privilegiem o ensino de uma ou outra modalidade de luta.

Cabe destacar, no entanto, que nas últimas três décadas houve uma série de transformações nas práticas corporais de lutas, na Educação Física escolar, nos movimentos educacionais e na sociedade brasileira que, apesar de tensionadas, apontam para certa direção civilizadora e decolonial [Sousa et al. 2021], no sentido de direcionar os olhares para as regionalidades - o Brasil é um país de tamanho continental e com traços regionais peculiares - e para as culturas afro-brasileiras e indígenas - afinal, o País é formado por maioria negra e por parcela indígena, povos que foram violentamente massacrados ao

longo da história e que tiveram suas culturas, em grande parte, apagadas ou ignoradas. Um marco desses movimentos se deu em 2003, quando foi implementada a Lei 10.639 [Brasil 2003], que afirmava que todas as escolas deveriam ensinar conteúdos relacionados à história e à cultura afro-brasileiras. O ensino da Capoeira, luta afro-brasileira, ocupou essa função na Educação Física escolar, porém isso se deu de forma limitada, dado que essa é apenas uma das lutas brasileiras e que em algumas realidades escolares nem mesmo a Capoeira era trabalhada. Mais recentemente, professores e pesquisadores brasileiros têm se dedicado a atuar com o ensino de outras modalidades de lutas brasileiras na escola, como a Luta Corporal Indígena [Paiva et al. 2021], a Luta Marajoara [Santos et al. 2020] e o Huka-Huka [Lima e Moura 2022], entre outras. Além disso, o documento normativo mais recente da educação brasileira, a BNCC [Brasil 2017], sugere o trato pedagógico equivalente entre “lutas do Brasil” e “lutas do mundo”, organização que, apesar de críticas [Neira 2018], joga luz para práticas corporais que vinham sendo negligenciadas e desconhecidas pelos currículos escolares.

Em paralelo às preocupações com os apagamentos e desequilíbrios no trato pedagógico das lutas na escola, fazem-se necessárias análises sobre as desigualdades na produção científica sobre o tema, já que tais elementos parecem se atravessar. O estudo de Espírito-Santo et al. [2023] reflete uma realidade relativamente conhecida no País, que mostra que a maioria dos pesquisadores no país são homens brancos (65,8%), enquanto mulheres negras são minoria (0,52%), apesar de 56% da população brasileira se declarar negra [IBGE 2023]. Além disso, as desigualdades na produção científica costumam também se reproduzir quando são analisadas a partir das regiões do País onde atuam os pesquisadores, como demonstrado no estudo de Onofre et al. [2019], que, ao observar a instituição de pertencimento dos primeiros autores de publicações científicas, verificou que a ampla maioria estava vinculado a Instituições de Ensino Superior das regiões Sul e Sudeste, consideradas mais desenvolvidas economicamente em comparação às regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste. Nessa perspectiva, cabe destacar que tais

regiões setentrionais do País são compostas por populações de maioria negra e indígena, ao contrário das regiões meridionais, de ascendência majoritária branca e européia, portanto as características regionais se atravessam na reprodução as desigualdades raciais na produção científica, bem como ajudam a ocultar as manifestações de luta de origem afro-brasileira e indígena.

Alguns estudos de revisão se dedicaram a olhar para a produção científica sobre o ensino de lutas na escola. Costa et al. [2017] buscaram analisar, a partir de seis artigos (publicados de 2006 a 2015), os desafios para o ensino das lutas e apontaram a necessidade de mais propostas de ensino, além de destacarem certo distanciamento entre o que se pesquisa e o que se faz nas escolas. Ferreira et al. [2023] analisaram 38 artigos brasileiros sobre lutas na Educação Física escolar publicados de 2010 a 2020. Os resultados apontaram quatro categorias: 1) espaço e aspectos socioculturais, 2) tecnologias/mídias, 3) currículo e 4) prática pedagógica; as quais destacaram a insegurança docente como um elemento que dificulta a inserção desse conteúdo, e reforçaram a importância da criação de materiais e metodologias para auxiliar o professor. Na literatura estrangeira, chama a atenção a existência de poucas pesquisas sobre o ensino de lutas na escola. O estudo de revisão realizado por Pereira et al. [2022] mostrou que a maioria dos artigos selecionados (n=6) havia sido publicada (entre 1999 e 2015) em periódicos brasileiros, pelo que consideraram que os pesquisadores brasileiros estão mais preocupados com a introdução das lutas na escola, possivelmente, ainda segundo eles, pela inclusão das lutas nos documentos educacionais brasileiros, como os PCNs [Brasil 1997] e a BNCC [Brasil 2017].

Nenhum desses estudos, no entanto, analisou as desigualdades na produção científica. Ademais, todos eles abrangem textos publicados durante as últimas duas ou três décadas, e não têm como foco, portanto, apresentar as tendências contemporâneas da produção científica sobre lutas na escola. Por outro lado, a recente publicação do dossiê “Lutas, Artes Marciais e Esportes de Combate na Educação Física escolar” pela revista científica *Cadernos do Aplicação* representa um estado do conhecimento contemporâneo sobre as lutas

na Educação Física escolar brasileira, dado que todos os artigos foram publicados no primeiro semestre de 2023. Sendo assim, perguntamos: Quais as características e possíveis tendências da produção científica brasileira? O objetivo deste estudo é, portanto, analisar as características e refletir sobre possíveis tendências da produção científica sobre lutas na Educação Física escolar brasileira.

Metodologia

Essa pesquisa se caracteriza como um estudo de revisão da literatura, que busca analisar a distribuição da produção científica sobre um determinado objeto e estabelecer relações contextuais. Especificamente, se caracteriza como uma revisão do tipo ‘estado da questão’, que trata de situar como se encontra o tema no estado atual da ciência, o que requer consulta a documentos substanciais afeitos à construção do objeto de investigação. Portanto, a finalidade é delimitar, clarificar e caracterizar o objeto de estudo por meio de levantamento bibliográfico seletivo, restrito aos estudos e parâmetros próximos às especificidades do interesse do pesquisador [Nóbrega-Therrien e Therrien, 2004; Vosgerau e Romanowski, 2014].

Os artigos foram selecionados a partir da publicação de um dossiê em uma revista científica. Os dossiês são espaços acadêmicos produzidos pelas revistas em parcerias com pesquisadores/organizadores reconhecidos pelo campo, que buscam estimular os pesquisadores de uma determinada área de conhecimento a produzirem e submeterem estudos para avaliação pela revista. A chamada para o dossiê “Lutas, artes marciais e esportes de combate na Educação Física escolar” foi publicada em setembro de 2022 e recebeu textos até 30 de março de 2023, tendo ampla divulgação no universo acadêmico da Educação Física brasileira: site da revista, notificação a autores cadastrados no sistema de periódicos da Universidade, grupos de pesquisadores em WhatsApp e Facebook, postagens no Instagram, bem como pelo envio de e-mails às redes de contatos dos organizadores do dossiê. Tratou-se de um dossiê “aberto”, no sentido de que qualquer pesquisador poderia submeter o seu texto. Todos os

textos submetidos passaram por um processo de avaliação duplo-cego, conforme as normas da revista.

O periódico *Cadernos do Aplicação* é uma revista científica brasileira publicada e organizada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, instituição que está entre as mais bem avaliadas universidades do Brasil. Essa revista se caracteriza por se preocupar com os fazeres pedagógicos da escola. O foco e escopo indicam que a revista “se destina à divulgação de [...] pesquisas relacionadas à construção do conhecimento em diferentes áreas e problemáticas da Educação Básica” [*Cadernos do Aplicação* 2023], etapa que, no sistema educacional brasileiro, corresponde aos nove anos do Ensino Fundamental e aos três anos do Ensino Médio. Dessa forma, a revista busca entender o que os professores e pesquisadores vêm fazendo e o que vêm pesquisando em torno da escola. Nessa perspectiva, a política editorial da revista valoriza a publicação de relatos de experiência de professores-pesquisadores que atuam nas escolas, bem como análises e reflexões sobre os fazeres pedagógicos da escola produzidas por pesquisadores do campo.

O corpus de análise é composto pelos 18 textos que integram o dossiê, os quais foram publicados em fluxo contínuo de abril a julho de 2023. Assim, trata-se de um corpo de textos que tem como aproximação entre eles terem sido produzidos e publicados em uma mesma época, no caso, entre o fim de 2022 e o início de 2023. Sendo assim, cabe considerar que todos foram produzidos em determinado período histórico e conjuntura social. A configuração social brasileira de tal período é marcada pela instabilidades e disputas políticas e, nos universos científico e educacional, pelas lutas pelo reconhecimento de valores humanos e democráticos, e pelo repúdio ao uso da violência e pelo negacionismo como políticas de Estado. Em maior escala, as características contemporâneas desse conjunto de textos possibilitam olhar para transformações e tendências da produção científica sobre o tema na realidade escolar brasileira, a partir dos elementos que têm sido objeto de inquietação de professores e pesquisadores do campo.

Em termos éticos, cabe destacar que todos os documentos analisados são de acesso público no site da revista. Para obter

informações de gênero e raça, foi enviado e-mail aos pesquisadores. Para os dados de regionalidade (estado e região do País), foi considerada a instituição de vínculo do primeiro autor. Foram observados o título, autor, tipo de estudo, instrumentos, objetivo, modalidade de luta, e principais resultados e conclusões. A análise descritiva dos resultados está apresentada, a seguir, em forma de tabelas e texto.

Resultados

A tabela 1 apresenta as características detalhadas destes estudos, no qual constam título, tipo de estudo, objetivo, quais práticas corporais são citadas e os principais resultados. Logo, é importante ressaltar que não foram inseridos na tabela o ano de publicação e nem os periódicos por serem estudos escritos especialmente para o dossiê publicado neste mesmo ano de 2023.

Tabela 1. Características dos artigos.

Autor	Objetivo	Práticas corporais
Furtado [2023]	Apresentar algumas reflexões provenientes de tensões teórico-práticas entre certos conceitos estabelecidos no campo acadêmico.	Luta marajoara, Huka-huka, Artes Marciais Mistas (MMA)
Almeida e Rodrigues [2023]	Caracterizar o conhecimento e as crenças relacionadas ao ensino de Lutas, Artes Marciais e Esportes de Combate, entre professores do Ensino Médio da rede pública do Distrito Federal	Lutas, Artes Marciais, Esportes de Combate
Fonseca et al. [2023]	Relatar a experiência com esgrima e boxe, vivenciada no projeto de extensão Educação Física escolar na perspectiva inclusiva, a partir dos registros dos/as estudantes extensionistas nos diários de campo.	Esgrima, Boxe

Santos et al. [2023]	Apresentar perspectivas didático-pedagógicas relacionadas à Luta Marajoara e contribuir para sua sistematização nas aulas de Educação Física.	Luta Marajoara
Neves et al. [2023]	Compreender o ponto de vista de crianças do 4o ano do ensino fundamental de uma escola pública de tempo integral na cidade de Porto Franco - MA, acerca das lutas.	Lutas na escola - jogos de oposição
Velloso et al. [2023]	Apresentar uma experiência político-pedagógica sobre os aspectos históricos, culturais, sociais, políticos e econômicos do mundo das lutas nas aulas de Educação Física Escolar.	Lutas no geral
Gomes et al. [2023]	Possibilitar reflexões e discussões acerca do ensino das lutas na escola, oferecendo subsídios teórico-práticos, que foram construídos a partir de uma experiência real e concreta, materializada nas aulas de EF.	Lutas no geral
Vidal [2023]	Investigar qual a metodologia de ensino das lutas esportivas utilizadas pelos professores de educação física do ensino fundamental	Lutas esportivas; Artes Marciais
Gonçalves e Abrahão [2023]	Problematizar um dos recursos potencialmente importantes para a aprendizagem da capoeira: a literatura de cordel, bem como sugerir prática docente à luz desse gênero.	Capoeira; Literatura de Cordel
Pereira et al. [2023]	Averiguar o ensino de disciplinas de lutas por professores universitários considerando a base de conhecimentos	Lutas no geral
Cardoso e Furtado [2023]	Compreender as nuances históricas e contemporâneas que envolvem o conceito de esportivização, bem como suas implicações para a Educação Física escolar.	MMA

Urbinati et al. [2023]	Analisar o desenvolvimento de uma proposta de trabalho com o muay thai	Muay thai
Lima et al. [2023]	Relatar a experiência de um professor de educação física em uma turma do 3º ano do ensino médio com o tema da Luta Marajoara.	Luta Marajoara
Farias [2023]	Apresentar um relato de experiência pedagógica tematizando as lutas em um projeto curricular de uma escola pública municipal situada em uma região periférica de São Luís do Maranhão	Artes marciais, Tarracá - valetudo, Luta corpo-a-corpo
Andrade et al. [2023]	Mapear a produção acadêmica sobre o jiu-jitsu difundida nos principais periódicos científicos.	Jiu-jitsu. Arte marcial.
Silva et al. [2023]	Apresentar um relato de experiência do processo de elaboração, implementação e avaliação do projeto de extensão “Jiu-Jitsu UESC versus Covid 19”	Jiu-jitsu.
Lobo et al. [2023]	Discutir o conteúdo “lutas de matrizes indígenas e africanas” com crianças do 4o ano do ensino fundamental, no estágio em Educação Física, da FEFD (Faculdade de Educação Física e Dança da Universidade Federal de Goiás.), dentro da constituição curricular da área, em uma pesquisa participativa.	Lutas de matrizes indígenas e africanas; capoeira e a luta marajoara
Mocarzel et al. [2023]	Trazer luz para 4 blocos dos conteúdos de lutas segundo a BNCC e assim, propiciar reflexões, discussões e sugestões aos docentes de EFE.	Lutas. Artes marciais. Esportes de combate.

Fonte: Autoria.

Dos 18 artigos analisados, seis são de natureza qualitativa e se consideram estudos descritivos [Farias 2023; Lima et al. 2023; Pereira et al. 2023; Gomes et al. 2023; Almeida e Rodrigues 2023; Mocarzel et al. 2023]; quatro são estudos de relatos de experiência [Silva et al. 2023; Velloso et al. 2023; Santos et al. 2023; Furtado 2023]; dois estudos se caracterizam como pesquisa-ação [Urbinati et al. 2023; Fonseca et al. 2023]; dois possuem caráter interventivo e participativo

[Lobo et al. 2023; Neves et al. 2023]; enquanto os outros quatro artigos apresentam diferentes tipos de estudos: uma pesquisa bibliométrica [Andrade et al. 2023], um ensaio teórico [Cardoso e Furtado 2023], uma pesquisa quantitativa [Vidal 2023] e uma pesquisa documental [Gonçalves e Abrahão 2023].

Os principais instrumentos utilizados para coleta de dados foram diários de campos, empregados em seis estudos [Fonseca et al. 2023; Neves et al. 2023; Urbinati et al. 2023; Lima et al. 2023; Farias 2023; Lobo et al. 2023]. Três estudos utilizaram narrativas [Furtado 2023; Velloso et al. 2023], sendo um deles uma revisão narrativa [Mocarzel et al. 2023]. Outros três estudos utilizaram como instrumento de coleta questionários, sendo que um deles empregou um questionário físico durante as entrevistas [Vidal 2023], um estudo utilizou mais de um instrumento sendo o questionário um deles [Urbinati et al. 2023], e o outro usou somente questionário [Almeida e Rodrigues 2023]. Os demais se utilizaram de instrumentos variados, entre eles instrumentos alternativos [Santos et al. 2023], planilha digital [Gomes et al. 2023], visita aos cordéis [Gonçalves e Abrahão 2023], fontes bibliográficas [Cardoso e Furtado 2023], principais periódicos [Andrade et al. 2023 instrumento de avaliação pedagógica [Silva et al. 2023 e um caso de ensino [Pereira et al. 2023].

O objetivo principal mais citado pelos achados direcionaram propostas destinadas aos professores, variando na escolha do verbo que se inicia e relacionando o conteúdo das lutas como uma possibilidade de ensino para os professores, totalizando seis estudos, em que se preocupavam com: “caracterizar o conhecimento”, “apresentar perspectivas didático-pedagógicas”, “possibilitar reflexões”, “investigar qual a metodologia”, “problematizar recursos” e “averiguar o ensino” [Almeida e Rodrigues 2023; Santos et al. 2023; Gomes et al. 2023; Vidal 2023; Gonçalves e Abrahão 2023; Pereira et al. 2023]. Outros cinco autores tinham como objetivo “apresentar” ou “relatar uma experiência” [Fonseca et al. 2023; Velloso et al. 2023; Lima et al. 2023; Farias 2023; Silva et al. 2023]. Dois estudos têm como objetivos “compreender e discutir os conteúdos de lutas com os alunos” [Neves et al. 2023; Lobo et al. 2023). E os demais estudos

tenham como objetivo as lutas de fato, seja: “compreender as nuances”, “analisar o desenvolvimento”, “mapear a produção acadêmica”, “trazer luz para os conteúdos” e “apresentar reflexões” [Cardoso e Furtado 2023; Urbinati et al. 2023; Andrade et al. 2023; Mocarzel et al. 2023; Furtado 2023]

As práticas corporais mais utilizadas nos estudos foram as artes marciais, com total de sete autores que citam essa luta [Furtado 2023; Almeida e Rodrigue, 2023; Vida, 2023; Cardoso e Furtado 2023; Farias 2023; Andrade et al. 2023; Mocarzel et al. 2023]. Em seguida, os achados apresentam as “lutas de modo geral” como a segunda prática mais utilizada, que se trata de quando os autores não se referem a uma modalidade de luta em específico, e sim no conteúdo de forma ampla [Almeida e Rodrigues 2023; Velloso et al. 2023; Gomes et al. 2023; Pereira et al. 2023; Mocarzel et al. 2023]. Ainda, alguns estudos citam algumas variações dessas lutas: Lutas na escola [Neves et al. 2023], Lutas esportivas [Vidal 2023], Lutas de matrizes indígenas e africanas [Lobo et al. 2023] e Luta corpo-a-corpo [Farias 2023]. A luta marajoara foi referida quatro vezes [Furtado 2023; Santos et al. 2023; Lima et al. 2023; Lobo et al. 2023]. Logo depois, foram citadas duas vezes o jiu-jitsu [Andrade et al. 2023; Silva et al. 2023], os esportes de combate [Mocarzel et al. 2023; Almeida e Rodrigues 2023] e a capoeira [Lobo et al. 2023; Gonçalves e Abrahão 2023]. As demais práticas corporais foram citadas apenas uma vez: esgrima e boxe no mesmo estudo [Fonseca et al. 2023], muay thai [Urbinati et al. 2023], Tarracá e vale-tudo no mesmo estudo [Farias 2023] e huka-huka [Furtado 2023].

Os resultados vão de encontro com os objetivos, então para os estudos que se preocuparam com apresentar propostas para os professores foram encontrados os seguintes resultados: que o conhecimento dos professores é incipiente para com o conteúdo de lutas e apresentam falhas na formação inicial [Almeida e Rodrigues 2023]; que o ensino das lutas resultou positivamente na formação dos estudantes, apresentando como os professores podem trabalhar [Santos et al. 2023]. Em concordância, outros estudos apresentaram sugestões e metodologias, de forma prática ou encontradas na

literatura, que os docentes podem utilizar as lutas nas aulas de Educação Física [Gomes et al. 2023; Vidal 2023; Gonçalves e Abrahão 2023]. Um dos estudos preocupou-se com os futuros professores que estão por vir, com isso analisou o ensino das lutas na formação inicial dos professores [Pereira et al. 2023].

Outros estudos que tiveram relatos de experiência como objetivo, variaram bastante seus resultados obtidos, entre eles as estratégias inclusivas de diversificação dos conteúdos foram potentes para ampliar a participação dos alunos [Fonseca et al. 2023]; conscientização dos alunos e reflexão sobre a possibilidade de efetivação da Educação Física escolar para contribuição na educação politécnica [Velloso et al. 2023]; que as lutas podem ser tematizadas e problematizadas de forma crítica e dialogada [Lima et al. 2023]; que foi possível abordar conteúdos teóricos e práticos em um ambiente virtual [Silva et al. 2023]; e uma forte associação, por parte dos alunos, das lutas com a violência e conhecimentos vindo das mídias [Farias 2023]. Seguindo nessa lógica de resultados acerca das percepções dos alunos, dois estudos encontraram resultados semelhantes sobre a compreensão dos alunos sobre lutas estar associada a condutas violentas [Neves et al. 2023; Lobo et al. 2023], ainda que aprendessem no cotidiano dentro e fora da escola.

O restante dos estudos obteve resultados um pouco mais diversificados, entre eles, dois estudos encontraram resultados sobre a esportivização do MMA, através de uma nova noção do conceito, diferente do clássico e até afirmam que este conceito clássico é insuficiente para explicar o fenômeno do MMA [Cardoso e Furtado 2023; Furtado 2023]. Um dos estudos se refere a resultados voltados especificamente para a prática do muay thai, de encontrarem grandes possibilidades de se trabalhar com a modalidade e ainda fizeram uma dissociação da prática com a violência [Urbinati et al. 2023]. Outro estudo foi mais específico sobre os períodos que vêm publicando sobre lutas e ainda sobre o período em que ocorreram mais publicações, que foi no ano de 2010, e que esses estudos foram voltados para a prática do Jiu-jitsu com estudos mais qualitativos [Andrade et al. 2023]. Por fim, um dos estudos encontrou resultados sobre as aprendizagens dos

alunos ao praticarem lutas na escola, que esses adquiriram habilidades e competências desde a prática corporal como defesa-pessoal, autoconhecimento e prevenção-promoção da saúde ou o autocuidado com as lutas [Mocarzel et al. 2023].

Uma análise resumida dos autores dos artigos encontrados é apresentada na Tabela 2. Os estudos foram caracterizados quanto à instituição pertencentes no momento em que escreveram a pesquisa, estado e região dos primeiros autores.

Tabela 2. Características dos autores.

n	Instituição do primeiro autor	Estado e região do país
1	Escola de Aplicação da UFPA	Pará - NORTE
2,3	Secretaria de Educação do DF	Brasília - CENTRO OESTE
4,5,6	Escola de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Rio de Janeiro	Rio de Janeiro - SUDESTE
7,8,9	Secretaria Municipal de Educação de Soure-Marajó	Pará - NORTE
10,11,12,13	Secretaria Municipal de Educação de Porto Franco – MA	Maranhão - NORDESTE
14,15,16,17	Instituto Federal de São Paulo	São Paulo - SUDESTE
18,19,20	Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas	São Paulo - SUDESTE
21	Ugv Centro Universitário	Paraná - SUL
22,23	Colégio Estadual Kleber Pacheco de Oliveira, de Lauro de Freitas (BA)	Bahia - NORDESTE
24,25,26,27,28	Faculdade de Americana (FAM)	São Paulo - SUDESTE
29	Universidade Federal do Pará (UFPA)	Pará - NORTE
30,31,32	Universidade Católica do Paraná	Paraná - SUL
33,34,35	Secretaria de Educação do Estado do Ceará (SEDUC/CE)	Ceará - NORDESTE

	Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT)	Tocantins - NORTE
36,37,38,39	Prefeitura Municipal de Salvador.	Bahia - NORDESTE
40,41,42,43	Universidade Estadual de Santa Cruz – Ilhéus, BA	Bahia - NORDESTE
44,45,46,47,48,49	Universidade Federal de Goiás	Goiás - CENTRO
50,51,52	UFRJ	Rio de Janeiro - SUDESTE

Fonte: Aatoria.

Em relação aos autores e autoras dos estudos foi possível localizar um total de 52 indivíduos. No que se refere às instituições pertencentes dos primeiros autores dos achados, a maioria disse ser pertencentes a instituições de ensino básico, como escolas públicas, enquanto os demais se vincularam a instituições de ensino superior, de universidades privadas e públicas. Oito primeiros autores se vincularam a escolas de educação básica, em que três são de escolas estaduais/distritais [Gonçalves e Abrahão 2023; Lima et al. 2023; Almeida e Rodrigues 2023], três são de escolas municipais [Santos et al. 2023; Neves et al. 2023; Andrade et al. 2023] e os outros dois são de escolas federais [Furtado 2023; Velloso et al. 2023]. Os primeiros autores dos outros dez estudos identificam-se como pertencentes a instituições de ensino superior, sendo cinco deles a universidades federais [Fonseca et al. 2023; Cardoso e Furtado 2023; Farias 2023; Lobo et al. 2023; Mocarzel et al. 2023], dois de universidades estaduais [Gomes et al. 2023; Silva et al. 2023] e três a instituições particulares [Vidal 2023; Pereira et al. 2023; Urbinati et al. 2023].

Sobre a localização dos primeiros autores dos textos, observou-se uma diversificação de regiões do Brasil. Dos 18 estudos, cinco deles têm origem no Nordeste do País: três são da Bahia [Gonçalves e Abrahão 2023; Andrade et al. 2023; Silva et al. 2023], um do Ceará [Lima et al. 2023] e um do Maranhão [Neves et al. 2023]. Outros cinco autores têm origem no Sudeste: três são de São Paulo [Velloso et al. 2023; Gomes et al. 2023; Pereira et al. 2023] e dois do

Rio de Janeiro [Fonseca et al. 2023; Mocarzel et al. 2023]. Quatro autores são da região Norte: sendo três do Pará [Cardoso e Furtado 2023; Furtado 2023; Santos et al. 2023], e um de Tocantins [Farias 2023]. Ainda, dois textos são do Centro-Oeste: um de Goiás [Lobo et al. 2023] e outro do Distrito Federal [Almeida e Rodrigues 2023]. E por fim, os outros dois são da região Sul, do Paraná [Vidal 2023; Urbinati et al. 2023].

Outras duas questões referentes aos autores analisados foram o gênero e a raça. Para isso, foi enviado para todos os autores dos textos um questionário perguntando com qual gênero se identificavam e com qual raça se autodeclaravam. Obtivemos um total de 25 respostas apenas, dos 52 autores.

Sobre o gênero, dos 25 que retornaram, oito se identificam como gênero feminino, enquanto 17 se consideram do gênero masculino. No entanto, devido ao baixo retorno dos autores, fizemos um trabalho, ainda que impreciso, de deduzir o gênero a partir do primeiro nome, buscando essa informação nos currículos públicos dos pesquisadores no sistema brasileiro de pesquisa Plataforma Lattes. Com isso, foi possível concluir que dos 52 autores, apenas 14 são do gênero feminino.

Com relação aos artigos, somente sete estudos, dos 18, possuem alguma autora mulher [Fonseca et al. 2023; Velloso et al. 2023; Gomes et al. 2023; Urbinati et al. 2023; Pereira et al. 2023; Silva et al. 2013; Lobo et al. 2023]. Além disso, apenas quatro deles possuem como primeira autora uma mulher [Fonseca et al. 2023; Velloso et al. 2023; Gomes et al. 2023; Urbinati et al. 2023]. Em tempo, cabe destacar que apenas dois textos foram escritos exclusivamente por autoras mulheres [Fonseca et al. 2023; Gomes et al. 2023], enquanto 16 possuem algum homem como autor. Sobre a questão de raça, das 25 pessoas que responderam, 18 se autodeclararam brancas, três pardas, duas pretas e duas amarelas.

Discussão

O presente trabalho elencou algumas discussões sobre a inserção de lutas na escola. Basicamente, podemos inferir que o desenvolvimento dessas atividades em ambiente formal de ensino é circundado por aspectos relacionados à falta de uma formação específica em relação ao professor de educação física [Rufino e Darido, 2015]. Segundo essa percepção, há uma limitação de formação do profissional em relação a esse conteúdo específico. As universidades ainda possuem dificuldades em pensar o currículo a partir de uma prática que seja condizente com as especificidades do labor pedagógico.

Além disso, há outra problemática apresentadas na construção teórica da área e que diz respeito á falta de estrutura de algumas escolas, que não apresentariam condições básicas do ensino das lutas. Ademais, a realidade educacional brasileira passa longe de ser considerada ideal para os critérios internacionais de ensino e os problemas extrapolam as condições estruturais, passando pelos baixos salários, pela sobrecarga de trabalho e pela desvalorização docente.

Apesar disso, os trabalhos escritos para o dossiê apresentam linhas de pensamento que conseguem diminuir os efeitos deletérios que essas dinâmicas sociais podem provocar no processo educacional.

O fato de os trabalhos trazerem os problemas de condução docente em torno das lutas já é um avanço dentro da teoria, na medida em que há uma preocupação em unísono em torno da temática. O fato de haver autores de todo o país com a preocupação de engendramento das lutas com os conteúdos da educação física é fato positivo e profícuo, pois mostra um país com docentes preocupados com o ensino das lutas, nas suas diferentes formas.

Outro fato que se deve levar em consideração é a predominância masculina entre os autores dos estudos. As lutas são um ambiente predominantemente masculino [Thomazzini et al. 2008] e isso parece materializar-se em relação aos estudos apresentados no dossiê. A dificuldade das mulheres em entrar em um ambiente tradicionalmente masculino parece romper as paredes de academias e

centros de treinamento e ser reproduzida, também, no ambiente acadêmico.

Metodologicamente, um problema antigo e relatado por alguns autores [Rufino et al. 2014] é tematizado: a abordagem do ensino das lutas a partir de modalidades específicas. As especificidades das modalidades são, muitas vezes, um fator pedagógico limitante. Seria pouco provável um professor de educação física ter conhecimento prático de todas as modalidades em que atue, por isso, uma proposta pedagógica mais relativista e que tenha como base elementos gerais das lutas parece ser uma melhor opção dentro do espectro de ensino.

Os trabalhos apresentados vão ao encontro das afirmações do parágrafo anterior. Apesar de haver muitos trabalhos calcados em modalidades como o jiu-jitsu ou o MMA, o trabalho com “lutas em geral” ou “jogos de oposição” é uma aposta metodológica relevante. Se há uma dificuldade de inserção das lutas na escola, relacionada à falta de formação e à relação entre lutas e violência, o trabalho com os ‘jogos de luta’ pode ser um elemento que aponte para um novo caminho de atuação.

Ainda, há outro ponto que precisa ser discutido: as questões regionais são normalmente pouco trabalhadas na prática na escola. O que Souza et al. [2021] chamam de ‘colonialismo’ é uma reprodução de práticas advindas de outras regiões do mundo e que, de alguma forma, perfazem o rol de modalidades trabalhadas normalmente em ambiente escolar.

Assim, os trabalhos do dossiê vão no sentido de oferecer novas possibilidades de modalidades pouco difundidas nesse contexto. Trabalhos sobre o Tarracá, a luta Marajoara e as lutas de matrizes indígena e africana são indícios de uma nova proposta em relação ao ensino das lutas, mostrando que as regionalidades são fundamentais e os processos metodológicos devem passar pelas especificidades de contexto. Trazer esses elementos para os trabalhos acadêmicos ajuda a pensar o ensino a partir de uma diversidade cultural que pouco tem sido pensada.

Assim, o dossiê abre possibilidades de pensamento e amplia o sentido pedagógico. O Brasil é um país de dimensões continentais e a heterogeneidade de manifestações enriqueceu de forma substancial o entendimento que temos, hoje, sobre os processos de ensino e de aprendizagem.

Conclusão

Esse estudo teve como objetivo refletir sobre o ensino de lutas na escola a partir de trabalhos escritos para um dossiê sobre a temática. Durante o exposto tivemos a possibilidade de acompanhar as discussões oriundas de diversas regiões do país e que tiveram como base práticas pedagógicas de intervenção

Ressaltamos a importância desse tipo de proposta que visa o aprofundamento e uma espécie de ‘compreensão do campo temático’ que potencializa e direciona os olhares, as reflexões e as propostas. Essa questão – propositiva – foi elemento fulcral dentro das discussões, e o enriquecimento proporcionado pelos dados culminou com uma série de elementos que irão ser debatidos e pensados no porvir.

A variação da metodologia também chama atenção nos trabalhos: pesquisa-ação, estudos de caso, pesquisas documentais, trabalhos quantitativos mostram a diversidade das intervenções e demonstram que as lutas podem ser analisadas por diferentes olhares teórico-metodológicos.

Ademais, as questões apresentadas nas discussões deste estudo também requerem um olhar mais profundo. O ambiente das lutas ainda parece ser substancialmente masculino e os dados são condizentes nesse sentido. Além disso, o ensino por modalidades, principalmente as modalidades mais tradicionais devem ser relativizadas, na medida em que os novos olhares pedagógicos pressupõem o incremento de propostas que abranjam olhares mais inclusivos.

Esses olhares devem relacionar as novas propostas com as regionalidades. Deste modo, as metodologias devem ater-se não

apenas a forma de ensino, mas também ao conteúdo ensinado. Aprender sobre as questões específicas da cultura brasileira fará com que os discentes tenham um desenvolvimento simbólico e motor mais potencializado.

Por fim, é importante que façamos uma reflexão sobre a importância da elaboração de dossiês temáticos. A potência acadêmica e reflexiva proporcionada pela união de obras relativas a uma temática específica é um catalizador de processos analíticos capazes de compreender refletir e ampliar pensamentos. Sendo assim, estimulamos que mais trabalhos como esse, sobre lutas ou sobre outros temas pertinentes a áreas diversas, sejam elaborados. Além disso, encorajamos autores e professores a debater sobre seus fazeres pedagógicos e a dividir com a comunidade científica suas relações com o campo de trabalho.

Referências

Almeida, L.M., Costa R.B.F., Venâncio L., Sanches Neto L. (2021), Desmistificando as práticas de lutas e problematizando questões relacionadas à violência nas aulas de Educação Física, “Cenas Educacionais”, v. 4, e12163.

Borges L.N., Fernandes M.P.R., Cisne M.D.N., Ferreira H.S. (2021), Formação de professores para o ensino de lutas na educação física escolar: o estado da questão. “Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação”, v. 16, n. esp.3, pp. 1547-1561.

Brasil, (1997) Secretaria de Educação Fundamental, “Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física”, Brasília, Df: Mec/Sef.

Brasil, Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-brasileira”, e dá outras providências.

Brasil, Ministério da Educação. Secretária de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, DF: MEC, 2017.

Cadernos do Aplicação, 2023. Sobre a revista.

Costa A.V., Lage V., Safons M., Costa F.R. 2019, Desafios para o ensino das lutas na escola: um panorama a partir da base de dados do portal de periódicos da capes, “Cadernos de Formação RBCE”, pp. 44-56.

Espírito-Santo G., Palma A., Vasconcelos R.V., Assis M.R., Loterio C.P., (2023), Desigualdades interseccionais nos programas de pós-graduação stricto sensu em educação física. “Educação E Pesquisa”, v. 49, e252722.

Ferreira C.S., Cardoso N.M.N., Cardoso T.N., Mariante Neto F.P., Vasques D.G., (2023), the teaching of fights in school physical education: a state of knowledge of brazilian studies, “J Phys Educ [Internet]”. v. 34, e3417.

Hegele B., González F.J., Borges R.M., (2018), Possibilidades do ensino das lutas na escola: uma pesquisa-ação com professores de educação física. “Caderno de Educação Física e Esporte”, v. 16, pp. 99-107.

IBGE, 2023,

<https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/indicadores.html>

Lima, G.A., Moura D.L., (2022) Reflexões sobre o desenvolvimento da huka-huka nas aulas de educação física: uma revisão integrativa. “Revista Prática Docente”, v. 7, n. 1, pp. e019.

Matos J.A.B., Hiramã L.K., Galatti L.R., Montagner P.C., (2015), A presença/ausência do conteúdo lutas na educação física escolar: identificando desafios e propondo sugestões, “Conexões”, v. 13, n. 2, pp. 117-135

Moreno D.B., Ferreira H.S., (2017), Lutas na Educação Física escolar: possibilidade de acordo com as dimensões conceituais,

procedimentais e atitudinais. In: PONTES JUNIOR, José Airton de Freitas (org.), “Conhecimentos do professor de educação física escolar”, E-book.

Moura D.L., Silva Junior I.A.L.S., Araujo, J.G.E., Sousa C.B., Parente M.L.C., (2019), O ensino de lutas na Educação Física Escolar: uma revisão sistemática da literatura. “Pensar a Prática”, v. 22.

Neira M.G., (2018), Incoerências e inconsistências da BNCC de Educação Física, “Revista Brasileira De Ciências Do Esporte”, v. 40(3), pp. 215–223.

Nóbrega-Therrien S., Therrien J., (2004) O estado da questão: sua compreensão na construção de trabalhos científicos: reflexões teórico-metodológicas. “Estudos em Avaliação Educacional”, v. 15, n. 30, pp. 5-16.

Onofre T., Colângelo J.V.M., Lino W., (2019) Balanço bibliométrico da produção científica em políticas públicas de lazer - brasil 2012/2017, “Revista Brasileira de Ciência e Movimento” v. 27 n. 1

Paiva L., Vargas F.M.F., Justamand M., Mousse C., Paiva L., (2021), Luta corporal indígena: contribuições à base nacional comum curricular (BNCC), " Revista de Estudos Amazônicos – UFAM", n. 2, v. 2.

Pereira M.P.V.C., Foll A.M.F.J., Trusz R., Farias G.O., (2022), Scientific production on martial arts and combat sports content in school physical education: a review study. “*Ido Movement for Culture: Journal of Martial Arts Anthropology*”, v. 22, n. 3, pp. 33-43.

Rufino L.G.B., (2012), Pedagogia das lutas: caminhos e possibilidades, “Paco Editorial”.

Rufino L.G.B., In: González F.J., Darido S.C., Oliveira A.B. (org.), (2014), Lutas, capoeira e práticas corporais de aventura: Práticas corporais e a organização do conhecimento, “Eduem”, v. 4.

Rufino L.G.B., Darido S.C., (2015), O ensino das lutas nas aulas de Educação Física: análise da prática pedagógica à luz de especialistas, “Revista da Educação Física / UEM”, v. 26, n. 4, pp. 505-518.

Santos C.A.F., Gomes I.C.R., Freitas, R.G., (2020), Luta marajoara: lugar ou não lugar no currículo de uma IES pública do estado do Pará, "Motrivivencia", v. 32, n. 61, pp. 01-24.

Soares C.L., Taffarel C., Varjal E., Castellani Filho L., Escobar M.O., Bracht V., (1992), Metodologia do ensino da Educação Física, “Cortez”.

Sousa C.A., Costa T.B., Ehrenberg M.C., (2021), Educação Física decolonial: análise, desafios e perspectivas em Paulo Freire e Frantz Fanon, “Educação”, v. 46(1), e. 112 pp. 1–27.

Thomazini S., Moraes C., Almeida F., (2008), Controle de si, dor e representação feminina entre lutadores(as) de Mixed Martial Arts (MMA). “Pensar a Prática”, v. 11, n. 3.

Ueno V.L.F., Sousa M.F., (2014), Agressividade, violência e budô: temas da Educação Física em uma escola estadual de Goiânia. “Pensar a Prática”, v. 17, n. 4.

Vosgerau D.S.R., Romanowski J.P., (2014), Estudos de revisão: implicações conceituais e metodológicas, “Revista Diálogo Educacional”, v. 14, pp. 165–189.

Capítulo 2

Uma revisão sistemática sobre o ensino das lutas na Educação Física escolar³

Carla da Silva Ferreira
Tiele Neto Cardoso
Nicole Marcelli Nunes Cardoso
Flávio Py Mariante Neto
Daniel Giordani Vasques

Introdução

A Educação Física é entendida, segundo a LDB⁴ (BRASIL, 1996), como componente curricular da escola que trata do conhecimento relacionado à cultura corporal de movimento, e que tem o objetivo de fazer com que os alunos construam conhecimento acerca dos conteúdos referentes à cultura corporal. A proposta da Educação Física escolar (EFE) é fazer com que os alunos tenham a oportunidade de vivenciar uma grande variedade de estímulos e diferentes práticas corporais, levando em consideração que a escola tem como objetivo formar cidadãos críticos, capazes de compreender as características sociais, cognitivas, éticas, culturais, das práticas corporais.

As lutas enquanto conteúdo e unidade temática da Educação Física, objetivam as disputas corporais, onde os participantes utilizam “técnicas, táticas e estratégias específicas para imobilizar, desequilibrar, atingir ou excluir o oponente de um determinado espaço, combinando ações de ataque e defesa dirigidas ao corpo do

³ Uma versão aproximada e em língua inglesa desse capítulo foi publicada como artigo científico na revista *Journal of Physical Education (UEM)*, volume 34, número 1, ano de 2023. Disponível em <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/65697> Acesso em: 03 nov. 2023.

⁴ LDB: Lei de Diretrizes e Bases.

adversário.” (BRASIL, 2018, p. 218). Já segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais:

As lutas são disputas em que o(s) oponente(s) deve(m) ser subjugado(s), com técnicas e estratégias de desequilíbrio, contusão, imobilização ou exclusão de um determinado espaço na combinação de ações de ataque e defesa. Caracterizam-se por uma regulamentação específica a fim de punir atitudes de violência e de deslealdade. Podem ser citados como exemplos de lutas desde as brincadeiras de cabo-de-guerra e braço-de-ferro até as práticas mais complexas da capoeira, do judô e do caratê. (BRASIL, 1998: p. 70).

A tarefa de lecionar o conteúdo das lutas nas escolas apresenta inúmeras dificuldades para sua aplicabilidade, a falta de estrutura física, materiais e vestimentas apropriados são as principais causas apontadas nos estudos (CAMARGO *et al.* 2013; MAZINI FILHO *et al.* 2014). Outro aspecto que merece destaque é a precariedade na formação profissional inicial e continuada dos professores (CAMARGO ET AL. 2013; RUFINO E DARIDO, 2015), a qual contribui de modo direto na insegurança (RUFINO E DARIDO, 2015) e até na falta de interesse destes em desenvolver o conteúdo das lutas (FONSECA *et al.* 2013). As pesquisas também apontam que as lutas são ligadas a representações de violência, causando uma série de preconceitos e opiniões descontextualizadas, os quais são pautados muitas vezes pela ótica do senso comum (UENO E SOUZA, 2014; CAMARGO ET AL. 2013; MOREIRA E MAROUN, 2015), e muito influenciados pelos filmes, desenhos e mídias, que expõem as lutas muitas vezes de uma maneira limitada e negativa (LEITE ET AL. 2012; UENO E SOUZA, 2014). Sendo assim, os referidos fatores mostram-se decisivos para o conteúdo das lutas ser pouco explorado no contexto escolar.

Em relação às possibilidades, o conteúdo das lutas deve ser adaptado ao contexto escolar que está inserido. Para tanto, pode se considerar alguns aspectos para o processo de ensino e aprendizagem

do tema, a vivência de situações que envolvam perceber, relacionar e desenvolver as capacidades físicas e habilidades motoras presentes nas lutas praticadas na atualidade; vivência de situações em que seja necessário compreender e utilizar as técnicas para a resolução de problemas em situações específicas – tais como as técnicas e táticas de ataque e defesa – e também vivências de atividades que envolvam as lutas dentro do contexto escolar (BRASIL, 1998). Rufino e Darido (2015), ao analisarem a opinião de professores universitários sobre a prática pedagógica nas aulas de Educação Física na escola identificaram que a produção de livros e/ou materiais didáticos foi destacada com maior ênfase pelos entrevistados, sendo mencionada como “um norte, um referencial de consulta” no auxílio aos professores. Já sobre metodologias propostas, Lopes e Kerr (2015) e Cirino (2013) apontam os jogos de lutas como possibilidade de inclusão das lutas no contexto escolar, por modelos adaptados, proporcionando uma experiência lúdica das lutas na escola.

De acordo com Camargo *et al.* (2013), o conteúdo de lutas possui fundamentos que embasam a práxis, desde que seja desenvolvida de maneira adequada. As lutas devem ser inseridas no currículo escolar, mesmo que o docente não possua uma formação em determinada modalidade. Para diversificar, estes autores sugerem que o professor poderá, por exemplo, apresentar para os alunos um profissional de alguma modalidade específica; além disso, sugere o uso de tecnologias para planejar e aplicar conteúdos e dar possibilidades para que os alunos possam se interessar e desmistificar a ideia de que lutas não podem ser introduzidas no ambiente escolar. Através de jogos de oposição, karatê, judô e esgrima, Lima Junior e Chaves Junior (2011) mostram possibilidades de colocar em prática o conteúdo das lutas na Educação Física escolar, relatando que a intervenção ajudou no processo de aceitação da luta no contexto escolar e também na ideia de que lutas não estão associadas com violência. Para Mazini Filho *et al.* (2014) o conteúdo das lutas vem sendo trabalhado de forma inadequada e muitas vezes nem é colocado em prática. Os autores sugerem que são necessárias capacitações profissionais específicas nesta área de intervenção e que podem ser

auxiliadas pelos PCNs (BRASIL, 1998), reforçando o ensino das lutas na Educação Física escolar.

Alguns autores já realizaram **revisões** da literatura no que se refere ao conteúdo das lutas na Educação Física escolar (COSTA *et al.* 2019; MOURA *et al.* 2019; PEREIRA *et al.* 2017; ALMEIDA, 2019). Tais estudos objetivam apresentar os desafios e dificuldades da aplicação do conteúdo das lutas na escola, assim como aproximações e possibilidades metodológicas para se desenvolver. Destacam as dificuldades, como a aproximação do conteúdo com a violência, a falta de infraestrutura e materiais e a má formação docente. Três destes estudos concluem que se faz necessário uma formação docente mais sólida, voltada para a capacitação e especialização do ensino das lutas, assim como a realização de intervenções pedagógicas e diversificação deste conteúdo para diferentes realidades brasileiras. Pereira *et al.* (2017), por seu turno, defende a sistematização do conteúdo voltado para a educação através da rede dos jogos de luta.

O presente estudo, por sua vez, se diferencia desses outras pesquisas de revisão devido a possuir maior corpus documental (foram analisados, no total, 38 artigos, enquanto os demais possuíam até 19 artigos), o que aumenta a abrangência e a segurança de as análises representarem a realidade do campo científico. Além de ser mais atual (estudos até 2020), as categorias criadas aqui - os espaços socioculturais, as possibilidades através das tecnologias, assim como o currículo da Educação Física e a prática pedagógica e os seus preconceitos - se diferenciam das observadas nos outros estudos. Dessa forma, justificam-se e tornam-se relevantes as análises aqui realizadas para a compreensão do objeto de estudo.

Com isso, o presente artigo questiona: O que a literatura científica tem falado sobre o ensino de lutas na escola? Com a intenção de analisar por outros estudos de que maneira sobrevém a aplicação do conteúdo das lutas nas aulas de Educação Física, assim como observar as dificuldades e suas tensões, através de uma revisão da literatura, mais vigente, sobre o conteúdo de lutas nas aulas de Educação Física. Por conseguinte, este artigo teve como objetivo

analisar a produção acadêmica em forma de artigos científicos que tratam do conteúdo de lutas na Educação Física escolar.

Metodologia

Essa pesquisa caracterizou-se como exploratória, por visar a examinar o problema em questão, e como bibliográfica, ao se utilizar de materiais já produzidos sobre o tema (MARCONI; LAKATOS, 2003). Trata-se de uma revisão sistemática da literatura, a qual pretendeu, por meio de uma busca e seleção metódica de artigos científicos, refletir sobre paradigmas, controvérsias e lacunas do conhecimento (MOROSINI, 2015).

O corpus acadêmico foi composto por artigos científicos, selecionados a partir das combinações possíveis entre o primeiro grupo (lutas, artes marciais, esportes de combate) e o segundo grupo (escola, Educação Física escolar, prática pedagógica) de descritores. As buscas pelos artigos foram realizadas na base de dados Google Acadêmico e consideraram o período de publicação de 2010 a 2020. Tal intervalo foi escolhido de modo a incluir as discussões mais recentes sobre o tema. Os critérios para a inclusão foram: artigos brasileiros, publicados em revistas científicas, cujo objeto de estudo estava diretamente vinculado à discussão sobre o conteúdo Lutas e a Educação Física escolar, o que resultou em 46 artigos. Após a leitura dos resumos, verificou-se que oito textos empregaram a estratégia de revisão bibliográfica, tendo sido, assim, excluídos do corpus, que totalizou 38 artigos.

A etapa seguinte consistiu na leitura na íntegra dos textos. Foram observados dados específicos (periódico e ano de publicação, procedimentos metodológicos, modalidades de luta e anos/etapas escolares), sobre os quais empregou-se análise quantitativa descritiva. Em seguida, utilizou-se a análise de conteúdo (BARDIN, 2016), nas etapas de pré-análise, codificação e categorização do material. Tal processo, empreendido de modo artesanal e minucioso, resultou em nove categorias analíticas iniciais: Espaço e aspectos socioculturais, Tecnologias/mídias, Vivências anteriores (dos alunos e dos

professores), Preconceito (gênero, violência, sexualidade), Violência, Professores, Componente da Educação Física (conteúdo da EFI), Conteúdo das lutas (metodologia, prática pedagógica), e Ética/valores. A partir de discussões sobre o objeto de estudo e sobre as produções acadêmicas do campo, realizou-se um processo de agrupamento que resultou na configuração de quatro categorias empírico-analíticas: 1) Espaço e aspectos socioculturais; 2) Tecnologias/mídias; 3) Currículo da Educação Física (conteúdo, cultura, documentos); e 4) Prática pedagógica (metodologia, vivências anteriores, dimensões do conteúdo, atividades, preconceito - gênero, sexualidade, violência), as quais organizam a discussão do texto.

Resultados e discussão

Nesta seção, apresentaremos os resultados encontrados a partir da análise dos 38 artigos, assim como sua discussão. Inicialmente serão apresentadas as análises quantitativas referentes aos periódicos dos artigos, aos anos de publicação, às metodologias, modalidades de lutas abordadas e anos escolares. Em seguida, encontram-se as discussões das categorias analíticas anteriormente citadas.

Análise descritiva

O corpus documental é proveniente de variadas **revistas** científicas que tratam de temas pertinentes ligados ao ensino das lutas nas escolas (Motrivivência , Movimento, RBCE , Pensar a Prática , Revista Científica do ITPAC, Revista polidisciplinar eletrônica da faculdade de Guairaca , R. Min. Educ. Fís. , Conexões , Cadernos de Formação RBCE , Cinergis , Revista Tecnologias na Educação , Revista Brasileira de Educação Física e Esporte , Revista de Estudo e Pesquisa em Educação , Revista Cadernos de Estudos e Pesquisa na Educação Básica, CORPO E MOVIMENTO EDUCAÇÃO FÍSICA , Revista do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica , Revista Eventos Pedagógicos , Revista de Artes Marciales

Asiáticas , Educação e linguagem , Revista Panorâmica On-Line , RENEJ, Journal of Physical Education , Cadernos de Educação Física e Esporte, Revista Práxis: saberes da extensão , Revista Retratos da Escola , Revista Brasileira Educação Física do Esporte , Revista Valore, Revista de Educação, Lecturas: Educación Física y Deportes, Rev. Ed. Popular , Revista Retratos da Escola). Dentre as publicações, as revistas que mais se repetem são: Pensar a Prática (3), Conexões (2), Motrivivência (2) e Cadernos de Formação RBCE (2); as suas respectivas classificações no sistema WebQualis estão entre B1 e B5.

Esta produção de revisão, traz artigos publicados entre os anos de 2010 a 2020, com maior números de artigos publicados entre 2015 (8) e 2017 (6). Todos artigos publicados desde 2010 a 2020, demonstram preocupação no trato pedagógico de ensino, como também de entender suas nuances como a aplicabilidade, as dificuldades e as concepções por parte dos docentes e discentes com relação às lutas, demonstrando também que a partir de 2017, houve uma redução na produção de estudos sobre o conteúdo em questão na Educação Física escolar.

Em relação aos materiais e métodos utilizados nos 38 artigos, 18 destacam-se com metodologias descritivas de caráter bibliográfico e teórico; 13 artigos usaram como método de pesquisa propostas pedagógicas e/ou pesquisa-ação, com caráter de intervenção; enquanto sete artigos foram relatos de experiências. Nota-se, que entre toda esta análise do conteúdo, foi predominante o relato sobre as dificuldades encontradas por professores de Educação Física em abordar as lutas como uma proposta pedagógica.

No que se refere à divisão por modalidades, as modalidades que mais se repetem foram: judô (13); karate (9); capoeira (8); jiu-jitsu (6); boxe (4); esgrima (3) e MMA (2). Ainda, diversos artigos selecionados (23) trataram da temática das lutas de modo geral, ou seja, não especificaram nenhuma modalidade. Percebeu-se, nesses casos, a preocupação dos autores em apresentar o conteúdo das lutas nas escolas independente de alguma modalidade específica, ou talvez por estratégia didático-metodológica, como já mencionado, para superar a dificuldade de aplicação de lutas nas escolas.

Por fim, no que se refere aos anos escolares, o mais citado foi o Ensino Fundamental (15), em seguida o Ensino Médio (8) e, ainda, há um estudo que tratava do Ensino Infantil. Outros nove estudos aludiam diretamente aos professores/coordenadores, apontando formas de auxílio para o trato pedagógico das lutas. Ainda, alguns artigos não se referiam diretamente ao ano escolar ou aos docentes, tratavam das lutas na escola de forma geral (5). Observa-se que os estudos estão mais direcionados para um público mais jovem, no Ensino Fundamental, e com menor frequência no EM, talvez devido à dificuldade em apresentar conteúdos novos e diferentes dos conteúdos já vistos no EF.

Categorias

A tabela 1, a seguir, apresenta as quatro categorias construídas a partir da análise dos artigos selecionados, e explicita as expressões mais utilizadas nos estudos que representam determinada categoria.

Tabela 1 - Categorias analíticas dos artigos selecionados.

CATEGORIAS	nº	EXPRESSÕES GERAIS
Espaços e aspectos socioculturais	25	Diferentes contextos sociais; classes sociais; falta de locais; possibilidade de materiais; realidade brasileira.
Tecnologias e Mídias	14	Influência da mídia; filmes e jogos; televisão; rádio; internet; aceitação e comercialização; produto/espetáculo;
Currículo da Educação Física	38	Conteúdo; interdisciplinaridade; cultura; manifestação corporal; documentos; professores;
Prática Pedagógica	38	Metodologias; vivências; dimensões do conteúdo; atividades; preconceitos e violência; valores éticos.

Fonte: Organização dos autores (2021).

Espaço e aspectos socioculturais

Nesta categoria encontramos 25 artigos que abordam os espaços e os aspectos socioculturais relacionados às lutas no contexto

escolar. Dentre esses estudos, 11 (LEITE ET AL., 2013; CAMARGO ET AL., 2013; FONSECA ET AL., 2013; MALDONADO E BOCCHINI, 2013; MAZINI FILHO ET AL., 2014; MATOS ET AL., 2015; RUFINO E DARIDO, 2015; MADURO ET AL., 2015; NETO E NÁPOLIS, 2016) apontam, como fatores restritivos para a abordagem do conteúdo das lutas nas escolas, a falta de infraestrutura, de um local adequado, a escassez de materiais e vestimentas apropriadas para disponibilizar aos alunos.

Tanto a falta de materiais quanto as questões de infraestrutura são elencadas pelos autores Camargo et al. (2013), Fonseca et al. (2013), Mazini Filho et al. (2014), Rufino e Darido (2015) e Andrade et al. (2016) em seus estudos ao entrevistarem os docentes com relação à prática pedagógica do conteúdo de lutas, onde os argumentos mais encontrados para justificar a não inserção das lutas na escola remetem a estas questões. No entanto Rufino e Darido (2015) mencionam ser possível superar essas dificuldades por meio de adaptações de locais e materiais, permitindo uma introdução do conteúdo das lutas de forma segura e em conformidade com a escola.

Sendo um importante elemento da cultura corporal, o conteúdo das lutas é visto pelos discentes apenas como um aprendizado de técnicas e golpes das modalidades específicas, saúde, autodefesa e autocontrole, e ainda relacionado a prática de violência (OLIVEIRA E SANTOS, 2016; SILVESTRE *et al.*, 2016; RODRIGUES SALOMÃO *et al.*, 2017; SANTOS et al., 2018). Entretanto, considerando toda a discussão e a sua aplicabilidade, as lutas precisam ser entendidas desde a busca pela sobrevivência histórica, perpassando pelas esferas sociais, afetivas, religiosas, políticas, econômicas e até uma forma de linguagem transmitida ao longo dos anos (SILVA *et al.*, 2015). Segundo Correia (2015), as Lutas, Artes Marciais e Modalidades Esportivas de Combate (L/AM/MEC) são práticas importantes tanto no âmbito social como no escolar, e desta forma, justificando o interesse no conteúdo das lutas, em seus impactos sociais. Lopes e Kerr (2015) consideram as aulas de Educação Física, um tempo e um espaço adequado para ressignificar as lutas e toda sua complexidade permitindo experiências

do se movimentar. Silva et al. (2015) expõem na sua pesquisa os benefícios afetivos-sociais possíveis de serem obtidos através do trato das lutas nas aulas de educação física como: autocontrole, diminuição dos processos de violência, estimulando também a luta contra qualquer tipo de preconceito e discriminação racial, cultural e gênero.

De acordo com as reflexões levantadas nos estudos, a abordagem do conteúdo das lutas nas escolas ainda é incipiente, mesmo os professores considerando a importância de se utilizar as lutas como conteúdo nas aulas (CAMARGO et al., 2013).

Tecnologias/mídias

A categoria Tecnologias/mídias foi composta por 14 autores (CAZETTO, 2010; LEITE *et al.*, 2012; CAMARGO *et al.*, 2013; UENO E SOUZA, 2014; MALDONADO; BOCCHINI, 2013; LOPES; KERR, 2015; VASQUES; BELTRÃO, 2013; CHAVES *et al.*, 2014; MOREIRA; MAROUN, 2015; SILVA *et al.*, 2015; NETO E NÁPOLIS 2016; FARIAS ET AL., 2020; LOPES ET AL., 2019; LEITE ET AL., 2018; CANDIDO; OLIVEIRA, 2015), que citaram em seus artigos como o uso de tecnologias e mídias podem servir como alternativa na inserção das lutas na Educação Física escolar. A produção salienta que o termo mídia é relacionado com filmes, programas transmitidos na tv, desenhos e jogos. Com isso, ao mesmo tempo que transmitem uma visão distorcida sobre as lutas associando com a violência, podem servir como recurso para aplicação do conteúdo na Educação Física escolar.

No estudo sobre a aplicação de lutas na Educação Física escolar de Leite et al. (2012), as lutas são expostas pelas mídias, filmes, desenhos e programas de tv, de maneira errônea, precipitada e negativa, pois são transmitidas como conteúdo agressivo, situações de conflito e que podem justificar comportamentos de indisciplina. Nesse sentido, Ueno e Souza (2014) relatam a influência da mídia e do processo de esportivização das lutas com base em filmes e jogos. As Lutas estão no mercado do entretenimento e atualmente são assistidas por

milhares de pessoas, isso contribui para que as lutas sejam associadas ao conceito de violência e não como um conteúdo escolar.

É papel do professor desmistificar esse entendimento e trabalhar em sua proposta pedagógica ideias que contrapõem esse pensamento, mostrando que lutas, se trabalhadas corretamente, podem transmitir valores éticos, disciplina e principalmente noções corporais. Para Cazetto (2010) as tecnologias digitais vêm mudando e ainda mudarão muito o mundo, a formação de indivíduos não fica a parte desse cenário. Este relato de experiência traz como as tecnologias são pouco exploradas e que podem auxiliar na prática de ensino, desde e-mails até vídeos. Fernando (2017), diz que a Educação Física escolar possui um rol de conteúdos, competências e habilidades tão importantes de serem desenvolvidos quanto às demais disciplinas escolares e que podem ser enriquecidos na construção do conhecimento dos alunos, com o auxílio das diferentes tecnologias, como o computador, o rádio, a televisão, a internet e suas possibilidades de uso, vinculadas umas às outras. Já que a tecnologia está presente na vida da maioria dos alunos, seria um grande auxílio aos docentes usá-los como auxílio na prática pedagógica.

Currículo da Educação Física

A categoria denominada Currículo da Educação Física é composta pelos 38 artigos, que de certa forma, abordam questões referentes ao currículo da Educação Física, seja em relação ao conteúdo, à cultura, aos documentos e aos docentes. Em relação ao conteúdo, os artigos selecionados abordam questões de interdisciplinaridade, conceitos, concepções, regras, técnicas, ensino, conhecimento, história e criatividade sobre a prática das lutas. Observa-se que os autores estão preocupados em tematizar as lutas, explicitar a importância de se apresentar o conteúdo, bem como suas peculiaridades, regras e técnicas, para em seguida demonstrar a fundo suas dificuldades. Os autores Lima Junior e Chaves Junior (2011) dissertam sobre as possibilidades de inserção do conteúdo das lutas na escola, fugindo do viés esportivizado.

Além de abordarem questões acerca do conteúdo das lutas, os autores também ancoram as ideias apontadas para a cultura corporal de movimento, quando se tratava das capacidades físicas envolvidas na prática corporal da luta, como as habilidades motoras, repertórios e gestos motores, manifestações corporais e psicomotricidade. Mais voltado para as competências físicas necessárias para a prática das lutas, onde evidencia-se que há uma preocupação com a cultura corporal, como forma de preparação dos alunos ou professores para o ensino das lutas na escola. De acordo com Leite et al. (2012), há uma carência do ensino deste componente da cultura corporal nas escolas, enfatizando o quanto o ensino das lutas é insuficiente nas escolas. Enquanto Leite et al. (2018) reafirmam que há uma prática corporal tanto para alunos quanto para professores: “Se acredita que a extensão [projeto de lutas] propôs tanto aos discentes quanto aos infantis o aperfeiçoamento do repertório da cultura corporal dos mesmos, de maneira lúdica e disciplinar”.

Alguns estudos abordam o conteúdo das lutas acerca de alguns documentos oficiais, seja a CBC (Conteúdo Básico Comum), BNCC (Base Nacional Comum Curricular), PCN’S (Parâmetros Curriculares Nacionais), Matriz curricular, modelos pedagógicos da escola. Apenas sete estudos se referiram a algum documento legítimo (MAZINI FILHO ET AL., 2014; DIAS ET AL., 2020; DA SILVA ET AL., 2017; LOPES ET AL., 2019; LEITE ET AL., 2012; SANTOS, 2019; LAGE ET AL., 2016). Observa-se que uma minoria dos estudos aborda algum documento para basear-se no conteúdo das lutas, talvez esse seja um dos motivos da baixa adesão do tema nas escolas, pois os professores não se baseiam em nenhum documento oficial, com exceção dos citados acima (Mazini Filho et al. 2014). Os autores exemplificam que os documentos como os PCN’s e os CBC são fortes aliados para o auxílio da aplicação dos conteúdos.

Com relação aos professores, diversos estudos (28) elencaram estratégias e abordagens dos docentes para o ensino das lutas, assim como as dificuldades enfrentadas por estes para o não ensino das lutas também. Sobre as propostas de estratégias de melhoria para a formação dos docentes, as mais citadas foram: especialidade,

aquisição de conhecimento, atenção e antecipação de situações, formação continuada, aprimoramento, domínio técnico, aprofundamento dos conteúdos. Entre as dificuldades encontradas, as mais abordadas foram, a não formação adequada dos professores, a falta de motivação, instrução, capacitação, carga horária insuficiente, insegurança, pouca informação, desconhecimento e formação deficiente.

Ou seja, há uma grande preocupação em relação aos docentes, pois estes são os responsáveis para o ensino adequado das lutas nas escolas, com isso, estes devem estar preparados, capacitados e motivados, o que se sabe que não ocorre, pois não há uma formação adequada para o ensino das lutas. O estudo de Dias et al. (2020) teve como objetivo conhecer a percepção dos professores acerca da aplicação do conteúdo das lutas nas escolas, ressaltando que a maioria deles tiveram a única vivência durante a graduação e utilizam como suporte o PCN, cumprindo com o mínimo solicitado. De acordo com as reflexões levantadas nos estudos, a abordagem do conteúdo das lutas nas escolas ainda é incipiente, mesmo os professores considerando a importância de se utilizar as lutas como conteúdo nas aulas (CAMARGO et al., 2013). Concordando com essa afirmativa, alguns autores apontam como fatores determinantes para a não inclusão das lutas nas aulas de Educação Física, a insegurança do professor pela falta de base acadêmica e/ou experiência pessoal e profissional com a prática na área específica (CAMARGO ET AL., 2013; MOREIRA E MAROUN, 2015; RUFINO E DARIDO, 2015).

Prática pedagógica

Dentro da categoria prática pedagógica, elencamos expressões que envolvem questões mais específicas observadas nos estudos, sendo elas: metodologias; vivências; dimensões do conteúdo, atividades e preconceitos a respeito de gênero e violência (ainda relacionada com as lutas). Em relação às metodologias abordadas, 29 artigos relacionam os aspectos pedagógicos e apresentam reflexões sobre procedimentos metodológicos para ensino das lutas (MAZINI

FILHO ET AL., 2014; NETO E NÁPOLIS 2016; RODRIGUES ET AL., 2017; SANTOS ET AL., 2018; DIAS ET AL., 2020; CAMARGO ET AL., 2013; CIRINO 2013; FONSECA ET AL., 2013; OLIVEIRA ET AL., 2017; CHAVES ET AL., 2014; UENO E SOUZA 2014; LOPES E KERR, 2015; OLIVEIRA E SANTOS, 2016; ARAUJO ET AL., 2019; PEREIRA ET AL., 2020; CANDIDO E OLIVEIRA, 2015; DIAS ET AL., 2020; CORREIA, 2015; MALDONADO E BOCCHINI, 2013; CHAVES *et al.*, 2014; MOREIRA E MAROUN 2015; RODRIGUES E ANTUNES, 2019; SILVA *et al.*, 2015; LEITE ET AL., 2018); LAGE *et al.*, 2016; SOUZA, 2016; SILVA *et al.*, 2015; RUFINO E DARIDO, 2015; LOPES *et al.*, 2019; JR. HEROLD *et al.*, 2017). Os autores propõem abordagens referente ao ensino das lutas, no qual alguns dissertam sobre o processo de tematização das lutas, através de jogos, de forma lúdica e recreativa. Outros exemplificam formas de como incluir e introduzir o conteúdo, de uma forma geral considerando os aspectos históricos, culturais e diferentes estratégias e materiais didáticos.

Sabe-se que umas das dificuldades para introduzir o conteúdo das lutas nas escolas é a falta de material e experiências dos professores, por isso é importante ressaltar os processos metodológicos, e esses estudos selecionados vão ao encontro desses pensamentos, exemplificam metodologias como as três dimensões de conteúdo (conceitual, procedimental e atitudinal) e jogos de lutas, (SILVA *et al.* 2015; LIMA JUNIOR E CHAVES JUNIOR, 2011; CIRINO 2013; LOPES E KERR, 2015; RUFINO E DARIDO, 2015; SILVA *et al.*, 2015; HEGELE *et al.*, 2018) para serem analisadas e aplicadas. Para Camargo *et al.* (2013) há uma enorme variedade de métodos utilizados pelos professores, como pesquisas, aulas expositivas, análises de filmes, trabalhar aspectos culturais da luta em questão, alternado com curiosidades, conhecimento de informações sobre os locais de origem das lutas, cultura regional, filosofias, experiências que os alunos já trazem de casa, ou contatos com pessoas que praticam alguma modalidade, no qual cada docente segue suas linhas de ação com base no contexto em que está inserido, buscando atingir da maneira mais abrangente possível os seus discentes. Apesar

de existirem diversos métodos pedagógicos, no processo de ensino das lutas nas escolas, ainda são poucas as vivências com o tema. Jr Lima e Jr Chaves (2013) e Maldonado e Bocchini (2013) evidenciaram em seus estudos que os alunos, na sua grande maioria, nunca tiveram contato de forma prática e teórica com as lutas, tanto no cotidiano, como no âmbito escolar, antes das intervenções realizadas.

Em contrapartida, Lage et al. (2016), buscaram compreender o fenômeno das lutas, por meio de entrevistas, no contexto escolar, especificamente sobre a perspectiva dos discentes, relatam que mesmo tendo pouco ou nenhum contato com a prática das lutas, alguns dos jovens entrevistados demonstraram interesse acerca do conteúdo, buscando a prática fora do ambiente escolar ou mesmo brincando durante o horário de Educação Física.

Quanto aos professores, também fica exposta a limitada experiência vivencial com as lutas, sendo uma das dificuldades apontadas, influenciando assim, a seleção dos conteúdos que serão trabalhados nas aulas de Educação Física.

Dentro das práticas pedagógicas se destacam a categoria das dimensões do conteúdo, na Educação Física escolar. Alguns autores citam em seus estudos como é possível trabalhar as lutas se baseando nas três dimensões do conteúdo, assim criando alunos capazes de serem críticos e interagirem na sociedade. Para Chaves et al. (2014) é possível proporcionar aos alunos um conhecimento amplificado e crítico, incluindo as três dimensões, sempre respeitando a individualidade de cada aluno que expressa de forma diferenciada golpes, defesas e se movimenta de acordo com seu repertório motor, cultural e de vida.

Em Maldonado e Bocchini (2013), o objetivo do estudo foi tematizar um dos conteúdos da cultura de movimento corporal (lutas), se pautando nas três dimensões do conteúdo, com a intenção de formar discentes, cidadãos críticos e participativos na sociedade contemporânea. Tanto para Chaves et al. (2014) quanto Maldonado e Bocchini (2013), abordar as três dimensões de conteúdo são essenciais para que o aluno possa conhecer os conceitos históricos, regras, capacidade física que a práticas corporais exigem (dimensão

conceitual), vivenciar algumas modalidades, experimentar golpes, defesas (dimensão procedimental) e também trabalhar os valores como o respeito ao próximo, reconhecer atitudes preconceituosas e refletir sobre os paradigmas relacionando a prática de lutas escolar e violência (dimensão atitudinal). Ao analisar nota-se que não há como trabalhar as dimensões de conteúdo separadas, o que não impede de dar mais ênfase a determinada dimensão.

Alguns artigos citam que quando se trata sobre o conteúdo de lutas, há uma preocupação sobre como abordar o tema e como fazer isso mesmo os professores não tendo uma formação específica, infraestrutura ou qualquer fator que impossibilite a prática de atividades. No estudo de Mazini Filho et al. (2014) foram entrevistados professores sobre as possibilidades de trabalhar lutas dentro da aula de Educação Física, a maioria afirmou que é possível mesmo não tendo espaço adequado e para isso, aplicavam atividades lúdicas. Uma pequena parte dos professores afirmaram não ter condições físicas para as aulas. Os autores deste estudo, entendem que o conteúdo das lutas vem sendo trabalhado de forma inadequada e muitas vezes nem é colocado em prática, são necessárias capacitações profissionais específicas nesta área de intervenção, associadas a estudos pertinentes ao conteúdo, que podem ser auxiliados pelo PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais) e CBC (Conteúdo Básico Comum), reforçando o ensino das lutas na Educação Física escolar. Já para Lopes e Kerr (2015) os jogos de lutas, que são atividades recreativas organizadas que utilizam elementos do conteúdo lutas em forma de brincadeiras, tornando-se uma possibilidade de inclusão das lutas no âmbito escolar, pois os jogos fariam os alunos vivenciarem as atividades, reconhecerem as lutas trabalhadas e formarem opinião diante dos conhecimentos adquiridos nessa prática. A prática de atividades pode aperfeiçoar o repertório da cultura corporal de maneira lúdica e disciplinar.

Outra questão relacionada à prática pedagógica das lutas são os preconceitos para o não ensino das lutas nas escolas. Alguns autores destacam estereótipos muitas vezes ligados à relação entre as lutas e

violência, sendo considerado por alguns professores como um conteúdo escolar inadequado e/ou que podem influenciar na violência.

Quanto às questões de gênero associadas às lutas, Ueno e Souza (2014, p. 7) debatem sobre essas questões com os alunos, e sobre a perspectiva dos discentes há consenso que esta modalidade é mais voltada para o ser masculino, para “tornar um menino em homem”, apresentando a baixa adesão nas aulas de lutas por parte das meninas. Quando se refere à virilidade e masculinidade do homem, faz com que o homem tenha capacidade de desprezar a dor e ter controle do corpo devido ao seu biótipo. No entanto, o estudo observou que as próprias alunas meninas se negavam a fazer as aulas e diziam ser atividade de meninos, associando fortemente a agressividade ao homem. Pode-se observar que este comportamento pode ser explicado por uma construção histórica baseada no patriarcado, e está relacionado com o fator social em que se está inserido, pois em uma estrutura patriarcal em que o homem é educado conforme comportamentos mais agressivos e são aceitos, a mulher foi o oposto. E evidencia-se isto nos primeiros anos dos Jogos Olímpicos, onde a participação de mulheres não era permitida (CHIÉS, 2006).

Outro ponto muito discutido na tematização das lutas é a associação frequente com a violência, no qual enfatizam que as aulas deixariam os alunos mais agressivos ou que as técnicas aprendidas poderiam ser aplicadas em momentos descontextualizados. Dentre os estudos selecionados, 16 deles (LIMA JUNIOR E CHAVES JUNIOR, 2011; CAMARGO ET AL., 2013; RODRIGUES ET AL., 2017; FONSECA ET AL., 2013; UENO, SOUZA, 2014; CANDIDO, OLIVEIRA, 2015; MALDONADO, BOCCHINI, 2013; CORREIA, 2015; LOPES, KERR, 2015; VASQUES, BELTRÃO, 2013; MOREIRA, MAROUN, 2015; SILVA ET AL., 2015; LAGE ET AL., 2016; NETO E NÁPOLIS 2016; OLIVEIRA, SANTOS, 2016; RODRIGUES ET AL., 2017; JR. HEROLD ET AL., 2017) aprofundam essas associações da modalidade lutas com a violência. Ao analisar, observa-se que os autores utilizam diferentes expressões para realizar esta comparação, entre elas: a brutalidade, agressividade, brigas, comportamentos violentos, guerra, duelo perigoso, e que nos

textos em geral, esta associação é fortemente empregada pelos pais e comunidade. No qual, segundo Araújo (2005), estas pessoas relacionam a prática das lutas como estímulo para gerar violência e que ao ser praticante desta a pessoa se torna violenta.

Ainda nessa categoria, 15 artigos (CIRINO 2013; UENO, SOUZA, 2014; ANDIDO, OLIVEIRA, 2015; CORREIA 2015; MALDONADO, BOCCHINI, 2013; VASQUES, BELTRÃO, 2013; MADURO 2015; SILVA ET AL., 2015; MOREIRA, MAROUN, 2015; LAGE ET AL., 2016; SOUZA 2016; ARAÚJO ET AL., 2019; LEITE ET AL., 2018; RODRIGUES ET AL., 2017) destacaram em seus textos que a inclusão de lutas na Educação Física escolar pode ser uma aliada na construção de valores éticos.

O ensino das lutas no âmbito escolar pode ser um aliado na construção de cidadãos críticos que respeitam o próximo na configuração social. No estudo de Ueno e Souza (2014), é observado que algumas lutas/artes marciais são tradicionalmente acompanhadas de uma filosofia, em geral pautadas por princípios de não agressão e respeito ao próximo, sendo esses princípios e a religiosidade presentes nessas práticas como elementos constituintes de um ideal de moralidade e de uma conduta autocontrolada. Observa-se que com a prática de ensino se pautando nas três dimensões de conteúdo, pode haver uma compreensão sobre os valores e princípios que as lutas podem transmitir. Oliveira et al. (2017) evidenciam alguns valores éticos, quais sejam, autocontrole, melhora da autoestima, controle emocional, disciplina, respeito e superação de limites.

Considerações finais

A produção deste artigo de revisão se pauta nos questionamentos sobre a abordagem do conteúdo de lutas na Educação Física escolar, fazendo um estudo sobre como o tema é visto dentro do cenário escolar, suas tensões, os problemas enfrentados e quais ferramentas têm auxiliado nesse processo de ensino ao longo dos anos. Dentre os problemas enfrentados, os mais evidenciados nos estudos

são, a falta de estrutura, o preconceito pelas lutas estarem ligadas a representações de violência e a falta de capacitação dos professores.

Das possibilidades de tematização do conteúdo das lutas, os autores dissertam sobre proposições de adaptação e de inovação para o ensino das lutas na escola, sugestões como a utilização de livros/materiais didáticos e propostas de métodos de aplicação das lutas de forma lúdica por meio dos jogos de lutas, assim como também a formação continuada são possibilidades apresentadas que poderão contribuir para uma presença mais efetiva e no processo de aceitação das lutas no contexto escolar.

Pode-se concluir que a abordagem do conteúdo das lutas nas escolas ainda é incipiente, sendo a insegurança do professor um fator preponderante para o não desenvolvimento das lutas nas aulas de Educação Física escolar. A falta de base acadêmica e/ou experiência pessoal e profissional com a prática na área específica justificam essa insegurança e não utilização do conteúdo das lutas.

Desta forma, identificamos a necessidade de se criarem materiais e metodologias que auxiliem no trato pedagógico do conteúdo das lutas, pois mesmo o professor não possuindo capacitação e/ou experiência, poderá se utilizar desse conteúdo e de seus benefícios já consolidados na literatura, assim como, através de auxílio com/para as novas tecnologias, visto que atualmente tanto os alunos quanto os professores usam destes métodos.

Além disso, ressaltamos a importância de mais trabalhos que tenham essa temática- as lutas na escola - como objeto fundante, na medida em que a prática pedagógica calcada na incipiência de trabalhos de reflexões sobre a temática dificulta a ação docente. Essa dificuldade de ação é muito perigosa, pois impossibilita o desenvolvimento físico, psicológico e cultural discente. Deste modo, se queremos uma educação física escolar plural, inclusiva e sustentada por reflexões e ações consistentes, o ensino de lutas deve ser um dos temas principais nos compósitos acadêmicos.

Referências

- BRASIL, Ministério da Educação. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, 1996.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018.
- BRASIL. Secretaria de educação fundamental. (1998). Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física. Brasília: MEC/SEF.
- Almeida DL. Graduação em Ensino Superior. Revista Carioca de Educação Física. 2019; 14.
- Araújo ED. Agressividade x violência. Fighter Magazine.2005; 5:23.
- Fernando A. As tecnologias nas aulas de Educação Física Escolar. 2017.
- Pereira MPVZ, Cirino C, Corrêa AO, Farias GO. Lutas nas escolas: sistematização do conteúdo por meio da rede dos jogos de lutas. Conexões: Educ. Fís., Esporte e Saúde. 2017; 15(3):338-348.
- SILVA EG. Manifestação de comportamentos agressivos em praticantes de artes marciais. EFDeportes. 2000; 25.
- Cazetto FF. Jiu-Jitsu brasileiro e vale-tudo: o uso de novas tecnologias no ensino de Lutas e Artes Marciais. Motrivivência. 2010; 34:223-230.
- Lima Junior HC, Chaves Junior SR. Possibilidades das lutas como conteúdo na Educação Física escolas: o confronto de uma abordagem pedagógica com alunos de 6ª série em um colégio estadual do município de Guarapuava-PR. Cadernos de Formação RBCE. 2011; 69-80.
- Leite FF, Borges RS, Dias TL. A utilização das lutas enquanto conteúdo da Educação Física escolar nas escolas estaduais de Araguaína-TO. Revista Científica do ITPAC. 2012; 5(3).
- Camargo JL, Marcondes F, Guralecka JD. Metodologia do ensino do conteúdo de lutas de 5ª a 8ª séries em escolas estaduais de

- Guarapuava-PR. Revista Polidisciplinar Eletrônica da Faculdade Guairacá. 2013; 05(02).
- Cirino C, Pereira MPVC, Scaglia AJ. Sistematização dos conteúdos das lutas para o ensino fundamental: uma proposta de ensino pautada nos jogos. R. Min. Educ. Fís. 2013; 9: 221-227.
- Fonseca JMC, Franchini E, Vecchio FB. Conhecimento declarativo de docentes sobre a prática de lutas, Artes Marciais e modalidades esportivas de combate nas aulas de Educação Física em Pelotas, Rio Grande do Sul. Pensar a prática. 2013; 16(2):320--618.
- Maldonado DT, Bocchini D. As três dimensões do conteúdo na Educação Física: tematizando as lutas na escola pública. Conexões. 2013; 11(4):195-211.
- Vasques DG, Beltrão JA. MMA e Educação Física escolar: a luta vai começar. Movimento. 2013; 19(4):289-308.
- Chaves PN, Silva IL, Medeiros RMN. Lutas na Educação Física escolar: uma experiência no Ensino Médio. Cadernos de Formação RBCE. 2014; 80-91.
- Mazini Filho ML, Simões MR, Venturini GRO, Savóia RP, Mattos DG, Aidar FJ, Costa SP. O ensino de lutas nas aulas de Educação Física Escolar. Cinergis. 2014; 15(4):176-181.
- Ueno VLF, Souza MF. Agressividade, violência e budo: temas da Educação Física em uma escola estadual em Goiânia. Pensar a Prática. 2014; 17(4).
- Cândido MJC, Oliveira DC. TICs como ferramentas motivadoras para introdução do conteúdo Lutas nas aulas de Educação Física Escolar no contexto Luta não é Briga. Revista Tecnologias na Educação. 2015.
- Correia, WR. Educação Física Escolar e Artes Marciais: entre o combate e o debate. Rev Bras Educ Fís Esporte. 2015; 29(2):337-44.

Lopes RGB, Kerr TO. O ensino das lutas na Educação Física escolar: uma experiência no ensino fundamental. *Motrivivência*. 2015; 27(45):262-279.

Maduro LA. Considerações e sugestões para o ensino das lutas no ambiente escolar. *Cadernos de Formação RBCE*. 2015; 101-112.

Matos JAB, Hirama LK, Galatti LR, Montagner PC. A presença/ausência do conteúdo lutas na Educação Física escolar: identifica desafios e propondo sugestões. *Conexões*. 2015; 13(2):117-135.

Moreira LR, Maroun K. Práticas educativas desenvolvidas pelo discente de Educação Física: o conteúdo lutas na escola. *R. Est. Pesq. Educ*. 2014; 16(2).

Rufino LGB, Darido SC. O ensino das lutas nas aulas de Educação Física: Análise da prática pedagógica à luz de especialistas. *Rev. Educ. Fís/UEM*. 2015; 26(4):505-518.

Silva CNO, Nascimento TE, Ferreira RCB. Sistematização do conteúdo luta nas aulas de Educação Física: o judô como possibilidade na prática pedagógica. *Rev Cadernos de estudos e pesquisas na educação básica*. 2015; 120-134.

Lage V, Silvestre AJ, Silva DR, Progiante FA, Silva JVI, Monteiro L. As lutas na Educação Física escolar: perspectivas discentes de Catanduva e região. *Corpo e Movimento Educação Física*. 2016; 7:09-16.

Neto JBA, Nápolis PMM. O ensino de lutas nas escolas de Ensino Fundamental no estado do Piauí. *Revista do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica*. 2016; 4(2):85-96.

Souza FP. Karate como prática pedagógica. *Revista Eventos Pedagógicos*. 2016; 7(3):1099-1116.

Da Silva ES, Alves DP, Dos Santos LR, Santos MAP, Soares SB, Miarka. O wushu como uma ferramenta para o desenvolvimento

motor, cognitivo e socioafetivo na escola: um estudo exploratório. *Revista de Artes Marciais Asiáticas*. 2017; 12: 10-23.

Herold C, Reis RAM, Parizotto PGG. As artes marciais e a educação na história: uma ponderação sobre martial arts and the body politic in Meiji Japan, de Denis Gainty. *Pensar a Prática*. 2017; 20(4).

Oliveira MA, Santos SLC. Educação com jogos de oposição: uma análise sobre sua influência na motivação de alunos a virem a praticar lutas/esportes de combate. *Educação e linguagem*. 2017; 20(2):95-105.

Oliveira WLC, Santos RC, Verli MVA, Gomes MKM, Benassi R, Gonçalves LCO, Neto AMM. A inserção dos esportes de combate nas aulas de Educação Física escolar: uma visão atual. *Revista Panorâmica On-Line*. 2017; 22:93 - 106.

Rodrigues VS, Miranda JA, Mendes JCL, Durães GM, Silva BM, Freitas AS. As lutas na Educação Física escolar a partir da percepção dos estudantes. *RENEF*. 2017; 7(10): 2-9.

Rodrigues AIC, Jr Baião AA, Antunes MM, Almeida JJG. Percepção dos dirigentes das escolas do município de Jaguariúna sobre lutas. 2017; 28.

Hegele B, González FJ, Borges RM. Possibilidades do ensino das lutas na escola: uma pesquisa-ação com professores de Educação Física. *Caderno de Educação Física e Esporte*. 2018; 16: 99-107.

Leite CA, Santos AR, Santos AKS, Nascimento VHA, Silva WN, Jr Araújo AT. A prática da arte marcial com crianças: um relato de experiência com ensino de jiu-jitsu no campus Campina Grande. *Revista Práxis: saberes da extensão*. 2018; 6(12): 78-85.

Santos SC, Oliveira RBX, Luna MM, Cavalcanti CT, Melo RHF, Melo GN. Artes Marciais no IFPB. *Práxis: saberes da extensão*. 2018; 6(12):22-30.

Araújo LP, Benites LC, Ananias EV, Duek VP. Artes marciais na Educação Infantil: desafios e possibilidades. *Revista Retratos da Escola*. 2019; 13(26):555-565.

Lopes JC, Bueno CAM, Fiorini MLS, Martínez-Ávila D. Lutas na Educação Física escolar: metodologia através dos parâmetros curriculares nacionais - PCNs. *Rev Bras Educ Fís Esporte*. 2019; 33(3):401-412.

Rodrigues AIC, Antunes MM. Ensinando lutas na escola: percepção e expectativas de dirigentes do Ensino Fundamental. *Revista Valore*. 2019; 4 (1):885–899.

Santos GO. Relato de experiência com o ensino de artes marciais na formação em Educação Física em Diamantina-MG. *Horizontes - Revista Educação*. 2019; 229-245.

Dias DH, Alencar DL, Filho LUN. A percepção dos professores de Educação Física sobre o conteúdo lutas em suas aulas. *Lecturas: Educación Física y Deportes*. 2020; 25(265):17-28.

Farias US, Maldonado DT, Nogueira VA, Rodrigues GM. Luta pelas lutas como prática pedagógica crítica na Educação Física escolar: sem rounds. *Rev. Ed. Popular*. 2020; 19(3):256-273.

Pereira MPVC, Folle A, Marinho A, Mota ID, Farias GO. Jogo como estratégia de ensino: tematizando a prática de lutas na escola. *Revista Retratos da Escola*. 2020; 14(28):207-221.

Chiés PV. “Eis quem surge no estádio: é Atalante!” A história das mulheres nos Jogos Gregos. *Movimento*. 2006; 12(3):99-121.

Parte II

Propostas e reflexões do chão da escola

Capítulo 3

Reflexões de um professor-pesquisador sobre o ensino de lutas na Educação Física escolar⁵

Daniel Giordani Vasques
Flávio Py Mariante Neto
Maitê Venuto de Freitas

Introdução

As manifestações culturais corporais, como lutas, artes marciais ou esportes de combate, representam uma expressão enraizada na cultura do movimento corporal. Há pelo menos três décadas, essas práticas têm sido reconhecidas nos círculos acadêmico-científicos como elementos significativos a serem integrados ao conteúdo da Educação Física nas instituições de ensino. Na década de 1990, obras influentes nesse campo, como o Coletivo de Autores (SOARES et al., 1992) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) (BRASIL, 1997), já destacavam a importância do ensino das lutas no contexto da Educação Física escolar. Desde então, no âmbito acadêmico-científico, não parecem existir dúvidas substanciais quanto à legitimidade desse componente no currículo educacional.

No ‘chão da escola’, ou seja, no campo empírico, parece, no entanto, ainda haver dificuldades para a implementação efetiva e regular das lutas. Uma das razões apontadas para isso trata dos argumentos que associam o ensino de lutas com o aumento da agressividade e da violência entre os estudantes. Estudos apontam que tal associação é um estigma (ALMEIDA *et al.*, 2021), uma distorção do ensino das lutas (UENO; SOUSA, 2014), e que as práticas pedagógicas na escola devem distanciar as lutas da ideia de violência (MOURA *et al.*, 2019).

⁵ Uma versão aproximada desse texto foi publicada como artigo científico na Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação (UNESP). Este texto está no prelo.

Não há dúvida que o elemento central do ensino das lutas é atingir, derrubar ou imobilizar o adversário, no entanto, isso só pode ser feito dentro de regras, relativamente rígidas, que preveem precisamente o controle da violência. Além disso, controlar os seus próprios impulsos agressivos é uma estratégia fundamental para o lutador saber a hora de atacar e de defender e típica do desenvolvimento do esporte contemporâneo como elemento civilizador (ELIAS, 2019). Nesse sentido, cabe ainda destacar que as lutas são constituídas por elementos éticos de respeito ao corpo do oponente e de regras sociais que visam a impedir o uso de técnicas fora do espaço de lutas. Assim, elencar regras, elementos éticos e de controle das emoções⁶ é parte componente do ensino de lutas.

Parece haver, no imaginário social, certa associação entre uma prática corporal ‘ser de contato’ e ‘ser violenta’. Os textos de Mariante Neto *et al.* (2021) e de Myskiw *et al.* (2015) são bons exemplos para ajudar a entender esses processos. Os autores mostram, a partir do MMA e do futebol de várzea, os modos esperados de agir dentro do jogo, ou seja, as etiquetas nos contatos corporais e os limites aceitáveis e não aceitáveis para agir de modo agressivo. A partir desses elementos, pode-se entender que as práticas corporais são espaços sociais que demandam aprendizados das nuances, das sensibilidades, dos limites e das etiquetas dos contatos físicos e das emoções de forma a produzir sensações de excitação agradável para os praticantes.

Outro argumento empregado para sustentar a dificuldade de implementação das lutas na escola trata da dificuldade dos professores em atuar com esse conteúdo. Estudos mostram certos desconfortos docentes em trabalhar com lutas, sobretudo porque não tiveram componentes curriculares na sua formação inicial (HEGELE *et al.*, 2018), e ressaltam a importância da formação continuada para o trato

⁶ Entendemos controle das emoções no sentido de Elias (2019), para quem o percurso do processo civilizador, observado em longo prazo e permeado de tensões, tende a diminuir as possibilidades de manifestações emocionais e impulsivas dos indivíduos. Os esportes e, no caso, as lutas cumprem uma função libertadora dos indivíduos ao possibilitar espaços para a manifestação de certas emoções, ainda que de forma controlada.

desse conteúdo (BORGES *et al.*, 2021). Alguns estudos destacam também a falta de infraestrutura nas escolas (RUFINO; DARIDO, 2014) e propõem que o formato das disciplinas de graduação deve ser alterado para privilegiar abordagens estruturadas em similaridades e nos princípios das lutas (MATOS *et al.*, 2015), e não em abordagens que privilegiem o ensino de uma ou outra modalidade de luta.

Na literatura estrangeira, chama a atenção a existência de poucas pesquisas sobre o ensino de lutas na escola. O estudo de revisão realizado por Pereira *et al.* (2022) mostrou que a maioria dos artigos selecionados (n=6) havia sido publicada em periódicos brasileiros, pelo que consideraram que os pesquisadores brasileiros estão mais preocupados com a introdução das lutas na escola, possivelmente, ainda segundo eles, pela inclusão das lutas nos documentos educacionais brasileiros, como os PCNs (BRASIL, 1997) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2017).

Este estudo é parte de um projeto de pesquisa que trata de uma proposição de ensino das lutas na escola. Algumas propostas foram apresentadas nos últimos anos. Rufino (2012) preocupou-se com quatro elementos para o ensino das lutas na escola (porque ensinar, o que ensinar, como ensinar e como avaliar), sendo que a principal contribuição parece ser a importância dada às dimensões conceitual, procedimental e atitudinal do conteúdo.

Posteriormente, em livro didático, o mesmo autor (RUFINO, 2014) elencou as características gerais das lutas (enfrentamento físico, regras, oposição, objetivo centrado no corpo do outro, ações simultâneas e imprevisibilidade), as dificuldades para seu ensino (preconceito, falta de materiais e formação insuficiente) e a classificação baseada nas distâncias (lutas de curta, média, longa e de distância mista). A partir disso, propôs o ensino de lutas a partir de jogos e listou aspectos que considera essenciais e os que considera importantes para o ensino das lutas por faixa etária dos estudantes; por fim, a obra apresenta dez planos de aula para guiar o trabalho do professor.

A BNCC (2017) também apresenta uma proposta de ensino das lutas na escola a partir da 3ª série do Ensino Fundamental, e faz

um esforço para elencar “lutas do Brasil” em separado às “lutas do mundo” (p. 233). Apesar de essa proposta se destacar ao propor competências e habilidades por série/etapa de ensino e de inserir a cultura corporal de movimento na área das Linguagens, tal proposição para o ensino das lutas responde pouco às problemáticas do campo, como a associação com a violência, a falta de materiais e os mal-estares docentes para a sua implementação; bem como dá pouca ênfase à reflexão sobre a dimensão atitudinal de ensino.

A partir desses elementos, ressaltamos que esse estudo trata de uma experiência de ensino e de ações pedagógicas de intervenção docente no ensino das lutas em uma escola pública federal. Em vista da acumulabilidade do conhecimento, não é nossa aspiração ‘inovar’ ou nos pretendemos alheios à produção já desenvolvida. De todo modo, acreditamos termos incluído nas nossas práticas pedagógicas questões que podem somar ao desenvolvimento do ensino de lutas na escola. Elas serão mais bem apresentadas ao longo do texto, porém cabe destacar aqui que a prática pedagógica foi intencionada com o uso de poucos recursos materiais e que elementos éticos/atitudinais – com vistas ao controle das emoções e da agressividade, e ao respeito às regras do jogo e sociais – foram empregados cotidianamente como intencionalidades pedagógicas durante a intervenção. Com base nesses elementos, o texto em tela tem como objetivo analisar uma intervenção pedagógica do ensino de lutas no currículo de Educação Física de uma escola pública federal.

Procedimentos metodológicos

Este texto trata-se de um relato de uma pesquisa-ação (BETTI, 2009; TRIPP, 2005), a qual tem como intenção a construção de conhecimentos para aperfeiçoar a prática pedagógica, e se aproxima da noção freireana de que “não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino” (FREIRE, 1996, p. 29). Assim, a pesquisa não se trata de um elemento novo no ato de ensinar, pois é “parte da natureza da prática docente a indagação, a busca, a pesquisa”. No caso em questão, tratou-

se de pesquisar o ensino das lutas como conteúdo da disciplina de Educação Física escolar.

Entre maio e julho de 2022 foram ministradas sete aulas para quatro turmas das séries finais do Ensino Fundamental de uma escola pública federal, sendo duas turmas de oitavo ano e as outras duas de nono ano. As aulas foram orientadas pelo próprio pesquisador, que atua como professor da escola. O planejamento das aulas foi elaborado pelos autores desse texto, composto de pesquisadores e professores da área, como uma das etapas do projeto de pesquisa que este estudo integra.

A produção dos dados se deu por meio observação participante e da elaboração de 14 diários de campo, os quais eram gravados oralmente logo após a(s) aula(s) e, posteriormente, transcritos. Os diários foram sendo confeccionados a partir dos interesses iniciais da pesquisa, que tratavam da proposição do ensino de lutas, e dos estranhamentos do pesquisador. Nessa perspectiva, cabe destacar que o professor tinha relativamente pouca vivência com lutas e com o ensino de lutas. Ao mesmo tempo, era professor da escola há mais de quatro anos, era conhecido pelos estudantes e tinha experiência com o ensino da Educação Física escolar. Dessa forma, os processos de estranhamento se deram, em parte, frente ao que lhe era familiar, no caso, a escola e a Educação Física escolar; mas também perante o que lhe era um pouco mais alheio, no caso, as lutas. Os diários foram sendo produzidos, desse modo, a partir das sensibilidades percebidas na intimidade do ‘chão da escola’ e na aproximação com as atividades de lutas ali elaboradas. Os protocolos dessa pesquisa foram aprovados pelo Comitê de Ética para pesquisas com seres humanos.

Os dados foram organizados de modo a: 1) apresentar uma percepção dos saberes iniciais dos estudantes sobre lutas; 2) descrever a proposta de ensino das lutas em relação aos espaços e materiais; aos conteúdos, conceitos e estratégias; às atividades e saberes corporais; e à dimensão atitudinal; e 3) apresentar uma avaliação da proposta pedagógica. O texto a seguir está organizado dessa forma, e intenciona

relatar as proposições, tensões, reflexões e manejos docentes durante esse período.

Saberes iniciais

No primeiro dia de aula foi aplicado um questionário para as quatro turmas envolvidas no projeto. Os alunos sabiam que o conteúdo a ser trabalhado seria ‘lutas’, já que o planejamento fazia parte das conversas cotidianas em aula e ‘nos corredores’ da escola, porém, tinham muitas dúvidas sobre o que era essa prática corporal, sobre como seria trabalhado e, sobretudo, que sentidos seriam dados a essa prática no currículo da disciplina. Assim, sem explicar quase nada, entreguei uma folha impressa com cinco questões, que foram respondidas individualmente e de forma anônima.

Os 102 alunos que responderam ao questionário inicial (54 meninos, 38 meninas, 10 não preencheram a pergunta sobre gênero) tinham idades de 12 a 16 anos, sendo que a maioria afirmou ter 13 ou 14 anos (n=75). A primeira pergunta era: “Quais modalidades de lutas (artes marciais, esportes de combate) você conhece? Cite elas.” As modalidades mais conhecidas pelos estudantes foram boxe (n=50), caratê (n=48), capoeira (n=48), *jiu jitsu* (n=42), judô (n=39) e *muay thai* (n=32), porém outras 15 modalidades de lutas também foram citadas. Sete estudantes não souberam nomear nenhuma luta.

A segunda questão perguntou se o estudante já havia praticado alguma modalidade de luta, qual, onde e por quanto tempo. Grande parte dos estudantes afirmou não ter praticado (n=39), sendo que a capoeira (n=22) e, nos meninos, o judô (n=8) foram as mais praticadas. A escola tem certa tradição no ensino da capoeira como conteúdo da Educação Física desde as séries iniciais, então, é provável que muitos consideraram essa experiência para responder à questão. Ainda, destacamos que 15 alunos afirmaram terem praticado lutas por mais de um ano e outros cinco estudantes por mais de cinco anos. Era comum que esses alunos com experiência em lutas ajudassem, ou participassem entusiasticamente nas aulas; um praticava esgrima, outra caratê, outros *jiu jitsu*, capoeira ou *muay thai*.

A terceira pergunta versava sobre os costumes de assistir a lutas na televisão ou na internet. Enquanto os meninos afirmavam assistir/terem assistido boxe (n=14), caratê (n=13), judô (n=12) e ‘UFC’ (n=11), e somente cinco afirmaram não assistirem/terem assistido; as meninas viram boxe (n=12) ou não assistem/assistiram (n=11). Essa diferença de gênero não foi perceptível no acesso à prática, mas sim no alcance ao consumo das lutas na televisão. Esse parece ser um espaço que as meninas daquele grupo não tinham acesso, interesse ou incentivo para participar. É plausível supor que essas diferenças de acesso resultem em percepções diferentes sobre as lutas e em um maior afastamento das meninas desses espaços de prática corporal.

A quarta pergunta visava a entender a opinião dos estudantes sobre as lutas. As respostas foram diferentes em função do gênero. Os meninos falaram em ‘aspectos positivos’ das lutas (n=28), em ‘defesa pessoal’ (n=16) e em ‘violência’ (n=7), e poucos mencionaram aspectos negativos (n=5). As meninas, por sua vez, salientaram ‘aspectos positivos’ (n=14), mas também os ‘negativos’ (n=8). Por fim, perguntou-se a opinião dos estudantes sobre ter aula de lutas na Educação Física, pelo que a maioria respondeu de forma ‘positiva’ (n=73), apesar de alguns (n=12) verem de forma ‘negativa’.

Após o preenchimento desse questionário, conversamos, além dos tópicos do questionário, sobre o conteúdo, os formatos, os sentidos e as etiquetas a serem implementadas a partir daquele momento.

Uma proposta de ensino

O conteúdo seria ministrado não por modalidade de luta, mas, inspiradas na proposta de Rufino (2014), as aulas ocorreriam a partir de uma lógica de distância entre os lutadores, assim teríamos aulas de lutas de média distância, curta distância, longa distância e de distância mista. Desse modo, os alunos não aprenderiam o boxe, o caratê, o jiu jitsu, o sumô, a esgrima ou o MMA, mas aprenderiam princípios e estratégias para atingir, desequilibrar ou excluir o adversário de um certo espaço. Quedas e imobilizações não fizeram parte das aulas,

porque entendemos, naquele contexto, que elas demandam maior tempo de aprendizado para poderem ser feitas em segurança.

Um elemento discursivo docente importante foi o controle das emoções e dos impulsos agressivos como um elemento inerente dos aprendizados da luta e como parte dos aprendizados desse conteúdo na escola. Em todas as aulas eu falava para os estudantes que ‘luta não é briga’ e que o lutador ‘tem que controlar os impulsos agressivos e saber o momento certo de atacar e de se defender’. Aliamo-nos, nesse sentido, ao entendimento de Moura *et al.* (2019), para quem as práticas pedagógicas de lutas na escola devem distanciar essas práticas corporais da ideia de violência. Um trecho de diário de campo relembra o discurso docente de que “as lutas podem ajudar no equilíbrio das emoções, no saber quando desferir os golpes” (Diário de campo, 17 mai. 2022). Outro trecho, abaixo, apresenta esse discurso e a intencionalidade docente em torno das emoções no ensino das lutas.

A questão das emoções chama muita atenção. O meu discurso foi no sentido de que a luta demanda do lutador um controle emocional muito grande, e eu fiz esse discurso, para as turmas, de que o ódio, a raiva, a impulsividade, não podem ser muito utilizados nas lutas, por que o lutador tem que saber a hora certa de atacar e de se defender. Então, o controle sobre suas emoções e impulsos tem que ser muito grande. [...] Nas minhas palavras na aula, é uma espécie de jogo dentro de certas regras onde os lutadores têm que saber o momento certo de agir para ganhar. Essa lógica desconstrói a ideia de que o lutador é impulsivo. No meu discurso, eu citei que, ao contrário disso, o lutador deve ter um equilíbrio emocional que dê conta de ele saber o momento exato de agir e de recuar. Nesse sentido ainda, falei que, afora algumas exceções, quem treina luta raramente briga porque sabe controlar suas emoções. (Diário de campo, 19 mai. 2022)

O discurso sobre as emoções ganhou força naquele contexto tendo em vista os reajustes emocionais que foram necessários nesse

período de volta à presencialidade na escola, após quase dois anos de ensino remoto por conta das restrições sanitárias necessárias em virtude da pandemia de coronavírus que acometeu o mundo. Não foram raras as descrições nos diários de campo de situações em aula de choros, tristezas, raivas, bem como relatos de quadros de depressão e ansiedade em estudantes dessas turmas. Desse modo, falar sobre emoções e propor elementos de controle emocional que são, ao mesmo tempo, espaços de liberação das emoções e de excitação agradável (ELIAS, 2019) pareceu uma intencionalidade pedagógica importante.

Apesar de reiterarmos a separação entre luta e briga, na escola, tal cisão não se dá sem uma intervenção pedagógica que incuta nos estudantes uma dimensão ética e regras condizentes que impeçam ou previnam ações violentas. Dois princípios éticos foram elencados, apresentados e utilizados cotidianamente nas aulas. O primeiro trata da limitação dos usos dos golpes ao espaço controlado das aulas, e o segundo trata do respeito ao corpo do colega. Eles estão descritos no trecho de diário de campo a seguir.

Todas as lutas são ensinadas com base nesses dois princípios: o princípio primeiro de que aquelas técnicas e estratégias que se aprendem na aula de lutas, no treino de lutas, só podem ser empregadas, utilizadas, dentro do contexto das lutas. Isso vale para a nossa aula de Educação Física, onde as técnicas e estratégias aprendidas na aula só podem ser utilizadas na aula, em um contexto de igualdade de chances, com controle dos golpes e com respeito ao corpo dos colegas, o corpo que está disponibilizado por cada um ali para o aprendizado do outro. Então, respeito ao corpo do colega é um princípio muito importante. Eu foquei hoje na aula os dois princípios, eu frisei em vários momentos. (Diário de campo, 19 mai. 2022)

No universo das lutas esses princípios são tratados, de modo geral, como elementos constitutivos das lutas e dos lutadores. Imaginamos serem raros os espaços de ensino de lutas que não preconizam o respeito ao corpo do colega e a restrição ao uso de golpes, técnicas e estratégias fora do espaço controlado – a não ser,

logicamente, em casos pontuais de defesa pessoal. No currículo da escola, a intenção do aprendizado de tais princípios se apresenta como uma dimensão atitudinal do conteúdo, a qual está por vezes demasiadamente implícita dentro da objetividade característica do ensino dos conteúdos da Educação Física.

Assim, jogamos luz nesses elementos éticos como uma dimensão fundamental no ensino das lutas na escola, não somente como estratégias que intencionam evitar violências físicas nas aulas, mas também como elementos que auxiliam no ensino dos autocontroles dos impulsos, principalmente aqueles ligados à agressividade. Tratar as lutas como espaços de construção de uma ética de respeito ao próximo e de autocontrole dos impulsos violentos se coaduna com perspectivas contemporâneas e críticas da educação e auxilia na desconstrução de estereótipos de violência das lutas.

Ainda em relação às intencionalidades, cabe destacar que visamos a trabalhar com pouco material, tendo em vista a importante preocupação histórica da Educação Física de propor estratégias de ensino que sejam aplicáveis em escolas com poucos recursos e atentos às preocupações de Rufino e Darido (2015) sobre a dificuldade de implementação do ensino das lutas em decorrência de pouca infraestrutura. Parecem mesmo pouco democráticas propostas do ensino de lutas na escola que exijam quimonos, luvas ou sacos de pancada, por exemplo. Utilizamos, nesse percurso pedagógico, dois materiais: tatames, em algumas aulas, para que os alunos pudessem cair no chão com mais segurança e pudessem ficar sem calçado, mas protegidos do chão frio (as temperaturas, em alguns dias de aula, eram próximas a 5° C); e também ‘macarrões de piscina’, especificamente para as aulas de lutas de longa distância. Assim, a ampla maioria das atividades se deu sem materiais.

A seguir, apresentamos um quadro com a descrição das aulas. Não é nosso interesse aqui, ao apresentar nossa proposta de ensino das lutas, engessar a criatividade do professor ou desconsiderar a realidade de determinado contexto social. Entendemos, ao contrário, que apresentar formatos objetivos e acessíveis de ensino das lutas na escola pode auxiliar na implementação efetiva desse conteúdo na

escola, a partir mesmo da inspiração, da provocação e da transformação do formato aqui detalhado.

Quadro 1. Conteúdos e roteiros das aulas.

Aula	Objetivos/conteúdos	Roteiro da aula
1	<p>Reconhecer e organizar/localizar o conteúdo dentro das práticas corporais</p> <p>Fazer discussões conceituais iniciais</p> <p>Vivenciar primeiros jogos no tatame com lutas de média distância</p>	<p>Aplicação do questionário</p> <p>Discussão sobre as respostas dos questionários (modalidades, violência, regras, preconceito)</p> <p>Apresentação do conteúdo: conceito luta (contato, regras, oposição, simultaneidade, imprevisibilidade), lógica das distâncias, valores (uso da técnica no espaço, respeito ao corpo)</p> <p>Prática no tatame de jogos de lutas de média distância (encostar no ombro, joelho do colega)</p>
2	<p>Lutas de média distância (base, guarda, <i>jab</i> e direto)</p>	<p>Jogos de média distância</p> <p>Socos: 1. Base (perna na frente e outra atrás, largura dos ombros, joelho semiflexionados, não se troca de base); 2. Guarda (queixo pra dentro, mão da frente fechada na frente do queixo; mão atrás do lado do queixo, triangulo, cotovelo fechado para as costelas); 3. <i>Jab</i> (mão da frente, mão gira, dedos indicador e médio, força do giro do quadril); 4. Direto (mão de trás, gira mão e quadril)</p> <p>Sequências sozinhos. Depois bate nas mãos do colega (bate sempre na mão contrária)</p> <p>Cotoveladas (mesma lógica do soco)</p>
3	<p>Média distância (cotoveladas e joelhadas)</p>	<p><i>Jab</i> e direto (brincadeiras de encostar no topo da cabeça com os dedos)</p> <p>Cotoveladas (diferenças entre distâncias)</p> <p><i>Jab</i>, direto, cotovelada <i>jab</i></p> <p>Joelhada (ponta do joelho, movimento de quadril – jogar o quadril pra frente, colega aparta com as duas mãos, mirar o estômago) – colchonetes, brincadeira do <i>clinch</i> (cotovelo fechado, posição de domínio, fuga levantar a cabeça e ir para trás)</p> <p><i>Jab</i>, direto, joelhada, cotovelo</p>
4	<p>Curta distância (desequilíbrio e</p>	<p>Regras para não derrubar</p>

	conquista de território)	Dimensão conceitual: sumô desequilibra para tirar adversário do espaço, judô desequilibra para cair De pé, de cócoras - desequilibrando (pés em paralelo, tirou o pé do chão, larga) Retirar de um espaço - Sumô
5	Curta distância (desequilíbrio e conquista de território)	Repetir aula anterior De pé, de cócoras e sentado no chão Uso de duas mãos, agarrar no antebraço Ritual das lutas
6	Longa distância	Lutas com implemento Esgrima (história e regras) Cabo de guerra (individual, em grupo, coletivo) Jornal ou 'macarrão' (encostar em diferentes partes do corpo)
7	Avaliar os conhecimentos aprendidos Avaliar a percepção dos estudantes sobre lutas	Avaliação/questionário 2

Fonte: Elaboração da autoria.

O quadro apresenta alguns elementos dos conteúdos e dos roteiros que foram desenvolvidos nas aulas. Cabe destacar que uma aula de lutas de distância mista estava prevista para ser ministrada antes da avaliação final, porém o professor teve suspeita de Covid-19 e se afastou do trabalho por dois dias. As professores que o substituíram trabalharam outros conteúdos. Assim, não foi possível implementar, tendo em vista que a 'aula 7' foi a última antes do recesso de julho, e não parecia fazer sentido continuar o conteúdo com apenas uma aula no retorno das férias. Ainda, cabe destacar que os alunos tinham duas aulas de Educação Física na semana, porém cada aula era ministrada por um professor. Assim, as aulas de lutas ocorriam uma vez por semana e tinham duração de 40 minutos.

Os jogos de lutas foram as principais atividades de todas as aulas. Ocasionalmente havia algumas atividades de repetição e outras de golpes combinados, para que os alunos pudessem reconhecer no

corpo certos golpes, posições e estratégias mais importantes nas lutas. Os jogos tinham como objetivo, nas lutas de média distância, encostar com a mão, ou a ponta dos dedos, em certa parte do corpo do adversário (cabeça, ombro, joelho ou pé) e, ao mesmo tempo, o jogador não poderia permitir que o adversário tocasse nele. Nas lutas de curta distância, os jogos eram de derrubar o colega, segurando nas mãos, antebraços ou braços – ainda, estando em pé, de cócoras ou ajoelhados. Outros jogos visavam a excluir o adversário de um certo espaço: o tatame ou os espaços da quadra esportiva – como o círculo central, por exemplo. Nas de longa distância, os jogos se davam em torno de encostar o ‘macarrão’ no adversário.

As atividades de repetição foram evitadas, porém, considerou-se importante que os alunos soubessem o que são, como e porque se faz nas lutas a base, a guarda, o *jab*, o direto, a cotovelada e a joelhada. A partir desses aprendizados, tais elementos foram incluídos nas atividades de jogos e foram criadas situações de ‘golpes combinados’, quando um lutador golpeia e outro recebe os golpes combinados previamente. Na perspectiva das aulas, os golpes combinados eram uma forma de jogo colaborativo, no qual não há vencedor, mas há a conquista e a satisfação em conseguir realizar a sequência proposta pelo professor. Ali, diversas sequências foram feitas, sendo que estas envolveram os golpes aprendidos anteriormente.

Dessa forma, os saberes corporais eram considerados em relação com os elementos éticos e com alguns conhecimentos acumulados historicamente pelo mundo das lutas. A última aula foi dedicada a observar como os estudantes percebiam as lutas após a ministração desse conteúdo.

Avaliação

A avaliação contou com a aplicação de um questionário no último dia de aula, composto de seis questões que visavam a verificar a apreensão conceitual das distâncias (curta, média e longa) e dos elementos trabalhados, bem como a percepção sobre violência. Além disso, duas questões repetiram-se em relação ao primeiro questionário:

uma sobre a opinião em relação às lutas e outra sobre ter esse conteúdo nas aulas de Educação Física.

Responderam-no 101 estudantes (57 meninos, 39 meninas e 5 com gênero não identificado). Ao perguntar exemplos de modalidades de lutas de curta distância, a maioria indicou respostas adequadas – por exemplo, judô (n=43), sumô (n=36) e jiu jitsu (n=25) –, apesar de aproximadamente 20% das respostas⁷ (n=52) indicarem modalidades que não são de curta distância ou não terem sido preenchidas. Tal percentual ocorreu de modo similar nas lutas de média distância – foram citados principalmente o boxe (n=42), o caratê (n=25) e a capoeira (n=16) – e nas de longa distância – na qual a esgrima (n=68) foi destacadamente a mais citada. Ao pedir que os alunos descrevessem elementos trabalhados nas aulas – *jab*, direto, guarda, base, desequilíbrio e contragolpe –, pôde-se verificar que cerca de 60% dos estudantes souberam descrevê-los.

As faltas recorrentes de alguns estudantes nessas aulas, a novidade das lutas no currículo da escola e a pouca experiência de alguns estudantes em lutas, bem como as dificuldades de transposição dos saberes corporais para uma estratégia de avaliação conceitual podem ser elementos que justifiquem que apenas uma parcela dos estudantes soube responder corretamente à avaliação conceitual. Cabe destacar, nessa perspectiva, que tal avaliação se deu de modo anônimo e não visava a avaliar individualmente os estudantes, mas entender possibilidades e limitações da intervenção. A partir desses elementos, entendemos que os processos avaliativos poderiam ser qualificados ao observar os saberes corporais a partir das suas características.

Ao questionar a relação com a violência após a intervenção, verificou-se que a maioria dos estudantes apresentou nas suas respostas uma compreensão adequada do distanciamento entre lutas e violência, ressaltando termos como: “saúde”, “cultura”, “defesa”, “expressão”, “controle”, “lazer” e “esporte”. Questionamos também sobre a importância dos cumprimentos e saudações entre os lutadores, em um entendimento que tais rituais concretizam na luta o

⁷ O estudante poderia indicar mais de uma modalidade, portanto o percentual é representativo de um somatório de modalidades e não de indivíduos.

distanciamento dos impulsos agressivos, da ‘briga’ e da violência. Nesse caso, os alunos expressaram termos como “respeito”, “amizade”, “agradecimento”, desejo de “sorte” ou “parabéns”, e “cultura”.

Ao perguntar a “opinião” dos estudantes sobre lutas, apenas sete estudantes se manifestaram de forma ‘negativa’, enquanto 89 apresentaram significados relacionados a características ‘positivas’, a “esporte”, “defesa”, “saúde” e “cultura”, sendo que não houve percepções diferentes entre os meninos e as meninas. Respostas similares ocorreram na questão seguinte, relacionada ao ensino de lutas na Educação Física escolar. As aproximações do ensino de lutas com esses conceitos caros à Educação Física parece ser um objeto interessante de observação e intervenção. Afinal, é pedagogicamente relevante entender de que noções de esporte, de saúde e de cultura eles estão tratando.

Considerações finais

A proposta pedagógica de ensino das lutas atingiu certos objetivos ao aproximar esse conteúdo daqueles grupos de estudantes e ao possibilitar o aprendizado de saberes corporais, conceituais e atitudinais do universo das lutas, ressignificados de modo a possibilitar a atuação docente, a implementação com poucos materiais, a prática de todos os estudantes com sucesso e os interesses de uma educação que visa à democracia, ao humanismo e ao combate às violências.

Esse relato de uma pesquisa-ação cumpre uma função de mostrar os caminhos traçados, as possibilidades e dificuldades, as estratégias e mudanças de direção. De todo modo, ela apresenta elementos e, assim, abre espaço para a construção e escrita de um estudo propositivo de ensino das lutas na escola, que é, de fato, o interesse principal do projeto de pesquisa.

A principal novidade aqui – afora o pouco material e o trabalho com distâncias – talvez seja – em comparação com as propostas de Rufino (2012; 2014) e a BNCC (2017) – a ênfase dada aos elementos

éticos/atitudinais, os quais foram empregados cotidianamente como intencionalidades pedagógicas durante a intervenção. O trato pedagógico das lutas, assim, se sustentou em uma educação interessada nas emoções dos indivíduos, não somente na perspectiva da incorporação de controles e autocontroles, mas na lógica também de desenvolvimento da autonomia e do conhecimento de si, e da construção de espaços seguros de catarse e de liberação dos impulsos, no sentido de Elias (2019).

Por fim, cabe destacar alguma reflexão de um professor que teve pouco contato anterior com as lutas. Ensinar exige pesquisar, assim, o agrupamento das lutas por distâncias não exige o trabalho docente de estudar, se preparar e planejar; tampouco diminui o objeto, tendo em vista a centralidade daquilo que é comum entre elas. Ensinar lutas foi uma forma de aprender sobre elas, tanto na prática docente com os estudantes quanto com o grupo de pesquisa. Em que pesem as condições concretas de trabalho docente que dificultam tempo e disposição para tarefas além da cansativa rotina de algumas dezenas de horas de aula por semana para centenas de alunos, cabe, por fim, mencionar a importância na prática docente do desafio de exercer a curiosidade de ensinar aquilo que nos está mais alheio. É nesses lugares do desconhecido que se materializam as mais ricas práticas educativas.

Referências

ALMEIDA, Laiza Maria; COSTA, Rafaella Bôto Ferreira; VENÂNCIO, Luciana; SANCHES NETO, Luiz. Desmistificando as práticas de lutas e problematizando questões relacionadas à violência nas aulas de Educação Física. *Cenas Educacionais*, v. 4, e12163, 2021.

BETTI, Mauro. *Educação Física escolar: ensino e pesquisa-ação*. Ijuí, RS: Ed. Unijuí, 2009.

BORGES, Leandro Nascimento; FERNANDES, Maria Petrólia Rocha; CISNE, Mabel Dantas Noronha; FERREIRA, Heraldo Simões. *Formação de professores para o ensino de lutas na educação*

física escolar: o estado da questão. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, v. 16, n. esp.3, p. 1547-1561, 2021.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física. Brasília, DF: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretária de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, DF: MEC, 2017.

COLETIVO DE AUTORES. Metodologia do ensino da Educação Física. São Paulo, SP: Cortez, 1992.

ELIAS, Norbert. Introdução. In: ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric (org.). *A busca da excitação*. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2019.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo, SP: Paz e Terra, 1996.

HEGELE, Bernhardt; GONZÁLEZ, Fernando Jaime; BORGES, Robson Machado. Possibilidades do ensino das lutas na escola: uma pesquisa-ação com professores de educação física. *Caderno de Educação Física e Esporte*, v. 16, n. 1, p. 99-107, 2018.

MARIANTE NETO, Flávio Py; VASQUES, Daniel Giordani; FREITAS, Maitê Venuto; STIGGER, Marco Paulo. A etiqueta da violência: mestre, irmãos de treino e família na equipe de MMA. *Motrivivência*, v. 33, n. 64, 2021.

MATOS, José Arlen Beltrão; HIRAMA, Leopoldo Katsuki; GALATTI, Larissa Rafaela; MONTAGNER, Paulo César. A presença/ausência do conteúdo lutas na educação física escolar: identificando desafios e propondo sugestões. *Conexões*, v. 13, n. 2, p. 117-135, 2015.

MOURA, Diego Luz; SILVA JUNIOR, Ivanildo Alves Lima da Silva; ARAUJO, João Gabriel Eugênio; SOUSA, Cleyton Batista; PARENTE, Maria Larissy da Cruz. O ensino de lutas na Educação

Física Escolar: uma revisão sistemática da literatura. *Pensar a Prática*, v. 22, 2019.

MORENO, Danilo Bastos; FERREIRA, Heraldo Simões. Lutas na Educação Física escolar: possibilidade de acordo com as dimensões conceituais, procedimentais e atitudinais. In: PONTES JUNIOR, José Airton de Freitas (org.). *Conhecimentos do professor de educação física escolar*. Fortaleza, CE: EdUECE, 2017. E-book.

MYSKIW, Mauro; MARIANTE NETO, Flávio Py; STIGGER, Marco Paulo. Jogando com as violências no esporte de lazer: notas etnográficas sobre o ‘guri’ e o ‘nego véio’ da várzea. *Movimento*, v. 21, n. 4, p. 889-902, 2015.

PEREIRA, Marcos P. V. C.; FOLLE, Alexandra; MILAN, Fabricio J.; TRUSZ, Renato; FARIAS, Gelcemar O. Scientific production on martial arts and combat sports content in school physical education: a review study. *Ido Movement for Culture: Journal of Martial Arts Anthropology*, v. 22, n. 3, p. 33-43, 2022.

RUFINO, Luiz Gustavo Bonatto. *Pedagogia das lutas: caminhos e possibilidades*. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2012.

RUFINO, Luiz Gustavo Bonatto. Lutas. In: GONZÁLEZ, Fernando Jaime; DARIDO, Suraya Cristina; OLIVEIRA, Amauri Bássoli (org.). *Lutas, capoeira e práticas corporais de aventura: Práticas corporais e a organização do conhecimento*, v. 4. Maringá, PR: Eduem, 2014.

RUFINO, Luiz Gustavo Bonatto; DARIDO, Suraya Cristina. O ensino das lutas nas aulas de Educação Física: análise da prática pedagógica à luz de especialistas. *Revista da Educação Física / UEM*, v. 26, n. 4, p. 505-518, 2015.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. *Educação e Pesquisa*, v. 31, n. 3, p. 443-466, 2005.

UENO, Viviane Lopes Freitas; SOUSA, Marcel Farias. Agressividade, violência e budô: temas da Educação Física em uma escola estadual de Goiânia. *Pensar a Prática*, v. 17, n. 4, 2014.

Capítulo 4

As lutas como conteúdo da Educação Física escolar: um olhar a partir dos sentidos e das apropriações dos/as alunos/as⁸

Maitê Venuto de Freitas
Daniel Giordani Vasques
Flávio Py Mariante Neto

Introdução

Neste texto, apresentamos uma segmentação do estudo realizado no âmbito do projeto de pesquisa intitulado "As lutas como conteúdo da Educação Física escolar". O propósito central consistiu em fomentar discussões acerca da abordagem pedagógica das lutas no ambiente escolar. Para conduzir a pesquisa abrangente, elaboramos unidades didáticas que exploraram o tema das lutas em duas instituições de ensino na cidade de Porto Alegre/RS: o Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e a Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Heitor Villa Lobos.

Neste recorte desenvolveremos reflexões a partir dos resultados que emergiram da pesquisa realizada, no ano de 2022, nas aulas de Educação Física da EMEF Heitor Villa Lobos. O "Villa", como é conhecido pela comunidade escolar, está localizado no bairro Lomba do Pinheiro e atende turmas do ensino fundamental (do 1º ao 9º ano). Para a realização da sequência pedagógica de lutas foram escolhidas 4 turmas de terceiro ano, 4 turmas do quarto ano e 1 turma de quinto ano, nas quais a pesquisadora atua como docente.

Mesmo que o conteúdo de lutas esteja previsto nos documentos orientadores, como na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), ainda é possível perceber resistências dos/as professores/ras na inclusão desse conteúdo em seus planos pedagógicos. Nascimento

⁸ Uma versão aproximada desse capítulo foi publicada como artigo científico na Revista Imagens da Educação (UEM). Este texto encontra-se no prelo.

e Almeida (2007), a partir de uma pesquisa desenvolvida por alunos/as da graduação de Educação Física na disciplina de Metodologia do Ensino de Lutas da Universidade Regional do Nordeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ), apontam que professores de Educação Física apresentaram duas restrições para o desenvolvido do conteúdo de lutas no contexto escolar: 1) a falta de vivência prática dos professores no universo das lutas, tanto no que diz respeito as experiências pessoais, quanto ao que se refere à formação nos cursos de graduação; 2) a ideia de que a violência é um fator que está intrínseco na lógica das lutas, sendo considerado inadequado para a escola.

Entendendo que as restrições apontadas pelos autores citados são fatores que dificultam o desenvolvimento do conteúdo de lutas na escola, optamos em desenvolver unidades didáticas que tematizassem, através de jogos, elementos das lutas presentes em diferentes modalidades, como: enfrentamento físico direto entre pessoas, regras que ajudam manter a segurança, oposição entre indivíduos, ações de caráter simultâneo e imprevisibilidade. González e col. (2014), além dos elementos citados acima, também caracterizam as lutas a partir das distâncias em relação aos adversários: lutas de curta distância (proximidade para a realização de golpes, como o judô e o *jiu-jitsu*, por exemplo); lutas de média distância (maior distância quando comparado às lutas de curta distância, havendo socos ou chutes, como o boxe e o caratê); lutas de longa distância (uso de implementos, como por exemplo, espadas na esgrima e bastões no *kung-fu*); lutas de distância mista, como as Artes Marciais Mistas (MMA) e o hapkido.

Dessa forma, categorizamos e selecionamos os jogos de lutas conformes as distâncias entre oponentes e as características internas que atravessam diferentes modalidades de lutas. Acreditamos que abordar as lutas através de jogos, permite que professores/ras não precisem ser especialistas em alguma modalidade de luta para desenvolver esse conteúdo na escola. Também enfatizamos a importância das regras para garantir a segurança e o respeito com o próprio corpo e o corpo dos/as oponentes.

Em uma reunião de conselho de classe, na qual a pesquisadora relatava o que pretendia desenvolver com os/as alunos/as e expressava algumas das suas reflexões iniciais sobre trabalhar com as lutas, ouviu da supervisora pedagógica: “Mas será que eles/elas estão maduros para esse conteúdo? As lutas estão previstas na Base Nacional Comum Curricular para os anos iniciais?” Esses questionamentos surgiram porque a pesquisadora narrou que os/as alunos/as, expressando entusiasmo com o conteúdo, experimentaram brincadeiras de derrubar e imobilizar, as quais não haviam sido abordadas em aula, mas que evidentemente era uma expectativa de aprendizado dos/as alunos/as. Em uma dessas experimentações, dois alunos se envolveram em um conflito.

Diante dessa situação e da fala da supervisora, por um momento a pesquisadora questionou se o trabalho com jogos de lutas, mesmo com regras bem estabelecidas, seria mesmo apropriado para crianças que cotidianamente resolvem desentendimentos com agressões físicas. Será que as aulas de lutas seriam tempo e espaço de acertos de contas? Porém, em um exercício de deslocamento do olhar da professora adulta na direção das lógicas das relações das crianças, poderíamos fazer outro questionamento: Será que as brincadeiras de uma forma geral, e não especificamente as lutas, são palco de disputas e resoluções de conflitos? Não são raras as competições de quem chega primeiro na fila, quem corre mais rápido, quem joga melhor o futebol, quem aprende a ler e escrever mais rápido, etc. Longe de buscar legitimar a competitividade na infância, entendemos que o cotidiano da escola é movido por essas e muitas outras disputas entre as crianças.

Muitos estudos têm se dedicado a refletir sobre as lutas na escola a partir, principalmente, de revisões (MOURA et al., 2019; ALMEIDA et al., 2021; BORGES et al., 2021; FERREIRA et al., 2023) de entrevistas ou questionários (RUFINO; DARIDO, 2015; MATOS et al., 2015), ou da formação de professores (HEGELE et al., 2018). No entanto, poucos estudos têm se dedicado a propor e a relatar intervenções com lutas na escola a partir das vivências do cotidiano docente. A exceção talvez seja o estudo de Ueno e Sousa (2014), que,

ao utilizar de observação participante, destaca que há uma distorção na representação das lutas como violenta e que o trato pedagógico na escola sobre o tema auxiliaria na mudança de entendimento.

Diante desse contexto, nossa pesquisa buscou entender as lutas a partir do que acontece nas relações pedagógicas do cotidiano docente. Nessa direção, perguntamos: De que forma é possível desenvolver o conteúdo de lutas levando em consideração uma realidade de disputas e conflitos entre os/as alunos/as da EMEF Heitor Villa Lobos? Para tal objetivo escolhemos desenvolver uma pesquisa-ação. Nas linhas que seguiremos apresentaremos a metodologia utilizada para a realização da pesquisa, mencionaremos como a unidade didática se materializou, quais os ajustes que foram necessários para a adequação da realidade dos/as alunos/as e as reflexões que emergiram da prática, tendo como fio condutor os sentidos que os/as alunos/as atribuíram às aulas.

Pesquisa-ação como escolha metodológica

No contexto da educação, a pesquisa-ação surge da necessidade de encontrar respostas para problemas que emergem da prática docente com o objetivo de promover modificações nas aulas. Durante o fazer da pesquisa, novas reflexões podem surgir, permitindo também modificações no decorrer do processo de intervenção. Dessa forma, a metodologia se caracteriza pela flexibilidade de escolhas, pelo processo de aprendizados constante entre todos/as os/as envolvidos/as e o surgimento de novas questões que podem extrapolar o problema inicial (ENGEL, 2000).

Quanto aos instrumentos de pesquisa, a flexibilização também está presente. Técnicas de investigação consagradas podem ser recrutadas para melhor atender os objetivos da pesquisa (TRIPP, 2005). Nesse sentido, para o desenvolvimento desse estudo, ao final de cada dia letivo, foram produzidos diários de campo. Esse instrumento de pesquisa é muito utilizado em etnografias e se caracteriza pelo registro sistemático de impressões pessoais, descrições detalhadas e densas da prática e reflexões costuradas e

sustentadas por um aporte teórico (WINKIN, 1998). A fim de auxiliar na escrita dos diários de campo, as aulas também foram registradas através de vídeos.

A pesquisadora que desenvolveu a unidade didática atuava na escola há 7 anos. Como professora das turmas, exercia a função no mínimo há 3 anos. O tempo de atuação e a proximidade com os/as alunos/as da escola facilitou as percepções e reflexões que construíram os dados da pesquisa. Por esse motivo, em alguns momentos do texto utilizaremos a primeira pessoa do singular, pois as observações e as vivências foram experimentadas pela professora/pesquisadora.

Para a realização da pesquisa-ação, no ano de 2022, planejamos uma unidade didática que inicialmente se constituiu de 10 aulas, com duração de 45 minutos. O planejamento foi dividido da seguinte forma: uma aula introdutória, cujo o objetivo foi identificar o conhecimento prévio que os/as alunos/as tinham sobre o conteúdo e iniciar discussões conceituais; oito aulas de jogos que contemplavam a lógica interna das lutas; uma avaliação final.

Diferente do que estava previsto no planejamento inicial, foram necessárias 13 aulas para a finalização da unidade didática de lutas, isso porque as crianças solicitaram que alguns jogos fossem repetidos nas aulas seguintes. Todas as experiências vivenciadas nas aulas foram registradas em diários de campos. A aula 1, por exemplo, foi desenvolvida em diferentes turmas, porém os relatos desse primeiro encontro estão organizados em um único diário de campo. Essa organização da escrita resultou em um total de 13 diários.

A partir do que foi produzido, dividimos o texto em quatro seções empírico-analíticas. Na primeira delas apresentamos as expectativas que as crianças demonstraram quando o conteúdo de lutas foi apresentado e descrevemos como as aulas foram desenvolvidas. Na segunda discorremos sobre as apropriações das crianças em relação ao que estava sendo realizado. Na terceira pontamos as lutas como um conteúdo que pode promover a inclusão. Por fim, apresentamos a avaliação da realização da pesquisa-ação.

“Vai ter soco e chute?”: sobre as expectativas e apropriações.

Quando mencionado que o conteúdo que iríamos desenvolver nas próximas aulas seria o de lutas, os/as alunos/as gritavam em coro de alegria. Em meio à euforia, era comum ouvir: “vamos aprender a brigar?”⁹, ou ainda, “vai ter soco e chute?”. No primeiro encontro foi realizada uma roda de conversa, na qual as crianças falaram sobre os seus conhecimentos referentes às lutas, expectativas e medos. Nessa conversa o MMA, o UFC¹⁰ e a série transmitida pelo serviço de *streaming* Netflix, *Cobra Kai*¹¹ foram citados em quase todas as turmas. As crianças se referiam ao nome da série como uma modalidade de luta e o MMA e o UFC como um conjunto de socos, chutes e rasteiras.

Nessa primeira conversa ficou evidente o que as crianças estavam esperando das aulas. Diante dessa expectativa inicial, as perguntas que me acompanharam nos encontros seguintes foram: como manter a motivação inicial das crianças com as lutas até o fim da unidade didática? Será que eles/elas vão se decepcionar ao perceberem que não vamos aprender as lutas da forma como são mostradas na televisão?

Vale destacar que algumas crianças, na maioria meninas, se posicionaram nesse primeiro encontro dizendo que sentiam medo de praticar lutas porque poderiam se machucar. Foi nesse momento que diferenciamos lutas de brigas, compreendendo as funções das regras e dos equipamentos de proteção. A conversa inicial foi fundamental para o estabelecimento do compromisso que regeria todas as aulas que seguiram: o respeito às regras dos jogos, ao próprio corpo e ao corpo dos/das colegas. A partir dessas combinações, desenvolvemos um ritual de cumprimento inicial e final entre os/as oponentes como um

9 Utilizarei aspas duplas (“”) para citações diretas dos/das colaboradores/ras do estudo e aspas simples (‘) para o destaque de termos que são centrais no texto.

10 O *Ultimate Fighting Championship* (UFC) é uma organização de MMA que produz eventos mundiais, os quais são transmitidos através de canais televisivos gratuitos e pagos.

11 Série baseada na trilogia *Karatê Kid*.

gesto de respeito e agradecimento. Nos últimos encontros os/as próprios/as alunos/as já desenvolviam o ritual sem a necessidade de a professora lembrá-los/las dos cumprimentos.

Ainda nessa primeira aula, após a conversa, no tempo que restava, realizamos uma brincadeira em que cada aluno/a tinha uma fita presa na cintura. O objetivo do jogo era proteger a sua fita, sem segurá-la, ao mesmo tempo em que deveria puxar o maior número de fitas da cintura dos/das colegas. Nessa primeira brincadeira foi possível a experimentação do ataque e da defesa de forma simultânea e imprevisível, elementos presentes na lógica interna das lutas. Nesse primeiro encontro ficou evidente que, embora o ‘soco’ e o ‘chute’ não estivesse presente na primeira aula, a dinâmica da brincadeira envolveu as crianças.

Na aula seguinte, a segunda da unidade didática, optamos em iniciar as experimentações práticas com os jogos de lutas de média distância, nos quais os ‘aguardados’ socos e chutes foram praticados. Para a experimentação desses elementos, utilizamos balões. Antes de iniciarmos com os balões, demonstrei para os/as alunos quatro tipos de socos normalmente utilizados no boxe: *jab*, direto, cruzado e *upper*. Após exercitar a sequência de socos, passamos para alguns chutes comuns no *Muay Thai*, Capoeira e Karatê, como por exemplo: o Martelo da Capoeira, o qual se assemelha com o chute lateral do *Muay Thai*, e o *Mae-Gueri-Kekomi* do Karatê.

No segundo momentos dessa aula, todos receberam um balão e o objetivo da brincadeira era manter o balão no ar aplicando os socos e os chutes vivenciados anteriormente. Nessa brincadeira sugeri que os/as alunos/as explorassem de forma livre outras técnicas de socos e chutes. Para finalizar o encontro, enfatizamos mais um pouco os socos: em duplas, enquanto um/uma colega segurava o balão, o/a outro/a executava uma sequência de socos, em seguida os/as alunos/as trocavam as funções.

A terceira aula foi planejada para realizarmos uma atividade que simulasse um combate. A prática escolhida foi o boxe com bolas de borracha, na qual os/as alunos/as seguravam uma bola de borracha média em cada mão. Em duplas, após cumprimentar o/a oponente, o

objetivo do jogo era derrubar a bola da mão do/da colega aplicando socos aprendidos na aula anterior, havendo a possibilidade de experimentação livre de técnicas e estratégias para atingir tal objetivo. Nessa atividade reforçamos o cuidado com o rosto dos/as colegas, mantendo as mãos na altura do peito. Importante destacar que, diante da imprevisibilidade da dinâmica de ataque e de defesa entre oponentes, em todas as brincadeiras os/as companheiros/as de combate eram escolhidos/as pelos/as alunos/as, aspecto que contribuiu para que as crianças se sentissem mais confiantes e seguras com a prática.

O boxe com bolas foi uma das propostas de prática que os/as estudantes pediram para repetir na aula seguinte. Talvez por se aproximar mais das expectativas que as crianças tinham sobre as lutas, a partir do que assistem na televisão. No quarto encontro, a partir de sugestão dos/as alunos/as, realizamos um “minitorneio”, como as crianças nomearam. Organizei a turma em roda, todos/as deveriam sentar no chão e formar um “ringue” ou “arena” de luta. Por vontade própria um/uma aluno/a se posicionava no centro da arena e convidava um/uma colega para a luta.

Manter uma turma inteira de crianças entre 8 e 12 anos sentadas é uma proposta difícil na escola em que atuo, principalmente em espaços em que é esperado que as crianças permaneçam sentadas: refeitório, biblioteca, sala de aula e sala de vídeo. Geralmente nesses espaços existe uma tensão entre a necessidade de movimento corporal das crianças e as regras da escola. Lembro que em uma reunião pedagógica umas das professoras se referiu ao refeitório como uma “panela de pressão” prestes a explodir e que era um dos momentos em que ela se sentia mais tensa, pois precisava “manter o controle” das crianças.

No entanto, vale destacar que durante os enfrentamentos no centro da arena, os/as colegas vibraram e torceram para os/as participantes que estavam diretamente envolvidos/as no combate. Dessa forma, embora não estivessem em movimento, havia uma excitação compartilhada entre os/as expectadores/ras. Nos combates mais acirrados, nos quais os/as oponentes demonstravam um

equilíbrio de desempenho, os gritos das crianças aumentavam, porém permaneciam sentadas mantendo o círculo/arena. Assim, transcorreram 40 minutos de aula.

A escola é uma das instituições que participa do processo civilizatório, destacado por Elias e Dunning (1992), na qual exercita-se a regulação de comportamentos e emoções para que não extrapolem os limites socialmente aceitos. Vinicius Machado de Oliveira e Juliano de Souza (2018) - em um texto em que costuram reflexões entre as teorias de Norbert Elias, a infância, o brincar e o jogar - sinalizam que as necessidades das crianças se distanciam cada vez mais das normas e regulações sociais que organizam a vida dos adultos, uma vez que as exigências cotidianas estão pautadas pelo trabalho e pela produtividade.

Na esteira da teoria de Elias e Dunning (1992) sobre o lugar do lazer no processo civilizatório, os jogos, esportes e brincadeiras são atividades desenvolvidas no tempo disponível de obrigações e que permitem, dentro de limites seguros, o descontrole controlado de emoções que cotidianamente são suprimidas. Para os autores, essas atividades miméticas permitem a representação de emoções como o risco, o medo, a ansiedade e a incerteza, porém sem ultrapassar limites que coloquem em risco a integridade emocional e física de seus praticantes. Assim, uma tensão/excitação é mantida de forma segura e agradável, permitindo a liberação do controle emocional exigido em outras esferas da vida.

Na dinâmica do boxe com bolas, as crianças que assistiam, mesmo não participando diretamente do jogo, estavam inteiramente envolvidas pela tensão/excitação de não saber quem ganharia o combate, vibrando e torcendo pelos/as jogadores/ras. Assim, devido ao caráter de imprevisibilidade e da busca pelo equilíbrio de desempenho entre os/as participantes, tornando os enfrentamentos mais difíceis, a dinâmica dos jogos de lutas parecia contribuir para o estímulo de emoções que são constantemente ‘controladas’ no contexto da escola.

Na quinta, sexta e sétima aula desenvolvemos jogos de curta distância, nos quais os desequilíbrios, exclusões de espaço e

conquistas de território ganharam destaque. Os jogos desenvolvidos foram: 1) desequilíbrio em duplas, no qual o objetivo era desequilibrar de diferentes formas o/a companheiro/a sem derrubá-lo/la no chão; 2) o sumô, atividade em que cada dupla recebeu um giz e desenhou um círculo grande no chão. O objetivo era retirar o/a colega do círculo empurrando, evitando beliscar e puxar a roupa; 3) em duplas, de joelhos no colchonete, ambos segurando uma única bola, ao sinal da professora, o objetivo do jogo era retirar a bola da mão do/da companheiro/a e colocá-la no chão.

Nas aulas seguintes realizamos os jogos de longa distância e distância mista. Nas de longa distância optamos pela esgrima, pensando na facilidade de conseguir o material (jornais) para confeccionar as espadas, bem como na maior possibilidade de jogos acessíveis para as crianças. As espadas foram confeccionadas por mim no momento de planejamento de aulas. Escolhi não produzir o material com os/as alunos/as por considerar o tempo de aula curto, dessa forma priorizei a prática. As crianças aguardavam pela esgrima desde o início das aulas dessa unidade didática, isso porque estavam curiosos em como seriam as espadas e de que forma usariam.

Após uma breve apresentação da modalidade e sua contextualização, as ‘esperadas’ espadas foram apresentadas e experimentadas. Um primeiro momento foi apenas de manuseio do material: diferentes formas de pegar, diferentes posições possíveis do corpo no momento da luta, além das experimentações livres. Foi necessário pedir muitas vezes o cuidado com o material e com os colegas, pois parecia incontrolável o desejo das crianças em tocar os colegas com as espadas.

Passada a novidade do material, vale destacar que reservamos boa parte da aula nessa experimentação, iniciamos algumas brincadeiras: a primeira delas o objetivo foi acertar com a ponta da espada o centro de algumas argolas que estavam penduradas com barbante nas goleiras da quadra. Nessa atividade tentamos posicionar os deslocamentos do corpo conforme os fundamentos básicos da modalidade. Após o exercício da pontaria, os/as alunos/as formaram duplas e desenvolveram disputas. Cada participante tinha uma tampa

de garrafa equilibrada no dorso de uma das mãos, na outra segurava a sua espada. O objetivo do jogo era tentar derrubar a tampa da mão do colega com a ponta da espada, antes que o/a adversário/a derrubasse a sua.

Embora os golpes diretos não estivessem presentes nesses jogos, a utilização de diferentes estratégias para se movimentar mais rápido e ter maior precisão que o/a oponente parecia um desafio também envolvente. Importante pontuar que os/as alunos/as que apresentaram dificuldade em jogos que exigiam força, como os de exclusão de espaço, tiveram a oportunidade de experimentar outras habilidades corporais na esgrima.

As lutas presentes no ‘tempo livre’: o conteúdo que fez sentido

Desde que iniciei o exercício da docência na EMEF Heitor Villa Lobos, em 2016, escuto os/as alunos/as pedirem por ‘tempo livre’ nas aulas de Educação Física. Recordo que no ano que entrei na escola, em uma negociação rotineira com os/as alunos/as sobre a divisão do tempo da aula entre o conteúdo que deveria ser trabalhado naquele e dia e o futebol que eles e elas desejavam, argumentei: “Vamos aproveitar as nossas aulas para praticar atividades diferentes. O futebol vocês jogam toda hora na rua!”. Após ouvir a minha afirmação atentamente, um aluno apresentou um contra-argumento: “Não, professora! Um futebol com quadra, com linhas e rede nas goleiras nós só temos aqui”.

Percebendo a necessidade da livre experimentação dos materiais e por ser a escola um espaço/tempo seguro e privilegiado para a realização das práticas corporais que mais gostavam, flexibilizei as negociações em relação a esse ‘tempo’ e abri espaço nas aulas para que os/as alunos/as escolhessem as práticas corporais que gostariam de realizar naquele momento. É no ‘tempo livre’ que consigo perceber os conteúdos desenvolvidos em aula que fazem/fizeram mais sentido para as crianças. O futebol, por exemplo, é uma das práticas mais presentes na cultura corporal de movimento das crianças e jovens dessa escola.

Nesse sentido, não foram raros os momentos em que percebi os/as alunos/as continuarem os jogos de lutas no ‘tempo livre’. Em uma das aulas em que realizamos o boxe com bolas, três meninos escolheram um espaço da quadra e realizaram a dinâmica do jogo em trio. Após realizarem o cumprimento inicial, desenvolveram o combate entre três oponentes, o primeiro que perdeu as bolas das mãos saiu do jogo e a disputa continuou entre os dois que tinham, pelo menos, uma bola ainda em mãos (Diário de Campo, 15/07/22).

Em outra aula, após a prática com as espadas de esgrima, recolhi o material e ofereci o espaço da aula para o ‘tempo livre’. Fiquei surpresa com um grupo de meninos que prontamente retiraram os chinelos e fizeram de espada. No jogo desenvolvido por eles o objetivo era encostar a ponta dos chinelos em alguma parte do corpo do colega realizando o deslocamento e posição corporal básica da esgrima. Após a disputa, os meninos realizaram o cumprimento final com apertos de mãos (Diário de Campo, 19/07/22).

É possível perceber que a lógica interna dos jogos de lutas estão presentes nas brincadeiras das crianças da escola Heitor Villa Lobos mesmo antes do desenvolvimento da unidade didática de lutas. Brincadeiras de agarrar, puxar, derrubar e imobilizar são recorrentes no recreio, assim como nas filas e nos deslocamentos entre um espaço e outro da escola. Dessa forma, o conteúdo de lutas parece fazer/ter feito sentido para as crianças, sendo os jogos aprendidos nas aulas incorporados e recriados nas brincadeiras livres dos/as estudantes.

Um conteúdo inclusivo

Um dos aspectos que chamou atenção durante o desenvolvimento dessas aulas foi a participação de alunos/as que não se destacam muito e participam de uma forma periférica das aulas de Educação Física. João¹², por exemplo, um aluno com necessidades especiais que é atendido na Sala de Integração e Recursos da escola, geralmente assiste as atividades de longe e prefere a exploração livre

12 Todos os nomes utilizados nesse texto são fictícios a fim de preservarmos as identidades dos/as alunos/as que participaram da pesquisa.

dos materiais. Quando decide participar de alguma brincadeira, o tempo de envolvimento é curto. Fiquei surpresa quando um dia entrei na turma que ele fazia parte e o João me mostrou a sequência de socos que aprendemos na semana passada (Diário de Campo, 05/07/22). Foi a primeira vez que percebi esse aluno retendo informações de uma atividade desenvolvida na aula anterior. Durante as explicações dos jogos de luta, João ficava perto de mim com os olhos e os ouvidos atentos ao que estava sendo dito e não foram raros os momentos em o aluno fez perguntas, demonstrando interesse e atenção. No momento da experimentação dos jogos, ele buscava duplas e tentava realizar o que era proposto.

Mateus é um aluno que se recusa a participar das aulas de Educação Física, demonstra dificuldade de interação e evita situações de aprendizado, pois apresenta pouca tolerância a frustrações. Esse aluno também demonstrou interesse nos jogos e abertura para as tentativas. As frustrações em relação as suas derrotas nas dinâmicas das brincadeiras continuavam difíceis para Mateus. Quando ele perdia algum combate, desistia da atividade e sentava. Porém, com um pouco de insistência da professora, passado algum tempo, o menino retornava para a atividade. A fim de manter o interesse do Mateus, recorri a ajuda de outros alunos. Conversei com um de seus colegas sobre a dificuldade que o Mateus demonstrava em fazer força, pedindo para que esse aluno o ajudasse (Diário de campo, 06/07/22).

Em situações em que os/as alunos/as são solicitados a ajudar algum colega com dificuldade, geralmente encontro apoio e disposição. Nesse dia, a ajuda de um dos alunos foi fundamental para que o Mateus sentisse o corpo dele, a força que ele podia produzir e a alegria de ter um combate vencido. Nas aulas seguintes Mateus ainda apresentava as mesmas dificuldades e se recusava a participar de alguns jogos, porém percebi que a sua atenção estava na aula e que em alguns momentos ele demonstrava desejo em participar. Aline também é uma aluna que apresenta dificuldades nas aulas de Educação Física, principalmente em atividades que envolvem corridas, agilidade e manuseio de bola. Nos jogos de lutas ela demonstrava disposição e desejo em participar, porém, assim como o Mateus, parecia ter

dificuldade em produzir força. Foi necessário a ajuda de um colega para que Aline pudesse também experimentar suas potências (Diário de Campo, 08/07/22)

E por fim, gostaria de destacar a participação das meninas. Embora na primeira aula, meninas haviam se manifestado expressando medo em realizar as aulas de lutas, ao perceberem as dinâmicas dos jogos e o fato de ser possível escolher colegas com o tamanho e o peso parecidos com o seus, relaxavam nas brincadeiras. Em determinado momento da unidade didática percebi as meninas fazendo duplas também com os meninos. Dessa forma, ao longo do desenvolvimento das aulas, foi possível perceber o aumento de duplas mistas.

O estudo desenvolvido por Carvalho et al (2017), no qual os/as autores/ras objetivaram compreender como professores/as de Educação Física percebem e vivenciam a inclusão em suas aulas, evidenciou que os conteúdos mais desenvolvidos pelos/as professores/as foram os jogos e os esportes e o menos desenvolvido foi a luta. Os/as autores/ras concluíram que esse foi um dos fatores que dificultou a participação de todos/as nas aulas, pois a restrição de conteúdos dificulta a descoberta de diferentes habilidades e potencialidades que cada aluno/a tem, assim como não possibilita uma possível identificação com outra prática corporal, além do esporte.

Conforme apontam Ferreira e Daolio (2014, p. 61), “o conceito de Inclusão ainda se refere primordialmente às questões ligadas às várias diferenças que classificamos como deficiências, deixando escapar suavidades cotidianas”, as quais são percebidas com frequência nas aulas de Educação Física. Os autores apontam que a Educação Física, ainda nos dias de hoje, apresenta resquícios de valores que constituíram o seu surgimento enquanto componente curricular das escolas: rendimento, disciplina e padronização dos corpos. Com isso, pessoas negras, mulheres e gordos são alguns exemplos de pessoas excluídas nas aulas de Educação Física.

Nessa direção, entendemos a inclusão como um processo que promove a participação de todos/as os/as alunos/as, respeitando as suas especificidades. Como afirma Santos (2003, p. 04), inclusão se

refere a quaisquer lutas, nos diferentes campos sociais, contra a submissão de pessoas excluídas: tanto as que se percebem com facilidade como aquelas mais sutis”. Nos exemplos que narramos acima, nos referimos à participação de sujeitos que são invisibilizados no cotidiano das aulas de Educação Física por diferentes motivos: a) porque não apresentam bom desempenho nas práticas corporais que fazem parte da cultura da escola, como por exemplo os esportes; b) porque são discriminadas por serem meninas, as quais foram levadas a desacreditarem de suas capacidades físicas; c) porque apresentam alguma deficiência intelectual.

Nesse sentido, arriscaríamos afirmar que a participação democrática e inclusiva que aconteceu durante a unidade didática de lutas, se deu principalmente por dois motivos: 1) a dinâmica simples dos jogos; 2) a regra de igualdade de condições para a realização das disputas, como a altura e o peso semelhantes entre os/as oponentes. Diferentes dos esportes coletivos, em que é necessário um trabalho em equipe e muitas vezes a necessidade do recrutamento de muitas habilidades, os jogos de lutas são desenvolvidos em duplas, havendo a possibilidade de atenção em apenas um oponente. As regras dos jogos também são simples na medida em que existem para garantir a igualdade de condições e a integridade física dos/das participantes. Além disso, a valorização e o respeito em relação ao corpo do outro e ao seu próprio, foram fundamentais para que as crianças se sentissem seguras e acolhidas para experimentarem os jogos de lutas.

Avaliação: o que fez sentido e o que faltou

Como uma forma de fechamento da unidade didática, vimos a refilmagem mais recente do filme *Karatê Kid*, lançado em 2010. O objetivo era, através do filme, estimular uma conversa sobre o que as crianças haviam compreendido das dinâmicas dos jogos de lutas e quais elementos poderiam ser identificados em modalidades de lutas que eles conheciam, como o Kung Fu abordado no filme, por exemplo. Foi recorrente entre os/as alunos/as a identificação e a relação dos valores abordados no filme e aqueles desenvolvidos em aula.

Respeitar os/as adversários/as, manter a igualdade de condições para um combate justo e respeitar as regras a fim de manter a integridade física foram os conteúdos mais citados.

Percebi que, ao saírem animadas da sala de vídeo, as crianças reproduziram golpes dos combates mostrados no filme, assim como realizaram quedas e imobilizações enquanto se deslocavam até a sala de aula. Essa reação das crianças evidenciou o desejo pela prática de elementos das lutas que não foram enfatizados na unidade didática. Dessa forma, a experiência de assistir ao filme possibilitou reflexões para uma próxima unidade didática de lutas que poderá ser desenvolvida. Uma outra possibilidade de estruturar o plano de trabalho seria transmitir o filme no primeiro encontro, como uma introdução ao tema, isso porque causou grande estímulo e suscitou discussões em torno dos aspectos atitudinais¹³ do conteúdo de lutas.

Incluir nos planos de aulas quedas e imobilizações também é uma possibilidade de enriquecer a experiência das crianças nos jogos de lutas. Nos jogos de longa distância, poderíamos acrescentar bastões, enfatizando movimentações presentes no Kung Fu. Sobre os jogos de longa distância, em que utilizamos um equipamento, como a esgrima, por exemplo, as crianças que sentiram anteriormente dificuldade quando precisavam produzir força, tiveram a oportunidade de experimentarem outras capacidades motoras, como a precisão e velocidade de ação. Sendo assim, avaliamos que na presente unidade didática a maioria dos jogos exigiam força, contemplando menos os/as alunos/as que apresentaram essa dificuldade.

Considerações finais

A partir do desenvolvimento da unidade didática apresentada acima identificamos que as disputas entre oponentes e a imprevisibilidade de ações foram as características internas dos jogos que pareciam estimular mais a participação das crianças. Dessa forma,

13 Sobre as dimensões dos conteúdos da Educação Física escolar, ver a obra *Para Ensinar Educação Física: possibilidades de intervenção na escola*, de Suraya Cristina Darido e Osmar Moreira de Souza Júnior (2013).

os jogos de lutas dialogaram com a lógica interna das brincadeiras cotidianas dos/as alunos/as da EMEF Heitor Villa Lobos, uma vez que foram levadas para o ‘tempo livre’ da aula. No entanto, diferente de estimular conflitos, foi possível perceber que os/as alunos/as se apropriaram também dos valores atitudinais trabalhados em aula e buscaram seguir as regras que promoviam a integridade física, respeito aos/às colegas e igualdade de condições.

Além de fazer sentido, o conteúdo de lutas permitiu que as crianças com diferentes características e habilidades conseguissem participar dos jogos e experimentar situações de êxito. Entendemos que esse fenômeno se deu pela simplicidade dos jogos e a construção de valores que atravessaram as aulas, como o auxílio e o respeito aos/às oponentes. A igualdade de condições também foi uma característica interna dos jogos que facilitou a participação das meninas, enfrentando medos e julgamentos pré estabelecidos que erroneamente sugerem que meninas são mais frágeis. Esse aspecto ficou evidente quando as duplas se tornaram mais mistas ao longo do desenvolvimento da unidade didática.

Por fim, destacamos que, para além de estimular ou não os conflitos, o conteúdo de lutas dialogou com as necessidades e os desejos dos/as alunos/as pelo movimento, pelas disputas e pelas experiências de tensão/excitação agradável dentro da escola.

Referências

Almeida, L. M., Costa, R. B. F., Venâncio, L., & Sanches Neto, L. (2021). Desmistificando as práticas de lutas e problematizando questões relacionadas à violência nas aulas de educação física. *Cenas Educacionais*, 4, e12163.

Borges, L. N., Fernandes, M. P. R., Cisne, M. D. N., & Ferreira, H. S. (2021). Formação de professores para o ensino de lutas na educação física escolar: o estado da questão. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, 16 (3): 1547–1561.

Brasil. (2017). *Base Nacional Comum Curricular*. 4ª versão.

- Carvalho, C. L., Salerno, M. B., Silva, R. de F., & Araújo, P. S. (2017). Inclusão na Educação Física escolar: estudo da tríade acessibilidade-conteúdos-attitudes. *Motrivivência*, 29: 144-161.
- Darido, S. C.; & Souza Júnior, O. M. (2013). *Para Ensinar Educação Física*: possibilidades de intervenção na escola. 7ª ed. Campinas, SP: Papirus.
- Elias, N.; & Dunning, E. (1992). *A Busca da Excitação*. Lisboa: Difel.
- Engel, G. I. (2000). Pesquisa-ação. *Educar em Revista*, 16: 181-191.
- Ferreira, F. M., & Daolio, J. (2014). Educação Física escolar e inclusão: alguns desencontros. *Revista Kinesis*, 32(2).
- Ferreira, C. S., Cardoso, N. M. N., Cardoso, T. N., Mariante Neto, F. P., & Vasques, D. G. (2023). The teaching of fights in school physical education: a state of knowledge of brazilian studies. *Journal of Physical Education*, 34(e3417).
- González, F. J., Darido, S. C., & Oliveira, A. A. B. (org.). (2014). *Lutas, capoeira e práticas corporais de aventura*. Maringá: Eduem.
- Hegele, B., González, F. J., & Borges, R. M. (2018). Possibilidades do ensino das lutas na escola: uma pesquisa-ação com professores de educação física. *Caderno de Educação Física e Esporte*, 16(1):99–107.
- Matos, J. A. B. De, Hirama, L. K., Galatti, L. R., & Montagner, P. C. (2015). A presença/ausência do conteúdo lutas na educação física escolar: identificando desafios e propondo sugestões. *Conexões*, 13(2):117–135.
- Moura, D. L., Silva Junior, I. A. L. da, Araujo, J. G. E., Sousa, C. B. De, & Parente, M. L. da C. (2019). O ensino de lutas na Educação Física Escolar: uma revisão sistemática da literatura. *Pensar a Prática*, v. 22.

Nascimento, P.R.B., & Almeida, L. (2007). A tematização das lutas na Educação Física escolar: restrições e possibilidades. *Movimento*, 13(3): 91-110.

Oliveira, V. M., & Souza, J. (2018). A infância, o brincar e o jogar: reflexões a partir do referencial teórico de Norbert Elias. *Educação em Revista*, 34.

Rufino, L. G. B., & Darido, S. C. (2015). O ensino das lutas nas aulas de Educação Física: análise da prática pedagógica à luz de especialistas. *Journal of Physical Education*, 26(4): 505-518.

Santos, M. P. (2003). O papel do ensino superior na proposta de uma educação inclusiva. *Revista Movimento - Revista da Faculdade de Educação da UFF*. n. 7, p. 78-91.

Tripp, D. (2005). Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. *Educação e Pesquisa*. 31(3).

Ueno, V. L. F., & Sousa, M. F. (2014). Agressividade, violência e budô: temas da educação física em uma escola estadual em Goiânia. *Pensar a Prática*, Goiânia, 17(4).

Winkin, Y. (1998). *A Nova Comunicação: da Teoria ao Trabalho de Campo*. Campinas, Papirus.

Capítulo 5

A dimensão atitudinal no ensino de lutas na escola partir de uma reflexão sobre a ética¹⁴

Flávio Py Mariante Neto
Daniel Giordani Vasques

Introdução

A temática do ensino das lutas é recorrente em diversos estudos, reflexões e propostas de vários autores no contexto da educação física escolar (LOPES; KERR, 2015). Isso se justifica pelo fato de que esse conteúdo integra o conjunto de elementos pedagógicos a serem abordados durante o processo de formação do educando. Além disso, a aquisição de técnicas dos esportes de combate possibilita a expansão de gestos técnicos que não estão presentes nos esportes considerados "tradicionais", tais como o futebol e o voleibol.

O trabalho com esse conteúdo, assim, apresenta proficuidade e vantagens corporais e simbólicas do ponto de vista de sua aplicação no contexto escolar. As formas de seus gestos técnicos são um convite a outra percepção corporal e simbólica por parte do aluno em relação às possibilidades de movimento. Essa riqueza pedagógica dá ao professor mais possibilidades e aumenta as condições de aprendizagem discente

Tradicionalmente, há, segundo Rufino e Darido (2015), dificuldades de inserção desse conteúdo por duas razões: a falta de formação específica em lutas do professor da escola, e um preconceito relacionado à temática, que relacionaria as lutas à violência. A partir dessas reflexões, esses autores apresentam uma proposta metodológica de ensino de lutas na escola que se distancia da proposta por modalidade. Assim, os professores de escola não teriam que ser

¹⁴ Uma versão aproximada desse capítulo foi publicada como artigo científico na revista *Cadernos de Formação RBCE*. Este texto está no prelo.

especialistas em boxe, caratê ou judô para conseguir desenvolver seu trabalho. Essa metodologia dá a possibilidade de incluir elementos das lutas a partir das distâncias entre seus partícipes (GONZALEZ, DARIDO e OLIVEIRA, 2014). Deste modo, os praticantes teriam vivências dos movimentos de luta a partir de elementos básicos de lutas de curta distância, média distância, longa distância e distância mistas¹⁵.

Porém, se por um lado, essa proposição adquire um viés de mudança nas atividades e amplifica o compósito de elementos trabalhados na Educação Física escolar no que diz respeito aos saberes corporais, também se deve ter cuidado em refletir sobre as possibilidades atitudinais do ensino de lutas. Tradicionalmente o ensino das lutas traz consigo valores e conceitos filosóficos atrelados a sua prática.

Igualmente, a educação contemporânea demonstra uma preocupação com as questões sociais que perpassam o ensino dos conteúdos na escola. Afinal, não se defende uma educação conteudista, tampouco um ensino em que os significados sejam pouco relacionados com a crítica social. Nesta perspectiva, o documento regulador BNCC (BRASIL, 2017) apresentou alguns temas transversais, que devem ser trabalhados nas disciplinas do currículo. São eles: ética, saúde, meio ambiente, orientação sexual, trabalho, consumo, pluralidade e cultura.

Para o presente trabalho, escolhemos tratar especificamente do tema transversal “ética”. Sobre essa temática, há um grande número de conceitos, possibilidades analíticas e reflexões. Muitas áreas de conhecimento, como a filosofia e a história apresentam teorias e debates sobre o conceito. Entretanto, por ser um trabalho relacionado à escola e inserido em um contexto de intervenção pedagógica, optamos por conceituar a ética a partir da BNCC (BRASIL, 2017).

¹⁵ Nesta proposta metodológica, a referência é a distância entre os oponentes. Nas lutas de curta distância, os indivíduos estão bem próximos e utilizam técnicas de quedas e imobilizações; na média distância, há a inclusão de golpes traumáticos, como socos e chutes; e na longa distância, são usados implementos, como bastões ou espadas.

Este documento defende que a ética está envolvida na reflexão sobre elementos como equidade, solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças sociais.

Ademais, em documento sobre essa temática, os autores defendem que a ética é um constructo social que se transforma temporal e contextualmente. Deste modo, os padrões éticos de comportamentos adquirem novos formatos na medida em que se situam em uma época histórica específica e, dentro de um mesmo período, também são construídos valores de acordo com as diferentes culturas.

Por exemplo, no Brasil, houve uma transformação substancial nos últimos anos sobre questões como racismo, machismo e homofobia. Há um aumento da sensibilidade social em relação a estes termos, o que suscitou o crescimento das reflexões e debates sobre esses temas. A partir disso, esses elementos devem ser apresentados e discutidos em uma educação preocupada com a transversalidade. Resumindo, a ética atual traz os elementos apresentados como um escopo de discussões que devem ser debatidas no processo pedagógico.

A partir dessa definição e da possibilidade das lutas serem um conteúdo que possibilita análises em torno da temática, o intuito desse artigo é refletir e debater sobre o tema transversal “ética” a partir de um projeto de intervenção com o conteúdo lutas na Educação Física escolar.

Procedimentos metodológicos

O artigo se caracteriza como uma pesquisa-ação (BETTI, 2009; TRIPP, 2005), que tem por objetivo a construção de conhecimentos para aperfeiçoar a prática pedagógica. Mais do que isso, essa metodologia objetiva uma transformação no espaço de estudo, na medida em que fornece subsídios teóricos e de intervenção que podem suscitar mudanças sociais e pedagógicas no contexto estudado.

No caso em questão, tratou-se de estudar a ética no ensino das lutas na Educação Física escolar. De maio a julho de 2022 foram ministradas sete aulas para quatro turmas de 8º e 9º anos do Ensino Fundamental de uma escola pública federal. As aulas foram planejadas pelo coletivo de pesquisadores e foram conduzidas por um dos autores do texto, professor da escola.

Os dados foram produzidos por meio de observação participante e da elaboração de 14 diários de campo, os quais eram gravados oralmente e, após, transcritos. A confecção dos diários se deu em torno dos interesses iniciais da pesquisa, que tratavam da proposição do ensino de lutas, e dos estranhamentos do pesquisador. Cabe ressaltar que o professor tinha relativamente pouca vivência com lutas e com o ensino de lutas, mas que, ao mesmo tempo, era docente da instituição há mais de quatro anos, reconhecido pelos estudantes e com experiência na Educação Física escolar.

Assim, os estranhamentos foram produzidos frente ao que lhe era familiar; no caso, a escola e a Educação Física escolar. Além disso, perante o que lhe era um pouco mais distante, no caso, as lutas. A produção dos dados se deu, portanto, com base nas sensibilidades percebidas no ‘chão da escola’. Os protocolos dessa pesquisa foram aprovados pelo Comitê de Ética para pesquisas com seres humanos.

Os dados foram organizados do seguinte modo: foram construídas três categorias empírico-analíticas com base nos diários de campo e nas sensibilidades da prática docente, as quais estão em diálogo com a discussão sobre ética. Assim, o tópico a seguir descreve cenas e percepções do “chão da escola” e busca refleti-las em torno da ética enquanto tema transversal.

Resultados e discussão

O texto a seguir está dividido em três categorias empírico-analíticas. Foram extraídos trechos de diários de campo que, ao serem analisados, foram agrupados em três categorias: a) Controle das emoções; b) Lutar no contexto das lutas; e c) Comportamento em grupo.

Controle das emoções

A proposição do conteúdo de lutas gerava apreensões nas relações pedagógicas das aulas. O professor buscava se precaver de reclamações de pais e gestores da escola que pudessem entender que estávamos ensinando os estudantes a brigar. Para isso, fazia sentido distanciar os conteúdos ali propostos da noção de “briga”. O controle das emoções foi uma estratégia docente, baseada numa interpretação do esporte como espaço de excitação (ELIAS; DUNNING, 2019), para distinguir o ensino de lutas como um espaço de um descontrole controlado. O diário a seguir explica essa intencionalidade docente.

A questão das emoções chama muita atenção. O meu discurso foi no sentido de que a luta demanda do lutador um controle emocional muito grande, e eu fiz esse discurso, para as turmas, de que o ódio, a raiva, a impulsividade, não podem ser muito utilizados nas lutas, por que o lutador tem que saber a hora certa de atacar e de se defender. Então, o controle sobre suas emoções e impulsos tem que ser muito grande. [...] Nas minhas palavras na aula, é uma espécie de jogo dentro de certas regras onde os lutadores têm que saber o momento certo de agir para ganhar. Essa lógica desconstrói a ideia de que o lutador é impulsivo. No meu discurso, eu citei que, ao contrário disso, o lutador deve ter um equilíbrio emocional que dê conta de ele saber o momento exato de agir e de recuar. Nesse sentido ainda, falei que, afora algumas exceções, quem treina luta raramente briga porque sabe controlar suas emoções. (Diário de campo, 19 mai. 2022)

Controlar seus impulsos, suas pulsões, de modo geral, as suas emoções mais instintivas, parece ser necessário para a construção de uma determinada ética do agir adequada aos valores humanos e de uma sociedade democrática com vistas ao respeito e cuidado com os demais. Ainda que o ensino de controles e autocontroles possa ser visto como uma forma de domesticação, não parece estranho observar que, nos tempos contemporâneos, a desregulação e a evocação por

certa liberdade têm se tornado bandeiras de movimentos neofascistas que utilizam a violência como estratégia de disputa de poder. Em oposição, com vistas a uma educação humanista e libertadora se faz necessário controlar e limitar a violência.

Além disso, ao debater sobre os controles sociais, o professor faz um discurso que se coaduna com o que apregoa os documentos que debatem a ética apresentados no início desse trabalho (BRASIL, 2017). O intuito de refletir sobre os controles das emoções evoca uma percepção de que nem todos os impulsos (ELIAS; DUNNING, 2019) podem ser satisfeitos. Se o comportamento deve ser refletido e debatido na perspectiva da ação pedagógica, as lutas apresentam um potencial latente de entendimento que os controles são necessários, desde que sejam entendidos e refletidos pelos discentes.

Lutar no contexto das lutas

O ensino das lutas fora da escola tem, de modo geral, um cuidado muito grande para que os lutadores não utilizem as técnicas e estratégias aprendidas ali em outros espaços e com pessoas que não estão preparadas. Afora intencionalidades relacionadas à noção de defesa pessoal em casos que esta se faz necessária, o ensino das lutas é formado por certa ética que ensina a não utilizar tais golpes fora do espaço adequado de lutas. O trecho de diário de campo a seguir mostra como esse ensinamento perpassou as aulas.

Todas as lutas são ensinadas com base nesses dois princípios: o princípio primeiro de que aquelas técnicas e estratégias que se aprendem na aula de lutas, no treino de lutas, só podem ser empregadas, utilizadas, dentro do contexto das lutas. Isso vale para a nossa aula de Educação Física, onde as técnicas e estratégias aprendidas na aula só podem ser utilizadas na aula, em um contexto de igualdade de chances, com controle dos golpes e com respeito ao corpo dos colegas, o corpo que está disponibilizado por cada um ali para o aprendizado do outro. Então, respeito ao corpo do colega é um princípio muito importante. (Diário de campo, 19 mai. 2022)

Ainda que haja, ocasionalmente, notícias de lutadores brigando em outros espaços sociais, como festas e bares, esse comportamento é, de modo geral, rechaçado pelos mestres e professores de lutas, não raro com a expulsão ou exclusão desses lutadores de academias de lutas e de competições. A preocupação é que tais comportamentos acabem por distorcer os sentidos contemporâneos normalmente atribuídos às lutas.

Cabe destacar que as aulas transcorreram sem nenhum episódio de violência ou de machucados, e que isso se deve, na nossa interpretação, muito em vista dos acordos firmados com base nesses princípios entre professor e estudantes. Assim, é possível afirmar que o estabelecimento de acordos pedagógicos, para além de fortalecer os laços educativos, fez, no caso em tela, com que os estudantes se sentissem parte do processo pedagógico, o que possibilitou aprendizados significativos.

Ressalta-se, além disso, que as lutas podem ser um vetor de discussão sobre as diferenças entre esportes ‘de contato’ (RUFINO e DARIDO, 2015) e a violência. Dentro de uma ética da violência (ELIAS, 1994), pode-se inferir que há um aumento da sensibilização social em torno dessa temática. Desta forma, as lutas possibilitam uma separação entre esportes que têm o contato entre os praticantes como um dos elementos de sua dinâmica e episódios de agressividade gratuita e descontextualizada.

Assim, se Wacquant (2002) apresenta uma “etiqueta da violência”, mostrando que mesmo em ambientes de esportes de combate, como o boxe, o contato é determinado a partir de uma lógica – ou ética – de comportamento a partir de acordos tácitos e determinados pelo grupo, essas reflexões podem ser exploradas pelo professor a partir do trabalho com lutas.

Comportamento em grupo

A terceira categoria se diferencia das demais, já que não trata especificamente das aulas de lutas ou da Educação Física. Ao mesmo tempo, ela se entrelaça com as demais porque se trata dos mesmos

estudantes, e das observações feitas e anotadas pelo professor na mesma escola durante o período em que transcorriam as aulas de lutas. O diário a seguir relata furtos que sucediam na escola.

Estamos vivendo uma época em que estão tendo muitos relatos de furto na escola, de alunos furtando coisas, então, os alunos querem deixar as mochilas à vista [durante as aulas], estão sempre com celulares na mão, no bolso. Eles têm medo que os colegas ou pessoas de outras turmas furtarem [...], tanto no sétimo ano quanto no oitavo e nono anos são diversos relatos [...] e a gente está tentando entender porque isso está acontecendo. Me parece que a crise financeira é um motivo bastante importante. Quem sabe, enquanto país, enquanto sociedade, me parece também que voltamos a uma realidade presencial onde valores éticos e morais talvez estejam se reconstruindo. Pode-se imaginar que durante esse período de isolamento as éticas de comportamento exigidas em casa são diferentes das éticas e comportamentos exigidas em ambientes sociais como a escola, por exemplo. Então parece que essa área de valores, de ações e de atitudes é bastante importante nesse retorno à presencialidade. [...] Falar de questões atitudinais como controle das emoções e também de cuidado e respeito com o outro, e com as coisas do outro, são questões fundamentais. Além disso, [...] a escola está tratando esse retorno à presencialidade [...] como se fosse um retorno ao ano anterior à pandemia, como se alunos e professores estivessem preparados para essa anormalidade pandêmica, quando, na verdade, uma série de questões de saúde mental e uma série de questões atitudinais foram transformadas nesse período. Assim, precisamos saber conviver em grupo novamente. (Diário de campo, 13)

O afastamento de quase dois anos da escola, o empobrecimento da população e a política de pedagogia armamentista e violenta que ascendeu ao poder no País geraram uma série de desajustes no retorno à presencialidade, que a escola teve dificuldade

em lidar. O trecho de diário de campo a seguir segue a reflexão e os exemplos do campo.

Parece que os estudantes têm “questões de comportamento”, sendo que eles perderam ou não aprenderam em alguma medida durante esses dois anos em casa, as regras e as normas de etiqueta e comportamento na escola e compromisso social e de comportamento na escola. Então, eles estão testando os limites, eles estão descobrindo, eles estão descumprindo determinada regra, porque eles precisam ser educados para tal. Ficar dois anos longe e distante em alguma medida do convívio social faz com que a gente se afaste também das regras, normas e etiquetas de comportamento. Parece que isso também é uma das causas daquilo que a gente chama de mau comportamento, da bagunça ou da falta de silêncio durante as aulas de educação física. (Diário de campo, 17)

Em alguma medida, atuar com lutas na Educação Física foi uma forma de tensionar os comportamentos, a ética, nesse período de retorno à presencialidade na escola em que os comportamentos desviantes chamavam a atenção. Os dados mostram a necessidade de lidar com o aprendizado dos comportamentos. Longe de cercear as liberdades das juventudes e críticos às dificuldades enfrentadas pela escola nesse período, entendemos que a atuação pedagógica demanda olhar para os comportamentos.

Aqui, pode-se notar uma dinâmica específica da volta de uma realidade de pandemia que acometeu professores e estudantes durante a feitura desse trabalho. O que queremos inferir é que as aulas de educação física e o trabalho com as lutas possibilitaram a reflexão e a construção de um *habitus* (ELIAS, 1997) que fora desenvolvido através dos anos e que foi transformado pelo processo pandêmico.

Assim, o envolvimento e a convivência com o grupo foram desfeitos a partir de uma dinâmica social de ruptura e de separação. Ao voltar para o contexto educacional, os alunos passaram por uma retomada das relações coletivas e presenciais.

Considerações finais

Este artigo teve o objetivo de debater sobre o tema transversal ética em um projeto de pesquisa de intervenção com lutas na Educação Física escolar. Aprendemos, ao longo do desenvolvimento da pesquisa, que as idiosincrasias do conteúdo facilitam o fortalecimento da temática na medida em que produz empiricamente uma série de situações que resultam na discussão ética.

Nós aprendemos, também, que a proximidade física das lutas produz uma proximidade simbólica. Não há, nesse tipo de prática, uma mediação entre os partícipes; o corpo do colega é o alvo e o vetor de aprendizagem. Assim, ao mesmo tempo em que o contato é necessário e faz parte da dinâmica das lutas, a aprendizagem só é possível por uma disponibilidade física do opositor.

Especificamente sobre a ética, concluímos que as mudanças sociais tão difundidas nos debates teóricos se materializaram em situações práticas no labor do professor de Educação Física. As lutas ampliaram as possibilidades de discussão de transversalidade. Questões como (auto) controle, contextualização das ações e convivência em grupo apareceram com frequência.

Por fim, sobre as limitações de nossa pesquisa, propomos mais trabalhos que tentem entender a relação entre as lutas e outros temas transversais, assim como artigos com um número maior de turmas e de participantes. Assim, consideramos as discussões ainda em caráter embrionário. Longe de tentar dar respostas, a nossa intenção foi suscitar um debate em torno de uma área com tanta potencialidade.

Referências

BETTI, Mauro. Educação Física escolar: ensino e pesquisa-ação. Ijuí, RS: Ed. Unijuí, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretária de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, DF: MEC, 2017.

ELIAS, Norbert. O processo civilizador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

ELIAS, Norbert. Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric (org.). A busca da excitação. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2019.

GONZÁLEZ, F.; DARIDO, S. C.; OLIVEIRA, A. B. Lutas, capoeira e práticas corporais de aventura. Maringá: EdUEM, 2014.

LOPES, Raphael Gregory Bazílio; KERR Tiemi Okimura. O ensino das lutas na Educação Física escolar: uma experiência no ensino fundamental. *Motrivivência*, v. 27, n. 45, p. 262-279, 2015.

RUFINO, Leandro. DARIDO, Suraya. O ensino das lutas na escola: possibilidades para a educação física. Porto Alegre: Penso, 2015

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. *Educação e Pesquisa*, v. 31, n. 3, p. 443-466, 2005.

WACQUANT, L. Corpo e alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

Capítulo 6

Estratégias de ensino das lutas na escola

George Almeida Lima
Daniel Giordani Vasques
Flávio Py Mariante Neto

Introdução

A elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais, em 1996 e a Base Nacional Comum Curricular, em 2018 foi um marco importante para a educação física, pois esses documentos norteadores, apesar de inconsistências e elementos que tensionaram o campo da educação física, apontaram novas perspectivas para o ensino da educação física na escola, como a necessidade de diversificação dos conteúdos e de uma perspectiva metodológica que supere as práticas tecnicistas, que eram pautadas na comparação de rendimento entre os alunos e exclusão daqueles que não tinham habilidades apuradas. (MATOS *et al.*, 2015).

Tendo em vista esse processo de diversificação, as lutas se apresentam como uma possibilidade para a apropriação de práticas corporais que vão além dos esportes coletivos tradicionalmente abordados pelos professores de educação física, como futsal, voleibol, basquetebol e handebol (RUFINO; DARIDO, 2015).

Alencar *et al.*, (2015) afirmam que as lutas são pouco exploradas, mesmo com sua possibilidade de aplicação na escola. Alguns motivos são elencados para a não efetivação das lutas na escola, como: ausência de espaço adequado, inexistência de materiais adequados, resistência dos alunos, má formação docente e, sobretudo, há uma forte associação entre as lutas e a violência. Nesse sentido, as lutas, possivelmente, é o conteúdo que encontra mais resistência na escola, (NASCIMENTO; ALMEIDA, 2007;

LIMA, 2021; RUFINO, 2022; LIMA; PEREIRA, 2023; LIMA; FABIANI, 2023).

Outrossim, as lutas produzem uma série de representações que acabam por apresentar visões que acarretam na criação de estereótipos, que por sua vez se concretizam em obstáculos a serem superados. Para que haja a quebra dos preconceitos estabelecidos pelo senso comum, faz-se necessária uma imersão nas diferentes lutas. Nesse sentido, o professor tem um papel preponderante para ampliar as concepções dos alunos sobre essa prática (LIMA, 2021; RUFINO, 2022).

A partir da publicação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), as diferentes práticas de lutas foram citadas no referido documento, ampliando a diversificação das lutas que podem ser tematizadas e exploradas nas aulas de Educação Física (LIMA; MOURA, 2022). Neste ínterim, compreende-se que as lutas, constituintes da cultura corporal do ser humano, devem ser efetivadas na escola, e o professor, como mediador entre o processo de ensino e aprendizagem, deve propiciar subsídios que potencializem a apropriação e compreensão dos alunos sobre as lutas. A vivência dessa prática corporal também pode modificar, positivamente, o comportamento de seus praticantes, quando os aspectos filosóficos, éticos e morais incumbidos nas lutas são compreendidos pelos alunos (FERREIRA, 2006; LIMA, 2021; LIMA; MAIA, 2021).

Segundo Mocarzel (2016) e Lima e Fabiani (2023), o ensino das lutas deve ser efetivado para além da sua dimensão prática, considerando a compreensão dos aspectos conceituais, entendendo sua origem e suas transformações históricas, além do entendimento sobre seus aspectos filosóficos de ética, respeito e harmonia, que impactam positivamente o comportamento dos alunos, moldando suas ações cotidianas. A prática das lutas oferece plenas condições para que o professor a efetive na escola, pois não há necessidade de que se tenham equipamentos sofisticados, roupas específicas, tatames etc, pois é possível aplicar esse conteúdo através de jogos, como as tentativas de um

aluno tirar o colega de um determinado espaço, por exemplo. Através da compreensão de todos esses aspectos sobre as lutas, pode-se perceber que essa prática pode contribuir para o rompimento dos preconceitos que circundam a aplicação das lutas na escola (CIRINO; PEREIRA; SCAGLIA, 2013).

Destarte, faz-se necessário questionar: quais as possibilidades para a aplicação das lutas na escola? Para Brasil (2017) as lutas devem ser trabalhadas na escola de uma maneira em que os participantes usem “técnicas, táticas e estratégias específicas para imobilizar, desequilibrar, atingir ou excluir o oponente de um determinado espaço, combinando ações de ataque e defesa dirigidas ao corpo do adversário” (BRASIL, 2017, p. 218). Outro fato que remete a utilização das lutas na escola, é o fato de que essa prática faz parte do acervo cultural humano e por apresentar-se como uma representação corporal de cunho cultural, deve ser trabalhada dentro das unidades temáticas da educação física na escola (BRASIL, 2017). Desse modo, o jogo se apresenta como uma possibilidade para a aplicação do Sumô na escola, pois “quando se joga cria-se um espaço social regado de símbolos provenientes do entendimento que as pessoas possuem do seu mundo real” (LIMA; SILVA, 2021, p. 973).

Dentro desse aspecto, o presente estudo objetiva analisar perspectivas para o ensino das lutas na escola. Essa pesquisa mostra-se relevante, pois aponta ao leitor caminhos para a compreensão e efetivação dessa temática nas aulas de educação física escolar.

As lutas como recurso pedagógico na escola

As lutas são conteúdos ricos em significados e sua prática possibilita a ampliação de conhecimentos nas dimensões: científica, conceitual, de apreciação estética, corporal, econômica, de lazer, esportiva, etc (MATOS *et al.*, 2015). Ainda para o referido autor, ausência desse conteúdo na escola infere que o aluno tem uma formação limitada, já que a prática desse conteúdo abrange aspectos

motores, afetivos, sociais e cognitivos, inculcando em seu desenvolvimento integral.

Segundo Alencar *et al.* (2015), as lutas são um conteúdo preponderante para o desenvolvimento do aluno, pois essa prática oportuniza diferentes expressões, seja por meio de jogos e atividades lúdicas, pela vivência de movimentos específicos de cada arte marcial, pela apropriação do lazer etc. Ainda para o referido autor, as lutas devem ser ressignificadas pelos alunos, considerando-se suas percepções e subjetividades, possibilitando a efetivação da construção e da apropriação crítica da cultura corporal. Rufino e Darido (2015) afirmam que o ensino das lutas deve buscar a construção de atitudes críticas e criativas.

Segundo Evaristo (2020) as lutas, sendo trabalhadas de maneira crítica e reflexiva, são consideradas como um meio eficiente para a educação do aluno, pois nessa prática corporal estão ancorados diversos valores como respeito às regras, disciplina, desenvolvimento da aptidão física voltada à saúde e a prática esportiva e o desenvolvimento cognitivo e social dos participantes.

Lima *et al.* (2023) realizaram um relato de experiência com alunos do ensino médio do município de Campos Sales/CE, tematizando a luta marajoara na escola. A abordagem utilizada pelos autores, pautada em uma pedagogia crítica, contribuiu para o desenvolvimento de discussões amplas sobre o ensino das lutas na escola, os processos de esportivização e a influência da mídia sobre as lutas. O fomento dessas discussões possibilitou o tensionamento do currículo escolar e o desenvolvimento de percepções críticas dos alunos, no que concerne a escolha dos conteúdos a serem vivenciados na escola.

Em estudo proposto por Evaristo (2020) o autor desenvolveu o conteúdo lutas em uma escola pública em Rondônia, localizada em uma região periférica do município Vale do Guaporé/RO, nesse estudo, foram selecionados 129 alunos do 4º ao 9º ano, que foram divididos em cinco turmas de acordo com sua faixa etária. Para o supracitado autor, as atividades tiveram aceitação positiva dos discentes, o que permitiu o acesso a novos conhecimentos e

movimentos corporais, além de favorecer a interação social dos alunos nas atividades realizadas. O autor verifica que a diversificação das lutas, sendo aplicadas a partir de jogos, supera a transmissão conceitual dessa área temática, possibilitando a inserção do aluno no campo procedimental, ou seja, da apropriação e fruição da prática corporal.

Dentro desse aspecto, Alencar *et al.* (2015) afirmam que esse conteúdo é aplicável na educação física escolar, contrapondo os argumentos que diversos professores apontam para a não aplicação desta unidade temática. O compartilhamento de informações através da formação continuada pode auxiliar os professores que tem menos vivência sobre essa unidade temática dando-lhes subsídios para a compreensão e aplicação pedagógica das lutas na escola.

Segundo Matos *et al.* (2015) o professor deve buscar a formação continuada para que esteja em constante reflexão e contato com perspectivas metodológicas atuais que corroborem com a sistematização pedagógica das lutas na escola, ampliando as concepções do professor acerca dessas unidades temáticas, o que pode contribuir para uma presença mais efetiva das lutas na escola.

Perspectivas para o ensino das lutas na escola

Segundo Pereira *et al.* (2017), o professor de educação física ao ensinar a unidade temática lutas, deve proporcionar aos alunos situações-problema que ampliem suas vivências motoras, cognitivas e sociais, possibilitando que o aluno reflita e se aproprie de maneira crítica das práticas corporais. “O educando é motivado por experiências novas, por atividades diversificadas, o conteúdo lutas pode, portanto, proporcionar momentos gratificantes ao aluno e ao educador” (PEREIRA *et al.*, 2017, p. 342).

Para que haja essa apropriação por parte do aluno, o professor deve ter objetivos bem delineados sobre a aplicação das lutas, selecionando qual luta vai utilizar a partir do entendimento da classificação das lutas. Alencar *et al.* (2015) propõem a organização das lutas entre: (i) lutas agarradas, em que os participantes estão em

contato direto um com o outro; (ii) lutas de contato, onde sempre que acontece um contato, logo em seguida há um afastamento entre os adversários e (iii) lutas armadas, se caracterizando pela utilização de implementos como espadas, sabres etc.

A partir desse entendimento, o professor pode selecionar quais atividades desenvolver a partir de cada tipo de contato corporal. É importante que essa compreensão e aplicação das lutas esteja interligada as três dimensões de conteúdo. Procedimental, quando há o desenvolvimento e a vivência prática dos jogos de lutas ou movimentos específicos da arte marcial. Atitudinal, quando trata de valores como respeito e ética e cordialidade. Conceitual, quando se tratam dos fatos históricos, regras, fundamentos e transformações sobre a luta (LIMA; FABIANI, 2023).

Gomes *et al.* (2010) apresentam que as lutas possuem princípios condicionais que se configuram como elementos que ao serem compreendidos, facilitam os processos de ensino e aprendizagem das lutas na escola. Os princípios condicionais são: (i) contato proposital, (ii) fusão ataque/defesa, (iii) oponente/alvo, (iv) imprevisibilidade e (v) regras. Com base nestes elementos, as lutas podem ser divididas em grupos situacionais como lutas de curta, média e longa distância. Nesse sentido, o professor pode desenvolver uma luta específica a partir das especificidades da prática selecionada.

Ferreira *et al.* (2023) defendem que o ensino das lutas nas aulas de educação física escolar deve estar pautado em processos que envolvem a adaptação das práticas corporais ao contexto sociocultural dos alunos e ao ambiente ao qual estão inseridos e a utilização de estratégias que envolvem a inovação das aulas, motivando positivamente os alunos a se apropriarem do conteúdo abordado.

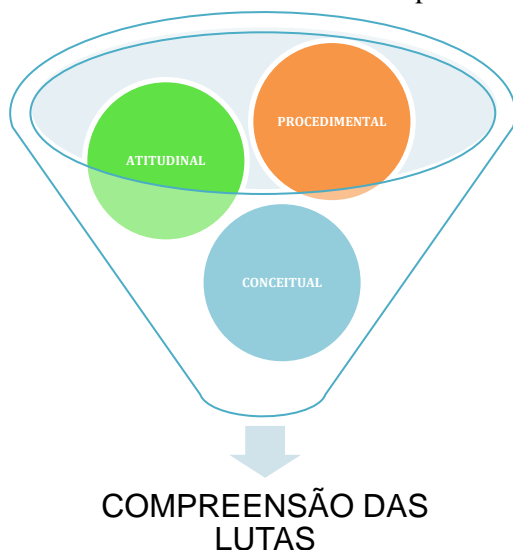
Destarte, Pereira *et al.* (2017) salientam que o conteúdo das lutas pode apresentar dois contextos equivocados de ensino. O primeiro quando se enfatiza especificamente o gesto motor, na busca pela execução perfeita de movimentos. O segundo quando o conteúdo não é trabalhado na escola. Esse fato ocorre pela falsa crença que para aplicar o conteúdo das lutas é preciso ter uma formação específica em alguma arte marcial. O autor defende que a sistematização pedagógica

das lutas deve estar pautada no jogo, proporcionando ao aluno possibilidades para o melhor entendimento da luta.

Fonseca, Francine e Del Vecchio (2013), inferem que as aulas que envolvem o conteúdo lutas, sejam construídas e desenvolvidas em um ambiente lúdico, favorecendo a espontaneidade, criatividade e desenvolvimento afetivo do aluno. Para isso, deve-se romper o método tradicional de ensino, que é pautado na competição e na comparação de resultados e aplicar metodologias ativas e inclusivas que coloquem o aluno no centro do processo de ensino e aprendizagem (SCAGLIA, 2007).

Nascimento e Almeida (2007) destacam a importância de o professor ter claro para si as perspectivas metodológicas que irá utilizar nas aulas de educação física, e criar meios para sintonizar os aspectos conceituais, procedimentais e atitudinais, ou seja, propiciar recursos para que o aluno conheça os conceitos, vivencie-os na prática e expresse suas emoções. “O trato pedagógico com o tema lutas/artes marciais, precisa levar em consideração a perspectiva de explorar todas as dimensões do conteúdo” (ALENCAR *et al.*, 2015, p. 54). A seguir, a figura 1 apresenta um processo que pode contribuir para a compreensão das lutas.

Figura 1. Dimensões do conhecimento e compreensão das lutas.



Fonte: Elaboração dos autores (2023)

Quando há uma sistematização do conteúdo, pautando-se no engendramento de elementos práticos, conceitos específicos e atitudes positivas, o professor pode potencializar a compreensão dos alunos sobre a unidade temática trabalhada, criando diversas situações que envolvem os aspectos cognitivos, sociais, afetivos e motores. O quadro 2 apresenta atividades que podem ser desenvolvidas na escola.

Quadro 2. Atividades procedimentais que podem ser utilizadas como atividades práticas.

Nome da Luta	Objetivo	Regras	Estratégias
Jogo com as costas	Vencer o adversário, tirando-o do espaço apenas utilizando as costas	Os alunos devem ficar de mãos dadas para evitar alguma possível queda	Exclusão do espaço.
Nome da Luta	Objetivo	Regras	Estratégias

Luta com pregadores de roupa	Tentar pegar os pregadores de roupa que estão colocados na roupa dos participantes.	Conseguir tirar pregador de roupas do adversário a partir de uma postura de luta, com as pernas ligeiramente afastadas e as mãos em posição de guarda	Ataque: tentar pegar o pregador adversário; Defesa: defender seu pregador.
Nome da Luta	Objetivo	Regras	Estratégias
Luta com balões	Em duplas, os alunos devem estourar o balão adversário.	Os alunos devem colocar o balão em baixo da camisa e devem tentar estourar o balão do adversário.	Ataque: tentar estourar o balão adversário; Defesa: defender seu balão.
Nome da Luta	Objetivo	Regras	Estratégias
Jogo da esgrima	Em duplas, os alunos devem produzir as espadas de jornal. Em seguida os alunos irão tentar tocar sua espada no colega e ao mesmo tempo se defender.	Só pode tocar o implemento no tórax.	Ataque: Tocar o implemento no adversário; Defesa: defender-se dos ataques do colega.

Fonte: Elaboração do autor (2023)

Na proposta acima, há uma busca de diversificação das atividades, na busca de que o aluno se aproprie de diversas técnicas corporais. O jogo com as costas remete as lutas agarradas, pois há um contato corporal contínuo. O jogo Luta com pregadores de roupa e Luta com balões refere-se as lutas de contato, pois em determinados momentos da atividade acontece um contato e em outros não. Jogo da

esgrima refere-se as lutas armadas, pois os praticantes fazem uso de um implemento específico.

Nascimento (2008) enfatiza a necessidade de se utilizar métodos que possam abranger a pluralidade das lutas, ampliando as possibilidades de os alunos se apropriarem do conhecimento. A partir das atividades elencadas, pode-se perceber que o professor utiliza situações-problema e faz com que os alunos estejam sempre ativos no processo de ensino e aprendizagem.

Para Nascimento e Almeida (2007), esse tipo de intervenção confirma a tese de que não há necessidade de que o professor seja um especialista em determinada arte marcial para aplicar esse conteúdo na escola. “A escola definitivamente não será o local de formação do “lutador” de específica modalidade de luta, e sim do cidadão que poderá: experimentar, usufruir da experiência singular de se opor em situação de combate corporal” (NASCIMENTO, 2008, p. 47).

Considerações finais

As lutas são uma unidade temática da educação física que trazem contribuições para o desenvolvimento do aluno em aspectos motores, sociais, cognitivos e afetivos, pois sua prática exige que os alunos utilizem diversas capacidades como saber se expressar, aceitar e respeitar as regras e os demais colegas, saber agir de forma cordial em momentos de desequilíbrio etc. Mas percebe-se que mesmo assim, a efetivação das lutas no contexto escolar possui tensionamentos que devem ser eliminados a partir de formações docentes adequadas, a adoção de políticas educacionais que disponibilizem materiais específicos e fortaleçam o trabalho docente.

Outrossim, pôde-se perceber que as dificuldades apresentadas pelos professores podem ser superadas a partir da sistematização metodológica do professor sobre esse conteúdo, em que ele pode desenvolver as lutas através dos jogos. Nesse sentido, não é preciso ser um especialista em alguma arte marcial, mas sim, compreender o desenvolvimento das lutas a partir das dimensões do conhecimento, em seus aspectos conceituais (saber conhecer), procedimentais (saber

fazer) e atitudinais (saber ser), além de seus princípios condicionais e grupos situacionais. Para isso, o professor deve criar situações-problema que coloquem sempre o aluno no centro do processo de ensino e aprendizagem, compreendendo-o como um ser ativo e agente social crítico.

Referências

ALENCAR, Y. O *et al.* As lutas no ambiente escolar: uma proposta pedagógica. R. bras. Ci. e Mov, v. 23, n. 3, p. 53-63, 2015

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017.

CIRINO, C; PEREIRA, M. P. V. C.; SCAGLIA, A. J. Sistematização dos Conteúdos das Lutas para o Ensino Fundamental: uma proposta de ensino pautada nos jogos. Rev Min Educ Fís, v. 9, p. 221-227, 2013.

EVARISTO, André de Paulo. Lutar para vencer: a inserção de Lucas como conteúdo em aulas de educação física escolar. Brazilian Journal of Development, v. 6, n.12, p.95003-95015, 2020.

FERREIRA, H. S. As lutas na educação física escolar. Revista de Educação Física/Journal of Physical Education, v. 75, n. 135, 2006.

FERREIRA, C. S *et al.* O ensino das lutas na educação física escolar: um estado do conhecimento de estudos brasileiros. Journal of Physical Education, v. 34, p. e3417, 2023.

FONSECA, J. M. C. FRANCHINI, E. VECCHIO, F. B. D. Conhecimento declarativo de docentes sobre a prática de lutas, artes marciais e modalidades esportivas de combate nas aulas de educação física escolar em pelotas, Rio Grande do Sul. Pensar a prática, v. 16, n. 2, p. 416-434, 2013.

GOMES, M. S. P *et al.* Ensino das lutas: dos princípios condicionais aos grupos situacionais. Movimento, v. 16, n. 2, p. 207-227, 2010.

LIMA, G. A. SILVA, M. L. G. Linguagem corporal e comunicação: a criança e o brincar. *Revista interfaces: saúde, humanas e tecnologia*, v. 9, n.1, p. 969-974, 2021.

LIMA, G. A. Ensino das lutas na escola: um estudo com professores de educação física da cidade de Campos Sales-ce. *Temas em Educação Física Escolar*, v. 6, n. 1, p. 71-86, 2021.

LIMA, G. A; MAIA, F. E. S. Os impactos da arte marcial no comportamento dos seus praticantes. *Revista Interfaces: Saúde, Humanas e Tecnologia*, v. 9, n. 2, p. 1098-1104, 2021.

LIMA, G. A; FABIANI, D. J. F. Reflexões sobre o ensino das lutas na escola a partir das dimensões do conteúdo: uma revisão integrativa. *Motrivivência*, v. 35, n. 66, 2023.

LIMA, George Almeida; PEREIRA, M P. Contribuições das lutas nas aulas de educação física. *Journal of Sport Pedagogy & Research*, v. 9, n. 2, p. 4-13, 2023.

LIMA, G. A; MOURA, D. L. Reflexões sobre o desenvolvimento da huka-huka nas aulas de educação física: uma revisão integrativa. *Revista Prática Docente*, v. 7, n. 1, p. e019-e019, 2022.

LIMA, G. A *et al.* Tematização da Luta Marajoara nas aulas de educação física escolar: indícios de uma pedagogia crítica. *Cadernos do Aplicação*, v. 36, 2023.

MATOS, J. B *et al.* A presença/ausência do conteúdo lutas na educação física escolar: identificando desafios e propondo sugestões. *Conexões*, v. 13, n. 2, p. 117-135, 2015.

MOCARZEL, Rafeel Carvalho da Silva. Relatos sobre o Sumô ontem e hoje no Brasil e no mundo. *Revista Kinesis*, v. 34, n. 2, p. 104-116, 2016.

NASCIMENTO, Paulo Rogério Barbosa do. ALMEIDA, Luciano de. A tematização das lutas na Educação Física Escolar: restrições e possibilidades. *Movimento*, v. 13, n, 3, p. 91-110, 2007.

NASCIMENTO, Paulo Rogério Barbosa do. Organização e trato pedagógico de lutas na educação física escolar. *Motrivivência*, v. 31, p. 36-49, 2008.

PEREIRA, M. P. V *et al.* Lutas na escola: sistematização do conteúdo por meio da rede dos jogos de lutas. *Conexões*, v. 15, n. 13, p. 338-348, 2017.

RUFINO, L. G. B; DARIDO, S. C. O Ensino das Lutas nas Aulas de Educação Física: Análise da Prática Pedagógica à luz de especialistas. *Revista da educação física/UEM*, v. 26, p. 505-518, 2015.

RUFINO, Luiz Gustavo Bonatto. A tematização das lutas nas aulas de Educação Física: uma análise a partir dos avanços e retrocessos da BNCC. *Olhar de Professor*, v. 25, p. 1-20, 2022.

SCAGLIA, Alcides José. Referencial curricular da educação básica das escolas públicas municipais de Franca. Franca: Prefeitura municipal, 2007.

Parte III

Sugestões de atividades de lutas

Amanda Gomes Souza
Daniel Giordani Vasques
Flávio Py Mariante Neto

Objetivos conceituais: Contextualizar as modalidades e elementos que englobam as lutas de curta distância, média distância, longa distância e distância mista. Além disso, salientar a importância do conhecimento histórico, regras e valores; conceituar e desenvolver as técnicas e movimentos básicos das lutas de forma geral; definir e enfatizar os cuidados e precauções para as atividades em duplas ou equipes.

Objetivos atitudinais: Discutir e debater as questões que envolvem as modalidades de lutas, violência, preconceitos, valores e benefícios.

Lutas de Curta distância

1. Desequilíbrio.

Esta atividade objetiva o desequilíbrio do oponente apenas com movimentos dos membros superiores.

Com a turma dividida em duplas, posicione os alunos frente a frente com a base firme. É necessário que unam as partes externas dos pés que estiverem à frente e segurem no antebraço do oponente. A posição inicial deve ser mantida durante toda a partida.

O objetivo é desequilibrar o oponente, usando apenas os movimentos de braço, sendo necessário fazê-lo tirar os dois pés da base. Vence o aluno que conseguir mover o adversário sem sair da posição inicial.

É possível realizar a progressão da atividade com os pés da base em linha.

2. Pode sentar.

Para esta atividade é necessário dividir a turma em duplas e demarcar uma área ampla onde os dois alunos possam se mover.

A dupla deve se colocar dentro do espaço determinado e se posicionar de cócoras, unindo as palmas das mãos em frente ao corpo. O objetivo da atividade é fazer com que o oponente sente ou apoie uma das mãos no solo. Os alunos podem empurrar ou puxar, mantendo sempre as mãos unidas.

Vence a partida aquele que fizer o adversário sentar ou apoiar umas das mãos no solo.

A atividade pode ser realizada com pontuação e um tempo delimitado, vencendo o jogo aquele que tiver obtido mais pontos.

3. Pernas ao ar.

Esta atividade pode ser realizada em duplas ou trios. Sentados sobre um tatame, os alunos devem tirar as pernas do chão, juntando as plantas dos pés no ar. As mãos tampouco podem tocar o solo.

Os alunos devem forçar o pé do adversário para baixo, tentando fazer com que o calcanhar toque o chão, ou em caso de desequilíbrio, uma das mãos. Não é permitido usar as mãos, ou chutar para auxiliar no movimento.

Caso os pés se separem, mas nenhum dos participantes toque no solo, a partida é reiniciada.

4. Jacaré.

Para esta atividade será necessário que a turma seja dividida em duplas e que os alunos se disponham frente a frente em posição de prancha (com os braços estendidos). Os oponentes devem tentar derrubar um ao outro com puxões, sem apoiar os joelhos no solo.

É permitido também que se movimentem para frente, para trás, e para as laterais. Vence aquele que conseguir desequilibrar e derrubar o oponente completamente sobre o solo.

A atividade pode também ser realizada em equipe, nesse caso, vence aquela que derrubar mais jacarés.

5. Saída!

Inicialmente, é necessário limitar uma área com mais ou menos 2m de circunferência e dividir a turma em duplas. Cada aluno receberá uma função:

Aluno A: manter o oponente no espaço. Aluno B: escapar do espaço. Para iniciar a atividade os dois alunos devem se posicionar no interior do círculo já com suas funções determinadas. O objetivo é manter o oponente dentro do círculo apenas segurando-o. A saída é válida apenas se o aluno colocar os dois pés para fora da marcação. Pode ser definido um tempo limite.

6. Gangorra.

Para esta atividade é necessário dividir a turma em duplas e entregar um pequeno bastão para cada.

Os alunos devem se sentar de frente um para o outro, com as pernas estendidas e pés unidos. O bastão deve ser segurado entre os dois, no centro, com ambas as mãos.

O objetivo do jogo é puxar o adversário até tirá-lo do chão e levantá-lo. Os alunos não podem em momento algum flexionar os joelhos para auxiliar nos movimentos, seja para puxar ou se manter na posição.

7. Pega Garrafa.

Para esta atividade a turma deve ser dividida em dois grandes grupos. Será necessário delimitar uma área no tatame e posicionar uma garrafa vazia no centro.

O primeiro grupo formará um círculo ao redor da garrafa, com o objetivo de protegê-la usando apenas o corpo e braços. O segundo grupo ficará do lado de fora, e terá de entrar no círculo para pegar o objeto. É permitido a este grupo que rasteje, salte, role ou caminhe para ultrapassar a barreira.

8. Mini Judô.

Para a realização desta atividade é necessário dividir a turma em duplas e dispor os alunos sobre um tatame ou colchonetes.

Para começar a atividade as duplas devem ficar ajoelhadas frente a frente. A partir disso, o objetivo é derrubar o adversário. São permitidos puxões pelos membros superiores e inferiores, bem como empurrões no tronco.

A queda é validada somente quando o adversário estiver com o tronco completamente em contato com o solo.

9. Sumô.

Para esta atividade é necessário dividir a turma em duplas e delimitar um círculo amplo.

Os alunos devem se posicionar dentro do círculo, no centro, tendo como objetivo mover o adversário para fora da área demarcada. É permitido usar apenas o corpo para empurrar e deslocar o oponente. Caso algum aluno se desequilibre e sente ou ajoelhe-se na área, a partida recomeça.

10. A bola é minha.

Para a realização desta atividade será necessário dividir a turma em duplas e entregar uma bola para cada.

Cada aluno da dupla deve segurar a bola com as duas mãos, e tentar tirá-la do oponente com puxões e movimentos de tronco. No entanto, não é permitido apoiar o objeto no corpo, apenas segurá-lo com as mãos.

A atividade pode também ser realizada com os alunos ajoelhados.

Lutas de Média Distância

1. Prendedores.

Para a atividade serão necessários prendedores de roupa coloridos. A divisão da turma pode ser realizada em duplas ou equipes pequenas.

Cada aluno deve colocar em sua roupa um número igual de prendedores, o objetivo é roubar os prendedores do adversário enquanto protege os seus. A movimentação pode ser realizada somente em base (pés afastados e joelhos semiflexionados) para frente e para trás; já as defesas são permitidas apenas com uma mão, em um movimento simples de bloqueio para dentro ou para fora. Tanto em duplas quanto em equipes, vence quem conquistar mais prendedores do adversário.

2. Boxe com bolas.

Esta atividade consiste em simular socos retos (*jab* e direto) sem contato direto entre os participantes. Para a prática serão necessárias duas bolas de handebol por aluno.

Cada aluno segurará uma bola em cada mão e se posicionará em posição de defesa (mãos abaixo do queixo), as quais servirão tanto de luva quanto de alvo. A atividade é realizada em dupla, e tem como objetivo derrubar os alvos do oponente com socos.

Se uma bola for derrubada é marcado um ponto; vence aquele que derrubar duas bolas.

3. Upper.

Para esta atividade serão necessário arcos e balões, objetivando os golpes de baixo para cima.

Os alunos devem posicionar em base, com os pés afastados e joelhos semiflexionados. O pé da frente deve ficar posicionado dentro do arco. A partir da posição inicial, o aluno lançará o balão para cima e realizará *uppers* para mantê-lo flutuando.

A movimentação do aluno deve ser feita somente no espaço delimitado pelo arco.

4. Circuito de socos.

Para este exercício a turma deve ser dividida em duplas, e serão necessários balões.

Cada aluno receberá uma função, o primeiro será responsável por segurar o balão ao lado do corpo, na altura do rosto; o segundo será responsável por desferir os socos conforme os comandos do professor, os quais podem ser simples: *jab*, direto, cruzado, *upper*; ou combinados: *jab*, direto e *upper*, direto e cotovelada, e etc...

A sequência de golpes deve ser progressiva, dependendo do avanço da turma.

5. Esquivas.

Para a atividade serão necessários espaguets de piscina ou balões canudo.

A turma deve ser dividida em duplas, as quais receberão um par de balões. Um aluno será o ataque e o outro a defesa. O ataque usará os balões para simular golpes no oponente, o qual terá como objetivo realizar esquivas dos golpes recebidos.

É necessário orientar os alunos para não utilizarem força desnecessária e realizarem os golpes com calma. A velocidade dos ataques deve ser aumentada conforme o desempenho de cada aluno.

6. Bolinhas de Sabão.

Para a atividade serão necessários sopradores de bolinhas de sabão.

A turma pode ser dividida em duplas, pequenos grupos ou em estafetas. Um aluno soprará as bolhas de sabão, enquanto o outro será responsável por estourá-las somente com *jabs*, diretos e *uppers*. A atividade pode ser realizada em caráter competitivo, de modo que o aluno que conseguir estourar todas as bolhas primeiro, vence a partida.

7. Socos e Joelhadas.

Esta atividade é realizada individualmente, e serão necessários balões. A turma deverá ser posicionada sobre a linha lateral da quadra. Cada aluno, com seu balão em mãos, deverá atravessar a quadra desferindo socos retos e joelhadas no balão sem deixá-lo cair. Caso o balão se perca ou caia, o aluno deve retornar para o início. Na primeira rodada o professor deve permitir que os alunos realizem a atividade como preferirem. Após, deve orientar a turma sobre a função de cada movimento: os socos servem para avançar e as joelhadas para levantar o balão.

8. Chute Frontal.

Esta atividade deve ser realizada com a turma dividida em duplas, e serão necessárias bolas de basquete. A posição inicial consiste na base firme, com as pernas afastadas e joelhos semiflexionados, as mãos protegendo o queixo. Para iniciar a atividade, o primeiro aluno quicará a bola com força; o segundo aluno que estará na posição inicial deverá realizar um chute frontal quando a bola estiver em uma altura adequada. O chute frontal deve ser realizado tanto com a perna direita, quanto com a esquerda.

9. Comandos.

Para este exercício a turma deve se espalhar pela quadra, deixando espaço livre na frente e laterais.

Para iniciar, todos devem se posicionar com a base, isto é, pernas afastadas, joelhos semiflexionados e punhos protegendo o queixo. A partir disso, o professor dará comandos variados de golpes e a turma terá de realiza-los.

Conforme o decorrer da atividade, os comandos devem ser acelerados e os golpes combinados a outro. O aluno que errar deve sentar-se.

A dificuldade deve ser aumentada progressivamente.

10. Capoeira-Queimada.

Para a atividade, a turma deve ser dividida em duas equipes, posicionadas em lados opostos da quadra. A partir disso, os alunos devem se espalhar pelo espaço e escolher um lugar, do qual não poderão mais sair.

As equipes receberão três bolas e deverão então rolá-la ou arremessa-la contra a equipe adversária. Para se defender os alunos não podem sair do lugar, mas a esquivia é permitida desde que usando a ginga ou uma estrelinha.

Os alunos acertados saem do jogo.

Lutas de Longa Distância

1. Esgrima: Toque no ombro.

Inicialmente a turma deve ser dividida em duplas, e os alunos posicionados frente a frente na posição “de guarda”, que consiste em pernas afastadas, braço dominante levemente flexionado apontando em direção ao oponente.

O objetivo da atividade é acertar o ombro do adversário com a mão, realizando a movimentação de ataque, ao mesmo tempo em que deve evitar ser tocado.

A defesa pode afastar o braço de adversário em um movimento para dentro ou para fora.

2. Esgrima: Pontaria.

Para este exercício será necessário que a turma seja dividida em duplas, de modo que cada aluno receberá uma função. Serão necessários círculos de papel colorido e as armas da esgrima (jornal enrolado).

A posição inicial para a dupla é a mesma: “em guarda”. Os oponentes devem ficar frente à frente, pernas afastadas, a mão da arma para a frente e o braço oposto elevado na altura do ombro.

O primeiro aluno terá dois ou mais círculos de papel colados na roupa (ombros e tórax) e usará sua arma somente para defesa; enquanto o segundo aluno terá de atacar, mirando somente nos círculos coloridos.

O número e ataques deve ser definido previamente, para que os alunos possam inverter suas funções.

3. Esgrima: Argolas.

Para esta atividade será necessário que a turma seja dividida em duplas, de modo que cada aluno receberá uma função. Serão necessárias argolas e as armas da esgrima (jornal enrolado).

O primeiro aluno será responsável por segurar a argola em alturas e distâncias variadas; de modo que o segundo aluno terá de realizar um ataque e passar a ponta da arma por dentro da argola.

Deve-se definir um número de tentativas, para que os alunos invertam as funções.

4. Esgrima: Balões.

Esta atividade por ser realizada individualmente ou com a turma dividida em duplas, e para sua realização serão necessárias as armas da esgrima (jornal enrolado) e balões.

Em duplas, os alunos devem se posicionar “em guarda” e terão como objetivo passar o balão de um para o outro usando somente a ponta das armas, não podendo deixá-lo cair. São permitidos os

deslocamentos para frente e para trás, e movimentos livres com a arma, desde que os toques sejam feitos somente com a ponta.

5. Esgrima: combate.

Esta atividade possui como objetivo simular um combate de esgrima, para isso, serão necessárias as armas (jornal enrolado) e giz.

Deve ser organizado previamente uma pista para o combate, um sorteio das duplas que se enfrentarão e a definição de regiões permitidas para o ataque (tronco, braços, pernas e etc.). É necessário colar um giz na ponta de cada arma, para que quando ocorra o toque no oponente, fique marcado.

Os pontos são registrados a cada nova marca de giz, desde que nas regiões permitidas. Vence aquele que atingir o maior número de pontos primeiro. Para a atividade, sugere-se pontuação máxima entre 8 e 10 pontos.

6. Kung Fu: Derruba garrafa.

Serão necessários para esta atividade bastões de madeira (cabo de vassoura) e garrafas plásticas, as quais devem ser posicionadas em círculo em diferentes alturas.

O aluno deve se posicionar no centro do círculo com as pernas afastadas e pés posicionados paralelamente, segurando o bastão com as duas mãos em frente ao corpo. O objetivo da atividade é derrubar as garrafas com movimentos circulares do bastão, sejam laterais ou frontais para cima/baixo. Será dada apenas uma chance para derrubar cada garrafa.

A empunhadura do bastão consiste em mão direita no centro com o polegar para cima, e mão esquerda na ponta do bastão, polegar também apontando para cima. Os movimentos de estocada são realizados em frente ao corpo.

7. Kung Fu: Pêndulo.

Serão necessários para esta atividade bastões de madeira (cabo de vassoura) e garrafas plásticas com um barbante preso na ponta. As garrafas devem ser penduradas (goleira, por exemplo), de modo que possam se mover e simular um pêndulo.

O aluno deve se posicionar de frente para o alvo, com as pernas afastadas e joelhos semiflexionados, segurando o bastão com as duas mãos em frente ao corpo. O objetivo da atividade é estocar as garrafas com movimentos curtos e firmes do bastão.

Durante o movimento do bastão a perna posicionada à frente avança um passo, mantendo a base firme e equilibrada.

A empunhadura do bastão consiste em mão direita no centro com o polegar para cima, e mão esquerda na ponta do bastão, polegar também apontando para cima. Os movimentos de estocada são realizados em frente ao corpo.

8. Kung Fu: Contra-Ataque.

Para esta atividade serão necessários bastões de madeira (cabos de vassoura), e que a turma seja dividida em duplas. Além disso, os alunos devem ser orientados quanto a aplicação de força e que apenas façam a marcação do golpe, não atingindo o oponente.

A dupla deve se colocar frente a frente. Um aluno realizará o ataque na diagonal, movendo o implemente de baixo para cima; enquanto o outro deve defender-se com uma das pontas do bastão, e em seguida contra-atacar, movendo o implemente em meio círculo para acertar o adversário.

Nesta atividade, a empunhadura consiste em mãos no centro do bastão, afastadas o suficiente para equilibrá-lo.

9. Kendô: Ataque frontal.

Para esta atividade serão necessários bastões de madeira (cabo de vassoura) e bolas de basquete.

Inicialmente, a turma será dividida em duplas e cada aluno receberá uma função. O primeiro será responsável por quicar a bola; enquanto o segundo deverá atacar a bola com o bastão realizando a movimentação correta.

Para o ataque, será necessário que o aluno esteja em base, isto é, pernas afastadas e joelhos semiflexionados, segurando o bastão verticalmente na altura do tronco. O movimento consiste em avançar um passo largo simultaneamente ao movimento frontal do bastão.

A empunhadura correta consiste em: mão esquerda na base do bastão e a direita logo acima, sem espaço entre estas.

10. Kenjutsu: Defesa.

Para esta atividade serão necessários balões canudo ou espaguetes de piscina (divididos no meio).

Em duplas, os alunos devem se posicionar em base, com as pernas afastadas, joelhos semiflexionados e o espagete em mãos. A empunhadura deve ser como a de uma espada, uma mão logo acima de outra na base do objeto.

A dupla deve dividir as ações e intercalar conforme andamento da atividade. Um aluno deve atacar com movimentos de cima para baixo e laterais; enquanto o outro realizará defesas.

As defesas dependem da direção do ataque, e devem ser realizadas com bastante firmeza para suportar o impacto. Para as defesas de ataques de cima, o aluno deve posicionar a espada acima da cabeça em posição horizontal. Para os ataques laterais, o aluno deve posicionar a espada apontando para baixo ao lado do corpo.

Lutas Mistas

1. Derruba Garrafa.

Para esta atividade, a turma deve ser dividida em duplas. Será necessário delimitar uma área no tatame e posicionar uma garrafa vazia no centro.

Os participantes podem iniciar a atividade de pé, agachados ou ajoelhados dentro do espaço. Cada adversário tem como objetivo derrubar a garrafa utilizando o corpo do oponente, sendo permitido puxar, empurrar, agarrar braços e pernas.

2. Meia Projeção.

Este jogo tem como objetivo a entrada para a projeção. Para realizá-lo, é necessário dividir a turma em duplas e posicionar os participantes frente a frente.

Um dos oponentes terá preso em seu calcanhar um balão (não muito cheio). O objetivo é pisar no objeto, mas para isso, o aluno terá de realizar a entrada para a projeção. Isto é, segurar o colega e passar o quadril pela lateral, alavancando o adversário.

Não é necessário realizar a projeção completa e derrubar o oponente, apenas pisar sobre o balão.

3. Desequilíbrio: ombros.

Para esta atividade será necessário que a turma seja dividida em duplas e que cada uma receba um arco.

Os alunos devem se colocar frente a frente, com um pé dentro do arco enquanto seguram o oponente pelos ombros. Dessa forma, o objetivo é tirar o adversário de dentro do arco somente empurrando e movendo-o pelos ombros.

Não é permitido tirar as mãos do oponente ou segurá-lo em outra parte.

4. Jacaré imobilizado.

Este exercício simula a movimentação no chão combinada à imobilização.

Para esta atividade será necessário que a turma seja dividida em duplas e que os alunos se disponham frente a frente em posição de prancha com braços estendidos. Os oponentes devem tentar derrubar um ao outro com puxões, sem apoiar os joelhos no solo.

É permitido também que se movimentem para frente, para trás, e para as laterais.

O aluno que foi derrubado deve ser imobilizado por pelo o menos 5 segundos, para isso, o adversário usará somente o peso do próprio corpo.

É permitido tentar escapar da imobilização, caso ocorra, a partida recomeça.

5. Meia rasteira.

A atividade consiste em derrubar o oponente, tendo como objetivo desequilibrá-lo com uma meia rasteira.

A turma deve ser dividida em duplas sobre um tatame. Para iniciar a atividade, os alunos devem se posicionar frente a frente, com os pés afastados e joelhos semiflexionados. O primeiro ataque deve buscar agarrar o ombro do oponente e só pode ser realizado com a mão aberta; para completar o movimento, é necessário passar o pé por trás do calcanhar do adversário; por fim, empurrar o ombro e puxar o calcanhar simultaneamente, causando o desequilíbrio e a queda.

É permitido que os oponentes se esquivem ou defendam-se.

Os movimentos de mãos e pés contra o oponente são espelhados, isto é, mão direita ataca ombro direito e vice e versa.

6. Cotovelada e desequilíbrio.

A atividade é composta por uma combinação de movimentos, a cotovelada e uma meia projeção. Dessa forma, é necessário dividir a turma em duplas e posicioná-las frente a frente sobre um tatame. Os movimentos devem ser realizados por um aluno de cada vez. O primeiro aluno servirá como auxiliar, ou seja, receberá os golpes. Para a cotovelada, posicionará a mão aberta na altura do rosto, mas afastada lateralmente deste.

O segundo aluno realizará a simulação de uma cotovelada na mão do colega, retornará para a posição inicial e então realizará a meia

projeção, passando o quadril pelo lado do oponente e puxando-o pelo tronco.

Não é necessário derrubar o colega auxiliar, apenas desequilibrá-lo.

7. Defesa de chutes.

Esta atividade é composta por uma combinação de movimentos para desequilíbrio e defesas de chutes. Dessa forma, serão necessários balões, barbante e que a turma seja dividida em duplas. Cada aluno terá um balão preso a um dos pés. É importante deixar sobra de barbante. O objetivo da atividade é estourar o balão do oponente, realizando a movimentação para desequilíbrios ou projeção. A defesa permitida é a mesma utilizada para proteger-se de chutes, isto é, elevando a perna em direção ao tronco, com o joelho flexionado e apontando para cima.

Vence aquele que conseguir estourar o balão do adversário.

8. Imobilização pega rabo.

Para a atividade é necessário dividir a turma em duplas, cada aluno receberá uma tira de tecido e deverá prendê-lo no quadril.

A atividade inicia com os alunos ajoelhados frente a frente, tendo como objetivo roubar a tira de tecido do oponente quando este estiver imobilizado. Para isso, é permitido usar os braços e corpo para derrubar, empurrar, agarrar o adversário.

A imobilização deve ser feita somente com o peso do corpo.

9. Rasteira frontal.

Para esta atividade a turma deve ser dividida em duplas, e os alunos posicionados sobre o tatame.

Para iniciar, os alunos devem se colocar frente a frente, com uma base firme e confortável, enquanto seguram o oponente pelos ombros. O objetivo da atividade é causar uma distração com a movimentação de braços e puxar um dos pés do oponente com o

calcanhar formando uma alavanca que, unida à distração, irá desequilibrar ou derrubar o adversário.

10. Fuga de imobilização.

Para esta atividade a turma deve ser dividida em duplas, e os alunos posicionados sobre o tatame.

Inicialmente, um aluno realizará a imobilização, deitando o tronco sobre o oponente e abraçando-o. Para a fuga, o aluno deve afastar o corpo do adversário com o antebraço, ao mesmo tempo em que gira o quadril na mesma direção. O objetivo é fugir da imobilização e afastar-se do oponente.

Pode ser definido um tempo limite para fuga, caracterizando uma partida competitiva entre os alunos.

Sobre os organizadores

Flávio Py Mariante Neto: Doutor e Mestre em Ciências do Movimento Humano pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Licenciado em Educação Física pela UFRGS. Atualmente, é Professor e Pesquisador do Departamento de Educação Física da Universidade Luterana do Brasil.

E-mail: flaviomariante@hotmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4278239673849594>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3240-9914>

Daniel Giordani Vasques: Doutor em Ciências do Movimento Humano pela UFRGS Licenciado e Mestre em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Realizou Pós-Doutorado em Ciências do Movimento Humano pela UFRGS. Atualmente, é Professor e Pesquisador do Departamento de Educação Física, Fisioterapia e Dança e do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da UFRGS.

E-mail: daniel.vasques@ufrgs.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9104110072245556>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8955-9676>

LUTAS NA ESCOLA

REFLEXÕES E POSSIBILIDADES METODOLÓGICAS

Flávio Py Mariante Neto
Daniel Giordani Vasques
(orgs.)

Em 'Lutas na Escola: reflexões e possibilidades metodológicas', mergulhamos em uma obra que transcende as fronteiras entre a pesquisa acadêmica e a prática pedagógica, oferecendo uma visão abrangente e reflexiva sobre o ensino das lutas na Educação Física escolar. O texto foi escrito por professores-pesquisadores imersos na interface entre pesquisa e prática, conduzindo os leitores por um intrigante itinerário, destacando as possibilidades metodológicas de incorporar as lutas como conteúdo estruturante do ensino, ao mesmo tempo que nos confrontamos com os desafios e barreiras enfrentados por educadores e alunos.

